CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO
E INFORMAÇÃO
COTA CDI RES 72
C. M. O.



# Oeiras XXI

PLANO ESTRATÉGICO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

1º RELATÓRIO

DIAGNÓSTICO SELECTIVO PRELIMINAR

VOLUME II

SISTEMA AMBIENTAL



# ÍNDICE

I - Clima	Pág.
4.1.1.2.2.2.2.	4
1. Introdução	
2. O Clima do Concelho de Oeiras	
2.1 Características Climáticas do Concelho de Oeiras	1
2.2 Conclusão sobre o Clima no Concelho de Oeiras	
3. O Relevo de Oeiras e o Clima	
3.1 A Influência do relevo no Clima do Concelho de Oeiras	4
4. Os Volumes Construídos e os Climas Locais	4
5. Conclusões	5
II - Qualidade do Ar	
1. Introdução	
2. Qualidade do Ar em Oeiras	7
2.1 A Qualidade do Ar na Zona Noroeste do Concelho	8
2.1.1 Dióxido de Enxofre (SO2)	
2.1.2 Oxidos de Azoto (NO-NO2-NOx)	9
2.1.3 Monóxido de Carbono (CO) 2.1.4 Ozono (O3)	10
2.1.5 Partículas em Suspensão	12
2.1.6 Resumo	
2.2 A Qualidade do Ar em outras Zonas do Concelho	
2.2.1 Odores / Maus Cheiros	13
2.2.2 Incineradoras2.3 Tráfego Rodoviário	
2.2.4 Indústria e Oficinas	16
2.2.5 Queixas da População	
2.3 Lacunas de Conhecimentos e Recomendações	17
III - Geologia, Hidrogeologia e Recursos Hídricos	
1. Introdução	19
2. Unidades Geológicas em Oeiras	20
2.1 Calcários e Margas do Albiano-Cenomaniano Inferior e Médio	20
2.2 Calcários com Rudistas do Cenomaniano Superior	20
2.3 Complexo Vulcânico de Lisboa	21





2.4 Rochas do Miocénico	22
2.4.1 "Argilas dos Prazeres"	22
2.4.2 "Areolas da Estefânia"	
2.4.3 "Calcários de Entre-Campos"	
2.5 Aluviões	
2.6 Areias de Praia	23
3. Estrutura e Tectónica	23
3.1 Estrutura e Tectónica no Concelho de Oeiras	23
4. Sismicidade	23
4.1 A Sismicidade no Concelho de Oeiras	24
5. Hidrogeologia	24
5.1 Hidrogeologia no Concelho de Oeiras	
5.1.1 Calcários e Margas do Albiano-Cenomaniano Inferior e Médio	24
5.1.2 Calcários com Rudistas do Cenomaniano Superior	24
5.1.3 Complexo Vulcânico de Lisboa	25
5.1.4 Miocénico	
5.2 Conclusões	
6. Zonas de Máxima Infiltração	
7. Geologia Económica	26
IV - Solos	
4	
1 Introdução	28
2 Os Solos em Oeiras	28
2.1 Os Tipos de Solo e as suas Características Hidrológicas	29
2.2 A Capacidade de Uso do Solo	30
3 Os Factores de Stress do Solo em Oeiras	31
3.1 As Actividades Mineiras e de Extracção	32
3.2 A Contaminação dos Solos	
3.2.1 Áreas Urbanas e Industriais em Oeiras	35
3.2.2 Locais de Deposição de Resíduos Domésticos e Industriais	35
3.2.3 Descargas de Efluentes Líquidos	36
3.2.4 Fontes Lineares de Poluição	37 27
3.2.5 Conclusões sobre a Contaminação dos Solos	
4 Conclusões e Recomendações	41





# V - Linhas de Água

1.	. Introdução	44
2.	. Riscos de Cheias	45
	2.1 Ribeira de Algés	46
	2.1.1 Caracterização do Risco de Cheias	46 47
	2.2 Ribeira da Junça	47
	2.2.1 Caracterização do Risco de Cheias	48 49
	2.3 Rio Jamor	
	2.3.1 Caracterização do Risco de Cheias	49 50
	2.4 Ribeira de Barcarena	51
	2.4.1 Caracterização do Risco de Cheias	51 52
	2.5 Ribeira de Porto Salvo	52
	2.5.1 Caracterização do Risco de Cheias	53 54
	2.6 Ribeira da Laje	54
	2.6.1 Caracterização do Risco de Cheias	54 55
	2.7 Conclusões sobre o Risco de Cheias	55
3.	. Qualidade das Águas das Ribeiras	57
	3.1 Qualidade da Água das Ribeiras para Rega	
	3.1.1 Qualidade da Água da Ribeira de Algés para Rega	
	3.1.2 Qualidade da Água do Rio Jamor para Rega	59
	3.1.3 Qualidade da Água da Ribeira de Barcarena para Rega	60
	3.1.4 Qualidade da Água da Ribeira de Ribeira da Laje para Rega	
	3.2 Qualidade da Água das Ribeiras para Utilização Recreativa	
	3.3 Qualidade das Águas Doces Superficiais sem Utilização Específica	
	3.3.1 Ribeira de Algés3.2 Rio Jamor	ნნ გგ
	3.3.3 Ribeira de Barcarena	68
	3.3.4 Ribeira da Laje	68
	3.4 Levantamento Preliminar de Pontos Negros nas Linhas de Água	69
	3.4.1 Ribeira de Algés	70
	3.4.2 Ribeira da Junça	70
	3.4.3 Rio Jamor	71
	3.4.4 Ribeira de Barcarena	
	3.4.5 Ribeira da Laje	75





4. Patrimonio Natural	78
4.1 Våle da Ribeira da Laje	78
4.2 Vale da Ribeira de Barcarena	79
4.3 Vale do Rio Jamor	80
VI - Orla Costeira	
1. Introdução	81
2. Caracterização Biofísica da Orla Costeira de Oeiras	82
2.1 Configuração e Constituição	82
2.2 Clima	83
2.3 Geologia e Sedimentologia	84
2.4 Fauna e Flora	85
3. Caracterização Hidrodinâmica da Orla Costeira	86
3.1 Regime de Agitação	86
3.2 Regime de Marés	87
4. Caracterização do Património da Orla Costeira	90
4.1 Aspectos Históricos e Usos das Principais Fortificações	90
4.1.1 Forte de S. Julião da Barra	
4.1.2 Bateria da Feitoria4.1.3 Forte de Nossa Senhora das Mercês de Catalazete	
4.1.4 Forte de Santo Amaro ou do Areeiro4.1.4	
4.1.5 Forte de S. João das Maias	92
4.1.6 Forte de Nossa Senhora de Porto Salvo	
4.1.7 Forte de S. Bruno de Caxias	
4.1.8 Forte de S. José de Ribamar4.1.9 Forte de S. Lourenço ou Torre do Bugio	
4.2 Intervenções para a Recuperação do Património	
4.2.1 Forte de S. Bruno	93
4.2.2 Paço Real de Caxias	
4.2.3 Palácio Ribamar	
5. Caracterização das Actividades da Orla Costeira	
5.1 Actividades Piscatórias	
5.1.1 Pesca Artesanal	
5.1.2 Pesca Recreativa	
5.2 Actividades Turísticas e Recreativas	
5.2.1 Passeio Marítimo e Piscina Oceânica	
5.2.2 Centro de Férias do Inatel	





	2.1 Taxa de Cobertura	127	
2.	Abastecimento de Água em Oeiras	127	
1.	Introdução	127	
	VII - Abastecimento de Água e Drenagem de Águas Residuais		
8.	Conclusões e Algumas Pistas para Reflexão	124	
	7.2.8 Aquário Vasco da Gama		
	7.2.5 Marina do Jamor	122 123	
	7.2.3 Fontaínhas7.2.4 Marina de Paço de Arcos	120 121	
	7.2.1 Passeio Marítimo de Oeiras		
	7.2 Descrição de Intervenções		
	7.1.1 Medidas de Curto Prazo	118	
1.	7.1 Medidas do Programa de Referência		
7			
	6.7 Segurança e Riscos		
	6.6 Qualidade dos Espaços Naturais		
	6.5 Qualidade do Ambiente Sonoro		
	6.4.1 Praia da Torre	106 106 108 109	
	6.4 Qualidade dos Apoios e Equipamentos das Praias		
	6.3 Qualidade da Areia das Praias	103	
	6.2 Qualidade da Água Balnear		
	6.1 Fontes de Poluição	100	
6.	Qualidade Ambiental da Orla Costeira	100	
	5.2.6 Hotel Sol Palmeiras		
	5.2.5 Instituto de Socorros a Náufragos	99	
	5.2.3 Pousada de Juventude de Catalazete		





2.2 Consumos e Capitações	128
2.3 Esquema de Abastecimento de Água a Oeiras	129
2.4 Reservas e Segurança de Abastecimento	129
2.5 Roturas e Perdas de Água na Rede de Distribuição	
2.6 Estrutura de Consumos e Tarifário	
2.7 Qualidade da Água	132
2.8 Deficiências do Sistema e Respectivas Causas	133
2.9 Principais Estratégias dos SMAS para Melhorar o Sistema	
3. Drenagem de Águas Residuais	134
3.1 Taxa de Cobertura	
3.2 Esquema Geral do Sistema de Drenagem de Águas Residuais	135
3.3 Qualidade dos Efluentes	137
3.4 Deficiências do Sistema de Drenagem de Águas Residuais	
3.5 Principais Estratégias dos SMAS para Melhorar o Sistema	139
3.6 Breve Descrição do Sistema de Esgotos da Costa do Estoril	139
VIII - Resíduos Sólidos	
1 Introdução	142
2 Resíduos Sólidos Urbanos	142
2.1 Produção	142
2.2 Remoção	145
2.3 Tratamento	147
2.4 Destino Final	149
2.5 Projectos de Reciclagem de RSU	151
2.5.1 Projecto de Recolha Selectiva de Embalagens Usadas (Queijas)	152
2.6 Tarifas de RSU	153
3 Resíduos Sólidos Especiais	154
3.1 Resíduos Industriais	154
3.2 Resíduos Clínicos ou Hospitalares e Equiparados	155
3.3 Entulhos	157
3.4 Resíduos Comerciais	157
IX - Energia	
1 Introdução	158
2 Energia em Oeiras	159





	2.1 Fontes Energéticas Existentes no Concelho	161 161 163 165 168
	X - Ruído	
1	. Introdução	171
2	. Qualidade do Ambiente Sonoro em Oeiras	172
	2.1 Queixas sobre a Qualidade do Ambiente Sonoro	172
	2.2 Ruído Associado ao Tráfego	173
	2.3 Lacunas de Conhecimentos e Recomendações	
1.	XI - Sistema de Transportes	176
	. Sistema de Transportes, Acessibilidade e Localização de Actividades	
	2.1 Introdução e Breve Teoria para a Sustentabilidade	
	2.2 Quadro de Origens e Destinos das Deslocações	
	2.3 Tempo Gasto nos Percursos	170
3	. Levantamento dos Principais Estrangulamentos da Rede Viária,	170
	Tráfego e Estacionamento em Oeiras	
	3.1 Algés: Problema Muito Grave	
	3.3 Acessos ao Nó de Linda-a-Velha / Carnaxide da Auto-Estrada A5:	100
	Problema Muito Grave	180
	3.4 Possíveis Estratégias de Intervenção para os Acessos ao Nó de Linda-a-Velha / Carnaxide	
	3.5 Travessia de Porto Salvo: Problema Muito Grave	
	3.6 Possíveis Estratégias de Intervenção para a Travessia de Porto Salvo	183
	3.7 Núcleo Histórico das Vilas de Oeiras e de Paço de Arcos: Problema Grave	183
	3.8 Possíveis Estratégias de Intervenção para os Núcleos Históricos de Oeiras e Paço de Arcos	184





3.9 Carência da Via Longitudinal Norte: Problema Grave	184
3.10 Possíveis Estratégias de Intervenção para a Via Longitudinal Norte	185
3.11 Aglomerado de Queijas: Problema Grave	
3.12 Possíveis Estratégias de Intervenção em Queijas	
4. Transportes Públicos e Interfaces	
4.1 Transportes Públicos	
4.2 Interfaces	
4.2.1 Interface de Algés	188
4.2.2 Interface de Paço de Arcos	188
4.2.3 Interface de Oeiras	189
4.2.4 Interface da Cruz Quebrada	190
4.2.5 Interface de Caxias	191
4.2.6 Interface de Santo Amaro	191
4.2.7 Interface de Tercena	192
4.2.8 Conclusões sobre os Interfaces	192
5. Caminhos Pedonais e Pistas de Bicicletas	194
6. Consequências Ambientais do Sistema de Transportes	195
6.1 Acidentes de Tráfego em Oeiras	
6.2 Outros Impactes Ambientais	
7. Conclusões e Recomendações	199



# CLIMA



# I - CLIMA

#### INTRODUÇÃO 1.

O clima é uma das variáveis fundamentais de todas as formas de vida. É uma condicionante principal dos ecossistemas na Terra e determinante de vida no planeta.

#### Influência do Clima

O clima influencia-nos independentemente das nossas ocupações. As estações do ano e suas variações determinam os ciclos da vegetação e da produção agrícola. A precipitação, a evaporação e todo o ciclo da água são igualmente condicionados pelo clima.

## Como se estuda o Clima?

O clima é estudado através da medição rigorosa dos variados parâmetros climáticos, como a precipitação, a temperatura e os ventos, em estações climatológicas.

Para melhor estudar os diferentes climas do planeta, foi necessário elaborar uma classificação, baseada nas características médias dos vários parâmetros climáticos. Esta classificação, no entanto, depende da escala de estudo.

#### O Clima de Portugal Continental

Ao nível mundial Portugal Continental possui clima Temperado Mediterrânico. À escala do território de Portugal Continental podem, porém, distinguir-se três conjuntos climáticos:

• Mediterrânico:

No Algarve e no litoral do Alentejo, da Estremadura e da Beira;

• Atlântico:

No Minho; e

Continental:

No interior do Alentejo, da Beira e em Trás os Montes.

#### Fonte de Dados em Oeiras

A caracterização do clima do Concelho de Oeiras foi baseada nos dados recolhidos pela estação meteorológica de Oeiras/Sassoeiros.

#### O CLIMA DO CONCELHO DE OEIRAS 2.

#### 2.1 Características Climáticas do Concelho de Oeiras

Oeiras insere-se no conjunto climático Mediterrânico. Algumas das características climáticas de Oeiras são as seguintes:





#### Temperatura

A temperatura média anual é de 16°C, com a média mínima em Janeiro, de 11.2ºC e a média máxima em Agosto, de 21.4ºC, a que corresponde uma amplitude térmica anual de 10.2°C.

#### Pre cipitação

A precipitação total anual é de **705,7 mm**, correspondendo a 95,7 dias com precipitação superior ou igual a 0,1 mm. Destes, 81 dias receberam valores de precipitação superiores ou iguais a 1 mm, correspondendo apenas a 23,7 dias anuais um total de precipitação diária igual ou superior a 10 mm.

A variação anual da precipitação evidencia um período seco que engloba os meses de Junho a Setembro, sendo os meses mais pluviosos Novembro, Dezembro e Janeiro.

#### Regime Termopluviométrico

A análise das estatísticas termopluviométricas revelam um Inverno tépido e pouco chuvoso e um Verão quente e seco, em que os meses de Junho a Setembro podem ser considerados meses secos.

A amplitude térmica anual é reduzida, efeito da acção moderadora da proximidade do mar. São condições climáticas favoráveis ao turismo, principalmente de praia, e ao conforto humano e habitacional.

#### Regime de Ventos

Da observação dos gráficos da frequência média dos vários rumos dos ventos e a respectiva velocidade média podem tirar-se duas conclusões principais:

- A proveniência mais frequente é de Norte. Quase exclusiva no Verão é, no Inverno, também significativa a frequência de Nordeste.
- A velocidade apresenta uma variação pouco significativa para todos os rumos, mas uma variação importante ao longo do ano, sendo nitidamente superior durante o Verão.

Estas conclusões indicam um maior desconforto imputável ao vento durante o Verão, com ventos provenientes de N.

#### Nebulosidade

Os valores da nebulosidade indicam uma grande frequência de céu limpo, principalmente de Abril a Outubro, proporcionando ao concelho grandes potencialidades turísticas e no que diz respeito ao conforto humano.



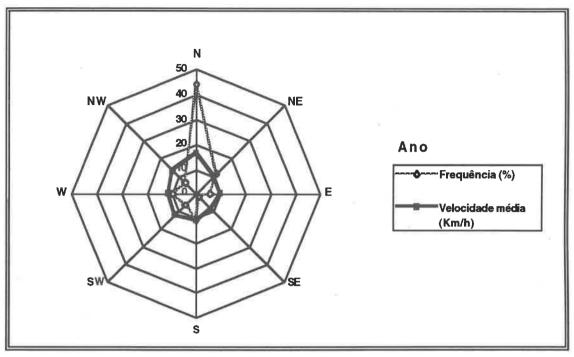


Figura I - 1: Diagrama do regime de ventos médios em Oeiras durante o ano.

#### Insolação

O número de horas de sol no Concelho de Oeiras é bastante elevado. chegando a ser superior a 300 horas mensais, o que proporciona ao concelho um elevado potencial para o aproveitamento de energia solar, para o turismo de praia e para o conforto habitacional.

#### Nevoeiro

O número de dias com nevoeiro apresenta-se baixo durante todo o ano, sendo inferior a 2 dias/mês em 10 meses do ano. São igualmente mínimos o desconforto e a insegurança viária induzidos pelo nevoeiro.

#### Trovoada

O número de dias com trovoada apresenta-se baixo durante todo o ano, sendo praticamente inexistentes durante o Verão, o que aponta para mínimo o desconforto causado pelas trovoadas.

#### 2.2 Conclusão sobre o Clima no Concelho de Oeiras

Como conclusão da análise climática pode referir-se que todos os parâmetros se apresentam favoráveis ao conforto humano excepto o regime dos ventos, especialmente desfavorável durante o Verão. Seguidamente é abordado o efeito que o relevo e os volumes construídos introduzem nos ventos, quer em termos de rumo quer de velocidade.



#### O RELEVO DE OEIRAS E O CLIMA 3.

#### O Relevo do Concelho é Planáltico

O relevo do concelho é planáltico, devido quer à sua estrutura geológica (em camadas pouco inclinadas) quer à erosão marinha que sofreu durante um período de submersão pelas águas do mar.

# Modelado pelas Chuvas e Cursos de Áqua

Este planalto encontra-se modelado pela erosão provocada pelas chuvas e pelos cursos de água. As chuvas provocam a irregularidade dos topos do planalto, os rios o seu entalhe.

#### 3.1 A Influência do Relevo no Clima do Concelho

No que diz respeito aos parâmetros climáticos para o conforto humano, relevo reforça as condições favoráveis atrás nomeadamente a grande exposição ao quadrante sul, mais soalheiro.

#### O Relevo e os Ventos

Apenas no que diz respeito aos fortes e persistentes ventos de norte durante o Verão a situação é agravada, pois os diversos vales têm orientação preferencial N-S, são bastante encaixados e não muito largos, condições favoráveis à canalização dos ditos ventos. Em alguns trechos verificam-se ainda situações de convergência e de aceleração.

#### O Efeito da Vegetação

A vegetação não contribui em Oeiras para a dispersão ou abrandamento dos ventos por ser pouco abundante, principalmente nos principais corredores ventosos.

#### Os Ventos do Topo do Planalto

Os ventos no topo do planalto tendem igualmente a ser fortes, embora não se verifiquem os efeitos de canalização, convergência e aceleração que podem surgir nos vales.

#### OS VOLUMES CONSTRUÍDOS E OS CLIMAS LOCAIS 4.

#### O Clima é Alterado pela Cidade

As áreas construídas introduzem alterações importantes nos vários parâmetros do clima, nomeadamente nas temperaturas, na insolação, na precipitação e nos ventos, contribuindo para a existência de micro-





climas. Pela sua relevância para Oeiras abordam-se só os aspectos referentes aos ventos.

#### **Ventos**

Os ventos encontram nas áreas urbanizadas um maior atrito causador de turbulências. As bandas continuas de edifícios podem originar canalizações, acelerações e outras perturbações no rumo e velocidade.

Em Oeiras, com a intensidade do vento existente, ganha especial significado a possível formação de turbilhões nas proximidades dos edifícios de maior altura e as acelerações causadas pelas bandas edificadas. Refere-se, a título exemplificativo, os turbilhões em torno dos edifícios e espaços vizinhos das Torres das Palmeiras, em Nova Oeiras, ou na Quinta da Terrugem, em Paço de Arcos.

#### 5. CONCLUSÕES

Os ventos são o parâmetro climático que manifestamente causa mais desconforto à população de Oeiras.

#### Proble ma

Existem frequentemente na parte terminal dos vales conjuntos construídos com densidades bastante elevadas (elevado número de pisos) que reforçam o desconforto provocado pelos ventos fortes e persistentes de norte, no Verão através do efeito turbulento.

#### Solução

A solução para este problema a nível do Concelho de Oeiras deverá ser estudada com minúcia e caso a caso por uma equipa pluridisciplinar, cuja investigação deverá indicar, a curto prazo. medidas preventivas pontuais que podem melhorar bastante a situação com reduzido investimento. Por exemplo, através da plantação sistemática de árvores correctamente colocadas.



# Capítulos do Presente Volume II "SISTEMA AMBIENTAL"

- L CLIMA
- П. QUALIDADE DO AR
- GEOLOGIA, HIDROGEOLOGIA E RECURSOS HÍDRICOS III.
- IV. **SOLOS**
- LINHAS DE ÁGUA ٧. (Cheias, Poluição da Água e Património Natural)
- **ORLA COSTEIRA** VI.
- **ABASTECIMENTO DE ÁGUA** VII. E DRENAGEM DE ÁGUAS RESIDUAIS
- **RESÍDUOS SÓLIDOS** VIII.
- IX. **ENERGIA**
- **RUÍDO** X.
- SISTEMA DE TRANSPORTES XI.



# LISTA DE VOLUMES DO DIAGNÓSTICO SELECTIVO PRELIMINAR

Volume 1: Conceitos e Síntese Metodológica

Volume 2: Sistema Ambiental

Volume 3: Sistema Socio-Cultural

Volume 4: Sistema Económico

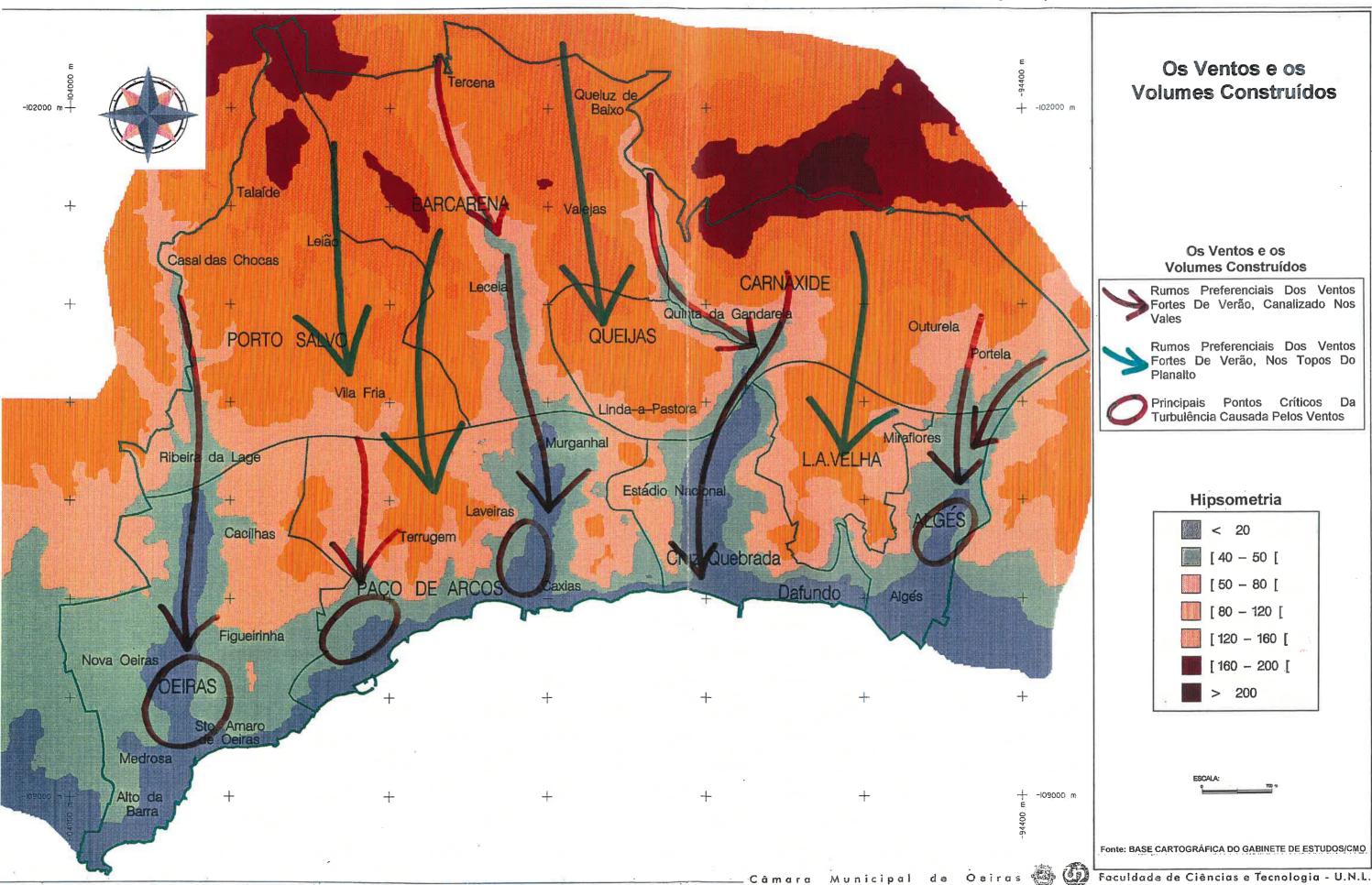
Volume 5: Estrutura Urbana

Volume 6: Anexos

# VOLUME COMPLEMENTAR

1º Forum de Sustentabilidade: Temas de Reflexão Estratégica





# QUALIDADE DO AR

# Agradecimentos

O presente capítulo beneficiou da pronta disponibilização de informação pelo Instituto Meteorológico.



# II - QUALIDADE DO AR

#### INTRODUÇÃO 1.

#### Bom Ar é Essencial

Ar de boa qualidade é essencial para a saúde humana e para a integridade do sistema ambiental em geral. O ar poluído afecta a qualidade de vida da população, com especial relevo para as crianças, idosos e todos aqueles com problemas no sistema respiratório.

#### A Nível Local

A poluição atmosférica a nível local afecta também as plantas, nomeadamente o seu crescimento e a capacidade produtiva, e provoca mesmo a degradação de construções e obras de arte.

#### A Nível Global

A maioria das emissões de gáses poluentes têm origem nas várias actividades humanas (tráfego, indústria, etc.). Afectam não só os locais próximos da fonte emissora mas atingem também sítios a grandes distâncias. Os gáses são facilmente transportados pelos ventos. Depositam-se também na água e no solo.

A nível global a poluição do ar origina um vasto conjunto de problemas como as chuvas ácidas, o aquecimento global do planeta e a destruição da camada de ozono. As consequências negativas são muito variadas.

#### 2. QUALIDADE DO AR EM OEIRAS

#### Boa Qualidade ?

A boa qualidade do ar é frequentemente apontada como um dos factores que influência positivamente a escolha do Concelho de Oeiras para local de residência. Em oposição a Lisboa e a outras zonas da AML, toda a linha de Cascais possui uma imagem correntemente aceite pelo público de desfrutar boa qualidade de ar.

## Carência de Dados

São porém muito escassos os dados científicos disponíveis sobre a qualidade do ar em Oeiras não existindo um sistema de monitorização continua.

#### Campanha Especial

Efectuou-se porém uma campanha especial de caracterização da qualidade do ar na zona da Escola Secundária Aquilino Ribeiro, em



Talaíde-Leião (Noroeste do Concelho) de 21 a 29 de Março de 1996. A campanha foi promovida pelo Instituto de Meteorologia<sup>(1)</sup> que utilizou uma unidade móvel.

#### **Outras Fontes**

Atendendo à grande falta de dados recorreu-se à observação directa no terreno, no caso de emissões de maus cheiros, e à análise de queixas da população sobre a qualidade do ar.

#### A Qualidade do Ar na Zona Noroeste do Concelho 2.1

#### Ocupação Semi-Rural

A ocupação do solo na zona envolvente da Escola Aquilino Ribeiro é predominantemente rural com bastantes zonas de incultos e vegetação de segueiro. Existem também habitações dispersas e pequenos núcleos urbanos. A intensidade de tráfego pode considerar-se bastante reduzida, não havendo grandes vias de tráfego nas imediações.

Para Norte situa-se o Tagus Park e, bastante mais afastadas, algumas unidades industriais, já fora do Concelho. Porém não se verifica a presença de fábricas que possam ser consideradas fontes de importante poluição atmosférica.

Os resultados da campanha especial devem ser interpretados neste contexto de ocupação do território, não sendo válida a sua inferência ou generalização para todo o Concelho.

#### Poluentes Analisados

Os gáses analisados na Escola Aquilino Ribeiro incluem os principais poluentes atmosféricos referidos na legislação Portuguesa e da União Europeia:

- Dióxido de Enxofre (SO2);
- Óxidos de Azoto (NO-NO2-NOx);
- Monóxido de Carbono (CO);
- Ozono (O3);
- Partículas em Suspensão (PS);

<sup>(1)</sup> Nota: O texto inserido neste ponto contem por vezes transcrições do "Relatório da Campanha Especial de Caracterização da Qualidade do Ar, Escola Secundária Aquilino Ribeiro", Marco de 1996, Instituto de Meteorologia.







# 2.1.1 Dióxido de Enxofre (SO2)

#### Breve Teoria

O dióxido de enxofre é considerado um poluente de origem industrial. Provem essencialmente da combustão do carvão e do fúel, embora os veículos com motores a gasóleo também contribuam para a sua emissão. O enxofre (S) libertado por estes combustíveis durante a queima combina-se com o oxigénio (O2) do ar e dá origem ao dióxido de enxofre (SO2). Em combinação com moléculas de água transformase em ácido sulfúrico (H2SO4), dando origem às chuvas ácidas.

Os valores-limite e guia fixados na legislação reportam-se a parâmetros estatísticos baseados em dados diários.

#### No Noroeste do Conceiho

As concentrações de SO2 medidas na estação móvel estiveram sempre claramente abaixo dos valores fixados na legislação vigente. Por exemplo, a média diária obtida para a campanha foi de 10 μg/m3, valor este que se encontra bastante abaixo do valor-guia estipulado para períodos anuais (40 a 60 μg/m3).

# 2.1.2 Óxidos de Azoto (NO-NO2-NOx)

#### Breve Teoria

Dada a sua natureza, os poluentes monóxido e dióxido de azoto (NO e NO2) são normalmente considerados como somatórios das concentrações respectivas. A este somatório é usual atribuir-se a designação de óxidos de azoto (NOx). Em termos de efeito, no entanto, o NO2 é muito mais importante que o NO, o que explica que a legislação apenas fixe os valores-limite e guia para o primeiro.

Os óxidos de azoto resultam da reacção do azoto com o oxigénio durante a combustão a altas temperaturas (centrais térmicas, veículos automóveis, etc.). Estes gáses contribuem para a acidificação do ambiente e, em conjunto com os hidrocarbonetos, para a formação da poluição fotoquímica.

Na definição dos valores-limite e guia, a legislação estabelece como dados base, médias horárias ou inferiores à hora.

#### No Noroeste do Concelho

Apesar do universo limitado (os valores fixados na legislação referemse a períodos de 1 ano) constata-se que os valores registados são



bastante inferiores aos fixados por lei. O valor máximo registado para as médias horárias foi de 76 µg/m3 sendo o valor máximo recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) de 400 μg/m3.

# 2.1.3 Monóxido de Carbono (CO)

#### Breve Teoria

O monóxido de carbono é um produto da combustão e, de entre todos os poluentes característicos do tráfego rodoviário, o indicador mais importante da poluição automóvel. As referências normativas consideram, para este poluente, 3 horizontes temporais a vigiar:

- As médias horárias.
- As médias de 8 horas (em termos de valores extremos), e
- As médias diárias (em termos de valores médios).

#### No Noroeste do Concelho

As concentrações médias horárias encontram-se muito abaixo dos valores legais. O valor máximo registado foi de 915 μg/m3, sendo o valor-limite legal para este período de tempo de 40.000 μg/m3. A OMS recomenda valores máximos para a protecção da saúde de 30.000 ug/m3. Para a média de 8 hora e para as médias diárias os valores encontrados são igualmente largamente respeitados.

# 2.1.4 Ozono (O3)

#### Breve Teoria

O ozono a níveis elevados da atmosfera, a cerca de 20 a 30 Kms de altitude, é um gás muito útil porque nos protege das agressivas radiações ultravioletas causadoras por exemplo de cancros na pele. É indispensável para a vida no planeta.

O ozono a baixas altitudes, próximo da superfície da terra, é um gás muito prejudicial pelo seu elevado poder oxidante. Ataca os pulmões e todas as mucosas do corpo humano (olhos, garganta, etc). Afecta também o crescimento das plantas com redução da produção agrícola e florestal.

Ao contrário dos outros gáses poluentes, o ozono não tem fonte própria, formando-se a partir da acção da luz solar e do calor sobre os óxidos de azoto e compostos orgânicos voláteis. Nos países com muita luz e



verões quentes, como é o caso de Portugal, existem condições muito propicias à sua formação caso existam os gáses que lhe dão origem.

Na definição dos valores guia para o ozono (naturalmente a baixas altitudes) a legislação estabelece 3 horizontes temporais a vigiar:

- As médias horárias.
- As médias de 8 horas (em termos de valores extremos), e
- As médias diárias (em termos de valores médios).

#### No Noroeste do Concelho

Da análise das medições horárias constata-se que os valores de ozono obtidos durante a campanha se situam abaixo dos valores-guia referenciados na legislação para a hora e para o período das 8 horas consecutivas.

#### Limite Ultrapassado

Porém, para as médias de 24 horas o valor-guia Nacional é de 65 μg/m3 e foi ultrapassado. A nível comunitário (Directiva 92/72/CEE) é também este o valor adoptado para o limiar de protecção à vegetação. Este valor foi ultrapassado durante dois dos nove dias da campanha, com valores médios diários de 75 e 70 µg/m3 de ozono.

#### Que Significado?

O valor ultrapassado é o normalmente recomendado para a **protecção** da vegetação. Para a protecção da saúde humana os parâmetros estipulados na legislação dizem respeito só a períodos de 1 e de 8 horas e situam-se respectivamente a 180 e 110 μg/m3. Não tendo estes valores sido ultrapassados depreende-se que a saúde humana não se encontrava nesta zona ameaçada pelo ozono.

Refere-se no entanto que a ultrapassagem dos valores para a protecção da vegetação numa zona praticamente ainda rural e afastada de locais com elevada intensidade de tráfego indicia que noutras zonas do Concelho, mais urbanas e com muito mais tráfego rodoviário, a situação referente ao ozono pode eventualmente colocar problemas.

Existe ainda a adicionar o facto de, como se sabe, o calor e a luz exercerem forte influência na formação do ozono. A temperatura média do ar registado em Março, durante o período da experiência, foi de 15,5° C, sendo os valores extremos da temperatura máxima de 22,8° C



e da temperatura mínima de 10,8°C. Trata-se de valores bastante inferiores aos normalmente verificados durante os meses quentes de verão, fazendo supor que a situação relativa ao ozono nestes meses tenderá a ser pior.

# 2.1.5 Partículas em Suspensão (PS)

#### Breve Teoria

As partículas em suspensão apresentam-se sob a forma de fumos (partículas mais leves), ou de poeiras (partículas mais pesadas) e são libertadas por diversos tipos de fontes (processos industriais, combustão, fontes naturais, etc.).

A legislação estabelece valores médios diários como base dos parâmetros estatísticos calculados para os valores de referência.

#### No Noroeste do Concelho

Embora não atingindo valores preocupantes, há a registar a ocorrência de dois valores de concentrações médias diárias de partículas em suspensão superiores ao valor recomendado pela Organização Mundial de Saúde (120 μg/m3) para a protecção da saúde. Esses dois valores registados superiores foram de 159 e 140 μg/m3.

No entanto, a média obtida para a campanha foi de 106 μg/m3, valor este que se encontra abaixo do valor-limite legislado para a média aritmética (150 μg/m3) para períodos de 1 ano.

#### Significado do Limite Ultrapassado

Pelo conhecimento directo do local julga-se que o limite ultrapassado para as partículas em suspensão seja provocado pelas poeiras levantadas pelas fortes rajadas de vento que se fazem ocasionalmente sentir na zona associadas a actividades de movimentos de terras e a culturas agrícolas de sequeiro típicas do local.

Elevada quantidade de poeiras no ar pode indiciar fenómenos de erosão do solo, não contrabalançados por vegetação arbórea e arbustiva generosa.

A ultrapassagem do limite estipulado significa neste caso algum desconforto ambiental, mas provavelmente sem consequências de maior sobre a saúde da população.





Sublinha-se no entanto que a medição dos valores ocorreu no mês de Março, numa época do ano em que ainda existe uma cobertura herbácea abundante e alguma humidade no solo. Muito provavelmente durante os meses quentes e secos da época estival registar-se-iam valores bastante mais elevados para as partículas em suspensão.

#### 2.1.6 Resumo

Num local onde inicialmente seria expectável boa qualidade de ar, só parcialmente foram confirmadas as suposições iniciais.

Relativamente ao SO2, NO2 e CO as concentrações registadas durante a campanha foram sempre inferiores aos valores fixados na legislação nacional e comunitária. O ar tenderá assim a ser de boa qualidade em relação a estes gáses. No entanto o curto período de tempo de duração da campanha não permite efectuar afirmações perentórias.

Para as **partículas em suspensão** e para o **ozono** foram por vezes ultrapassados alguns valores recomendados, embora não atingindo, nessa data, valores preocupantes. Em aberto fica a possibilidade de um comportamento bastante pior noutras condições atmosféricas e em estações do ano menos favoráveis.

#### 2.2 A Qualidade do Ar em outras Zonas do Concelho

Não são conhecidas medições da qualidade do ar noutras zonas do Concelho. É porém possível identificar algumas fontes emissoras que influenciam negativamente a qualidade do ar em Oeiras.

#### 2.2.1 Odores e Maus Cheiros

#### Central de Compostagem

O parque de maturação da Central de Compostagem de Trajouce localizada no Concelho de Cascais e que efectua o tratamento dos resíduos sólidos urbanos dos concelhos de Cascais, Oeiras e Sintra,



emite um intenso mau cheiro que frequentemente atinge vários milhares de munícipes de Oeiras.

O mau cheiro proveniente do parque de maturação, onde estão muitas toneladas de resíduos, é essencialmente devido à ocorrência de alguma decomposição anaeróbica da matéria orgânica (ou seja, sem ar em quantidade suficiente). Neste processo anaeróbico formam-se gáses como o metano, com odor muito desagradável.

A área afectada abrange a zona **Sudoeste do Concelho**, muito densamente habitada, e depende da intensidade e direcção do vento. Existe um projecto para cobrir a zona do parque de maturação evitando assim a dissipação dos maus cheiros. A obra irá ser lançada a concurso no final de 1996, prevendo-se que a construção se inicie na primavera de 1997. Conta com financiamento substancial da União Europeia.

#### Troços de Ribeiras

A decomposição da elevada carga orgânica transportada nas ribeiras origina com frequência maus cheiros nas margens e áreas envolventes. A intensidade dos cheiros varia ao longo da ribeira e oscila com a carga poluente, velocidade de escoamento do caudal e condições climáticas.

Os troços mais críticos das ribeiras são os mais próximos das descargas dos esgotos<sup>(2)</sup> e, devido à reduzida velocidade velocidade de escoamento, os troços junto da foz.

#### Exemplo

Por exemplo, o troço final da Ribeira da Laje, junto ao Jardim de Oeiras, emite frequentemente maus cheiros muito desagradáveis tornando o parque infantil, a esplanada e o desfrutar do restante jardim muito pouco atraente.

#### 2.2.2 Incineradoras

Existem no Concelho várias incineradoras de pequena dimensão sobretudo para eliminação de resíduos sólidos perigosos. Geralmente

<sup>(2)</sup> Sobre este assunto e para a localização dos pontos já identificados de descarga de esgotos nas linhas de água ver o Capítulo V - Linhas de Água.



pertencem a instituições de investigação científica e de prestação de servicos de saúde como sejam o Instituto Gulbenkian de Ciência, o Instituto de Tecnologia Química e Biológica, o Complexo Social das Forcas Armadas, o Centro de Saúde de Oeiras e o Hospital de Santa Cruz. É muito provável que o número de incineradoras pertencentes a outras entidades seja bastante maior.

#### Dioxinas e Outros

A combustão dos resíduos provoca a emissão de gáses muito poluentes e perigosos para a saúde humana, como sejam as dioxinas. Cada tonelada de resíduos incinerados produz cerca de 5.000 m3 de gáses de combustão altamente contaminados e muito perigosos.

#### Tratamento Muito Difícil

O tratamento destes gáses é indispensável, muito complexo e extremamente caro. A aplicação das melhores técnicas de depuração dos gáses exige a mobilização de guase o mesmo montante financeiro que a construção da restante parte da incineradora.

O tratamento eficaz dos gáses passa por uma fase de pos-combustão onde a temperatura não deve ser inferior a 1200ºC. Os gáses entram seguidamente num permutador de calor para arrefecimento, podendo o calor ser aproveitado. Segue-se um precipitador electrostático para remoção de partículas e uma lavagem de gáses em contra-corrente para arrastar substâncias indesejáveis.

Caso se utilize este tipo de equipamento para tratamento dos gáses pode haver eficiências da ordem dos 99,7%.

#### Que Emissões em Oeiras ?

Atendendo a que muito provavelmente a maioria das incineradoras existentes não dispõe de um eficiente sistema de tratamento dos gáses considera-se que constituem um potencial foco de emissões poluentes.

Estima-se que os riscos associados possam ser relativamente elevados por causa da agressividade dos gáses e da proximidade a zonas muito sensíveis (habitações, etc.), já que estes equipamentos estão geralmente integrados no interior do tecido urbano.

#### Inventário das Incineradoras

A promoção de um inventário das incineradoras existentes no Concelho de Oeiras e suas características de funcionamento





constituiria um instrumento base para reduzir os prováveis efeitos negativos destes equipamentos sobre a qualidade do ar e sobre a saúde humana.

# 2.2.3 Tráfego Rodoviário

#### Forte Poluente

Os veículos automóveis são uma das principais fontes no Concelho de emissões dos seguintes gáses poluentes (para maior detalhe, ver Capítulo XI - Sistema de Transportes).

- Óxidos de azoto.
- Monóxido de carbono,
- Hidrocarbonetos.
- Chumbo, e
- Partículas em Suspensão.

As zonas urbanas envolventes das vias com maior intensidade de tráfego são aquelas que estarão sujeitas a pior qualidade do ar no referente a estes parâmetros.

#### Locais com Problema?

Atendendo à direcção dos ventos dominantes é **provável** que os locais mais afectados pela poluição atmosférica sejam:

- A zona sul próxima da auto estrada Lisboa-Cascais e em torno dos nós de acesso,
- A faixa envolvente da CREL,
- As imediações da estrada marginal, e
- O centro dos principais núcleos urbanos (Algés, Oeiras, etc).

#### Necessidade de Medição

Tendo em conta a quase inexistência de dados sobre a qualidade do ar, revela-se importante realizar medições regulares e sistemáticas.

#### 2.2.4 Indústrias e Oficinas

No Concelho não se encontram implantadas grandes unidades industriais fortemente poluidoras do ar. Existem porém zonas industriais que necessitam de cuidada atenção e pequenas oficinas dispersas pelo tecido urbano que manuseiam produtos poluentes.





O efeito cumulativo destas fontes potenciais de poluição do ar pode ser muito importante. Os riscos são também elevados porque os potenciais focos de emissões estão geralmente localizados no interior do tecido urbano, muito próximo de habitações. Devem merecer especial atenção os seguintes potenciais focos de poluição:

- Bombas de gasolina (Emanação de hidrocarbonetos especialmente na operação de encher os depósitos de combustível subterrâneos pelos camiões cisterna, assim como na colocação do combustível nos depósitos dos automóveis),
- Oficinas de carpintaria e serrações (Emissões de pó e partículas em suspensão),
- Oficinas de tipografia (Emanação de solventes orgânicos)
- Oficinas de pintura de automóveis (Emanação de produtos existentes nas tintas).

# 2.2.5 Queixas da População

Existem algumas queixas da população relativamente à qualidade do ar. Dizem essencialmente respeito a problemas gerados por fábricas que no âmbito do seu sistema produtivo geram poluição do ar. As queixas conhecidas referem-se a:

- Fábrica das baterias TUDOR AUTOSIL em Paço de Arcos cujo problema de poluição atmosférica está praticamente resolvido com a colocação de filtros.
- Fábrica de casquilhos e material eléctrico SCHREDER, em Carnaxide, à qual foram efectuados exames pelo Instituto Ricardo Jorge, estando o problema de poluição do ar mais ou menos sob controlo.
- Fábrica da SCHINDLER (em frente ao cemitério, na EN 117 -1), sobre a qual recaiem queixas dos moradores que residem próximo do local de implantação da fábrica e que se referem a gáses muito oxidantes.
- Fábrica da Valentim de Carvalho.

# 2.3 Lacunas de Conhecimentos e Recomendações

Há grande carência de dados sobre a qualidade do ar no Concelho de Oeiras. Existe a noção relativamente generalizada que o ar seria de boa qualidade não parecendo por isso ser um assunto a merecer atenção prioritária. Em alguns locais esta suposição é claramente





errada no referente a mau cheiros, detectáveis sem necessitar do auxilio de instrumentos de medição.

Em relação aos gáses poluentes não registados directamente pelo orgão olfativo, o ozono e as partículas em suspensão ultrapassam por vezes os limites legais. Nas medições efectuadas tanto o local como as condições climáticas favoreciam bons resultados, não representativos de grande parte do Concelho nem durante todo o ano.

De facto, o local onde as medições foram efectuadas possui características semi-rurais, está longe de unidades industriais e encontra-se afastado de vias com elevada intensidade de tráfego. Estas características são claramente distintas da restante parte do concelho fazendo supor que a qualidade do ar possa aí ser pior.

#### Recomendações

Para colmatar a carência de informação seria recomendável efectuar prioritariamente:

- Uma campanha de caracterização da qualidade do ar com uma unidade móvel em alguns pontos estrategicamente escolhidos e em diferentes estações do ano.
- Um inventário municipal das principais fontes emissoras de gáses poluentes.

# GEOLOGIA HIDROGEOLOGIA E RECURSOS HÍDRICOS

#### Agradecimentos

O presente capítulo teve a preciosa colaboração e a pronta disponibilização de informação do Gabinete de Desenvolvimento Municipal e do Gabinete de Estudos da Câmara Municipal de O eiras.



# III - GEOLOGIA, HIDROGEOLOGIA E RECURSOS HÍDRICOS

#### INTRODUCÃO 1.

#### Breve Teoria

A geologia é a ciência que estuda as rochas, a sua formação e a sua evolução. Os tempos geológicos estendem-se desde a formação da Terra, pensa-se há 4.600 mil milhões de anos (M.a.), até à actualidade. Ocupa-se ainda do estudo da dinâmica da Terra quer à sua superfície, quer no seu interior, abrangendo o estudo dos sismos e dos vulcões.

Assim, quando se fala da geologia de uma dada região, devem ser referidos os tipos de rochas que nela ocorrem, as suas idades, se se encontram ou não afectadas por fracturas, o seu comportamento em relação à água (características hidrogeológicas) e as suas potencialidades económicas.

#### Tipos de Rochas:

As rochas classificam-se em três grandes grupos: rochas sedimentares, rochas magmáticas e rochas metamórficas.

#### Rochas Sedimentares

As rochas sedimentares geram-se à superfície da Terra ou muito próximo desta e resultam da deposição e acumulação de partículas transportadas pelas águas dos rios, pela água do mar e pelo vento. Podem formar-se também devido à acumulação de fragmentos de conchas e corais. Deste grupo de rochas fazem parte muitos tipos, entre os quais os calcários, as margas, as areias, as argilas e os arenitos.

## Rochas Magmáticas

As rochas magmáticas formam-se a partir da solidificação do magma que é a massa rochosa em fusão no interior da Terra. Quando o magma não atinge a superfície solidifica em profundidade, dando origem às rochas magmáticas plutónicas, como o granito. Pelo contrário, se o magma consegue atingir a superfície dá origem à formação de vulções, arrefece rapidamente e gera rochas magmáticas vulcânicas, como o basalto.

#### Rochas Metamórficas

As rochas metamórficas formam-se a partir de outras rochas já existentes quando, no interior da Terra, são submetidas a pressões e temperaturas elevadas, originando rochas como o mármore.





#### 2. UNIDADES GEOLÓGICAS EM OEIRAS

Dois Grupos: Rochas Sedimentares e Vulcânicas

Na área abrangida pelo Concelho de Oeiras afloram dois grupos de rochas de natureza diferente: rochas sedimentares e rochas vulcânicas. No primeiro grupo individualizam-se três sub-grupos quer devido à diferença de idade das rochas quer à sua constituição.

# 2.1 Calcários e Margas do Albiano-Cenomaniano Inferior e Médio

Desta unidade geológica sedimentar fazem parte as rochas mais antigas do Concelho que têm uma idade compreendida entre os 107 e os 98 M.a. Estas rochas apresentam-se em bancadas de espessura variada e encontram-se representadas principalmente por arenitos finos (areias finas consolidadas e agregadas por um cimento natural), calcários, calcários argilosos e margas (calcário + argila).

#### Fósseis Frequentes

Em algumas das bancadas são frequentes os fósseis (restos de seres vivos, que viveram há milhões de anos, e que ficaram preservados nestas rochas). Apresentam em geral tonalidades claras que variam entre o cinzento, o bege, o amarelo e o castanho. Estas rochas depositaram-se em meio marinho litoral ou um pouco mais profundo.

# 2.2 Calcários com Rudistas do Cenomaniano superior

Sobre as rochas já descritas depositou-se um outro grupo de rochas sedimentares denominado "Calcários com Rudistas" pertencentes ao Cenomaniano superior (98 M.a. a 93 M.a.). São rochas que também se apresentam em bancadas de espessura variável mas, de um modo geral, mais espessas do que as anteriormente referidas.

Deste sub-grupo de rochas fazem parte principalmente calcários de cor cinzenta clara, com uma dureza considerável, contendo fósseis, entre os quais os rudistas são os mais abundantes (os rudistas são seres vivos bivalves que existiram no passado). A figura seguinte ilustra um rudista (Caprina) mas deve ter-se em atenção que estes atingiam dimensões da dezena de centímetros.



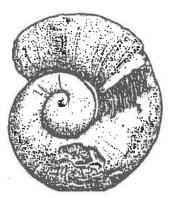


Figura III - 1: Ilustração de um rudista.

Estas rochas por vezes encontram-se muito fracturadas e carsificadas (chama-se carsificação à erosão provocada pela água das chuvas nas rochas calcárias que desgasta as suas superfícies bem como o seu interior e abre cavidades como as grutas). Depositaram-se em ambiente marinho pouco profundo.

# 2.3 Complexo Vulcânico de Lisboa

Sobre as rochas anteriormente descritas ocorrem os basaltos, designados por "Complexo Vulcânico de Lisboa" e pertencentes ao Neo-Cretácico (»72 M.a.). São rochas vulcânicas de cor negra que se formam a partir da solidificação da lava líquida que escorre dos vulcões.

Estas rochas formaram-se durante um período da história geológica em que toda a região de Lisboa esteve submetida a actividade vulcânica (tal como se verifica actualmente nos Açores) terrestre e são as mais abundantes no Concelho.

Além dos basaltos também ocorrem neste grupo intercalações de piroclastos (rocha que se forma a partir da acumulação de pequenos fragmentos de lava expulsos para o ar com violência pelo vulcão e que se vão acumulando no chão).

Estas rochas vulcânicas encontram-se por vezes muito alteradas (nas suas propriedades químicas e físicas), chegando mesmo a estar completamente transformadas em argilas nalguns locais.





#### 2.4 Rochas do Miocénico

As rochas pertencentes ao Miocénico (25,5 a 5 M.a.) ocorrem sobre o Complexo Vulcânico de Lisboa. Como se pode verificar a partir das idades destas duas unidades há um período de tempo do qual não existe registo geológico no Concelho. Este facto pode dever-se a não ter havido deposição de rochas e/ou à erosão destas, posteriormente. Estas rochas formaram-se em ambiente marinho pouco profundo ou lagunar.

# 2.4.1 "Argilas dos Prazeres"

Trata-se de uma formação com variações laterais e verticais de fácies bastantes significativas que no Concelho se encontra representada por argilas, grés finos, margas, calcários fossilíferos, bancadas de calcários com níveis argilosos e outros calcários mais rijos com raros grãos de quartzo.

#### Ribeira da Laje

Em alguns locais, nomeadamente próximo da Ribeira da Laje, ocorrem também estratos com seixos rolados principalmente de rochas sedimentares e algumas vulcânicas, que assentam directamente sobre o basalto ou muito próximo dele.

#### 2.4.2 "Areolas da Estefânia"

Da formação designada por este nome fazem parte margas com grandes grãos de quartzo, arenitos finos com cimento calcário, calcários, calcários margosos, calcários tufáceos, calcários gresosos, margas com concrecções calcárias e algumas cascalheiras.

#### 2.4.3 "Calcários de Entre-Campos"

Sob esta designação ocorrem molassos, calcários, lumachelas (rocha constituída quase exlusivamente por fragmentos de conchas) e calcários fossilíferos.

#### 2.5 Aluviões

As aluviões são depósitos de cobertura recentes e encontram-se no fundo dos vales. São constituídos genericamente por seixos, grãos de areia, siltes, argilas e matéria orgânica. Em Oeiras são mais





abundantes nas partes vestibulares dos vales do Rio Jamor e da Ribeira da Laje.

#### 2.6 Areias de Praia

Trata-se também de um depósito de cobertura recente, acumulado pela acção do mar e que se dispõe irregularmente ao longo da linha de costa.

#### **ESTRUTURA E TECTÓNICA** 3.

#### Breve Teoria

Entende-se por estrutura a forma geométrica com que as rochas se dispõem e por tectónica todas as acções exercidas sobre as rochas devido às forças que actuam na zona mais superficial da Terra e que podem originar fracturas, falhas e dobras nas rochas.

#### 3.1 Estrutura e Tectónica no Concelho de Oeiras

Como tem vindo a ser referido, quase todas as rochas presentes no Concelho ocorrem sobre a forma de bancada, pelo que a sua estruturano conjunto apresenta-se tabular, com uma inclinação muito suave para SE.

Esta estrutura tabular encontra-se afectada por algumas falhas (fracturas com movimentação) de direcções NNW-SSE e NNE-SSW, encontrando-se também presentes algumas falhas de direcção N-S.

#### SISMICIDADE 4.

## Breve Teoria

Um sismo ocorre quando se dá uma libertação de energia num ponto no interior da Terra (foco sísmico) e que se propaga até à superfície. A acção dos sismos resulta de um conjunto de vibrações do solo que são transmitidas às estruturas durante a sua ocorrência.

## A Escala de Richter

A caracterização de um sismo pode ser efectuada de uma forma objectiva, quantificando a energia libertada pelo sismo e mede-se numa escala de magnitudes, a escala de Richter (entre 0 e 9).





#### A Escala Internacional

Também pode ser feita de modo mais subjectivo através da verificação dos estragos provocados pelo sismo nas estruturas construídas e nas populações, o que se traduz na intensidade do sismo que se mede na escala Internacional (I a XII).

#### 4.1 A Sismicidade no Concelho de Oeiras

#### Zona de Sismicidade A

O Concelho localiza-se na zona de sismicidade A, ou seja, é a zona do país de major intensidade sísmica. Entre 1901 e 1972 o Concelho foi abrangido por uma intensidade sísmica máxima de VII (escala internacional).

#### Sismo Máximo = VII

Atendendo a este facto sublinha-se a necessidade de se proceder a uma construção anti-sísmica, de acordo com as exigências da zona de sismicidade em que o Concelho se insere, e conforme é exigido no Regulamento de Edificações Urbanas.

#### 5. **HIDROGEOLOGIA**

#### Breve Teoria

A hidrogeologia é o ramo da geologia que se dedica ao estudo das propriedades das rochas relativamente à água, nomeadamente a sua permeabilidade, porosidade, capacidade de retenção e transmissão da água.

# 5.1 Hidrogeologia no Concelho de Oeiras

# 5.1.1 Calcários e Margas do Albiano-Cenomaniano Inferior e Médio

Esta unidade possui uma permeabilidade fraca a média e constitui sistemas aquíferos (lençóis de água) cársicos com camada freática e mantos profundos sobrepostos, sendo os aquíferos estratificados com camada superior livre e camadas inferiores cativas.

# 5.1.2 Calcários com Rudistas do Cenomaniano Superior

Esta unidade é muito permeável e constitui sistemas aquíferos do tipo dos anteriores, mas com aquíferos multicamada com manto superior







livre e cativo em profundidade, possuindo carácter descontínuo importante.

## 5.1.3 Complexo Vulcânico de Lisboa

O Complexo Vulcânico de Lisboa possui uma permeabilidade fraca a média e constitui sistemas aquíferos unicamente com camadas freáticas com aquíferos livres descontínuos de estrutura tabular coexistindo frequentemente com aquíferos suspensos, pelo que se trata de uma formação com baixa aptidão aquífera.

## 5.1.4 Miocénico

As rochas pertencentes ao Miocénico são, de um modo geral, impermeáveis, não originando quaisquer tipo de aquíferos significativos no Concelho.

#### 5.1.5 Aluviões

Possuem uma permeabilidade fraca a média, constituem sistemas aquíferos do tipo do Complexo Vulcânico de Lisboa mas com aquíferos contínuos com porosidade intersticial.

#### 5.2 Conclusão

#### Recursos Reduzidos

Em termos de águas subterrâneas, o Concelho possui recursos reduzidos, dado que as rochas presentes, com excepção dos "Calcários com Rudistas", não são muito permeáveis nem têm grande capacidade de armazenamento de água.

# Pequenos Lençóis de Água e Descontínuos

Os pequenos lençóis de água que existem são, em geral, descontínuos. Porém, se atendermos à quantidade de poços e pequenas captações de água existentes no concelho, verifica-se que este recurso adquire alguma importância local, pelo menos para rega.

#### ZONAS DE MÁXIMA INFILTRAÇÃO 6.

#### Reduzida Extensão

Na carta anexa que representa as áreas de máxima infiltração pode observar-se que estas não são extensas nem abundantes, devido



principalmente às características das rochas. Por isso mesmo devem, pelo menos as maiores, ser cuidadosamente preservadas da impermeabilização e da poluição.

## Metodologia para Detecção das Áreas

Estas áreas de máxima infiltração foram determinadas a partir da intersecção das rochas muito permeáveis (Calcários com Rudistas) e das zonas com declives inferiores a 10%. Posteriormente subtraíram-se as áreas já impermeabilizadas ou comprometidas.

## Riscos de Poluição!

Tratando-se dos Calcários com Rudistas de uma formação na qual a poluição se propaga muito rapidamente e, como tal, com risco elevado e imediato de poluição, deve haver um cuidado muito especial em afastar as fontes potencialmente poluidoras desses locais.

#### GEOLOGIA ECONÓMICA 7.

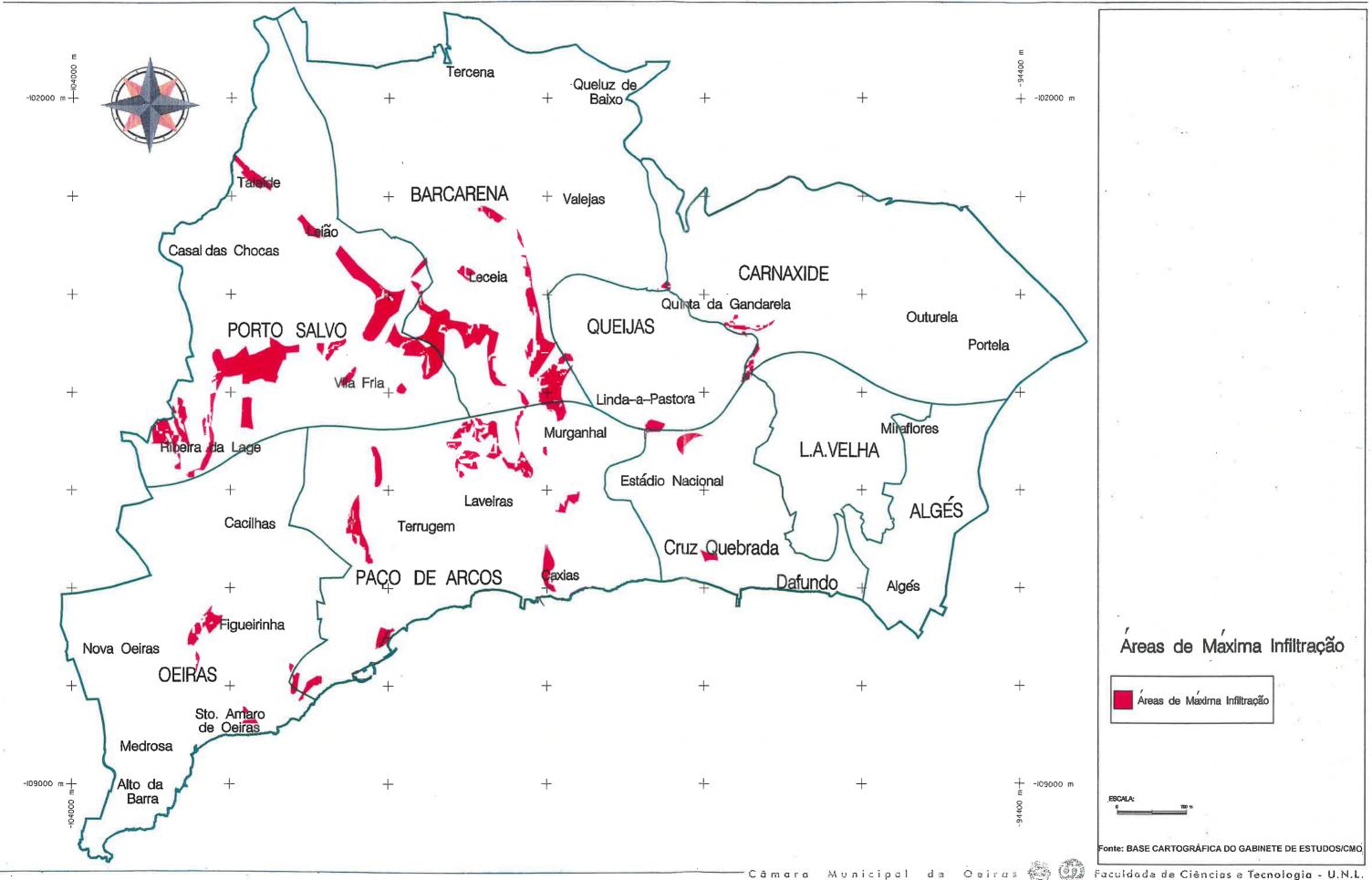
Os calcários com rudistas do Cenomaniano superior são rochas com valor ornamental, quando não se encontram muito fracturadas, utilizadas na construção civil.

No Concelho de Oeiras chegaram a encontrar-se em laboração cerca de 83 pedreiras apesar de actualmente só se encontrarem 5 em exploração.











# Agradecimentos

O presente capítulo teve a preciosa colaboração e a pronta disponibilização de informação do Gabinete de Desenvolvimento Municipal e do Gabinete de Estudos da Câmara Municipal de O eiras.



# IV - SOLOS

# INTRODUÇÃO

#### Breve Teoria

O solo é um sistema dinâmico e vivo, que é formado por uma matriz de constituintes orgânicos e minerais, incluindo uma rede de poros, contendo gáses e líquidos. As características químicas e físicas variam em termos horizontais e verticais em escalas muito diferentes. Os solos contêm populações de bactérias, fungos e animais, cujos produtos metabólicos interferem significativamente na pedogénese.

A organização estrutural de todas estas componentes em dependência dos efeitos conjuntos do subsolo, do clima, da vegetação, dos organismos e do tempo determina o tipo de solo.

#### O Solo é um Recurso não Renovável

Assim, qualquer alteração num destes componentes mencionados pode originar alterações pedológicas. A génese do solo é um processo de longa duração. A formação de 30 cm de solos demora entre 1.000 e 10.000 anos, pelo que o solo deve ser considerado um recurso natural não renovável.

## O Solo é Susceptível à Poluição

O solo age como um receptáculo para a maioria das substâncias poluidoras introduzidas. Estas substâncias, porém, podem ser mobilizadas e libertadas para o ambiente, nomeadamente para as águas subterrâneas. O tempo de permanência dos contaminantes é muito mais longo no solo do que no ar ou na água, ficando os efeitos prejudiciais escondidos durante muito tempo.

#### 2. OS SOLOS EM OEIRAS

Segue-se um diagnóstico sintético sobre os solos no Concelho de Oeiras no que se refere à caracterização de tipos de solos e à respectiva capacidade de uso dos solos existente no Concelho. No ponto 3 serão depois abordadas várias actividades humanas que representam factores de stress para os solos do Concelho.



#### 2.1 Os Tipos de Solo e as suas Características Hidrológicas

Como se viu no Capítulo III (sobre a Geologia em Oeiras), o subsolo do Concelho é predominantemente constituído pela formação geológica denominada por Complexo Vulcânico de Lisboa (CVL) que acenta sobre formações de calcários do Cenomaniano.

Aluviões recentes de forma alongada acompanham as Ribeiras do Concelho. Na faixa costeira marítima a cobertura das praias é constituída por areias predominantemente quártzicas.

## Quatro Tipos de Solos:

Como as rochas existentes no subsolo determinam significativamente o tipo de solo, existem no Concelho, em termos genéricos, 4 tipos de solos, cada um deles em dependência com a sua localização geomorfológica em diferentes estados de maturidade. Seguidamente, serão apresentados estes tipos de solos com as suas principais características hidrológicas:

#### Solos Calcários e Para-Barros

Sobre o Cenomaniano inferior e médio (aflorando maioritariamente a oeste da linha Paço de Arcos - Porto Salvo - Talaíde) desenvolveramse solos calcários pardos normais e para-barros provenientes de margas e calcários compactos interestratificados.

Trata-se de solos com intensidades de infiltração moderadas ou baixas, quando completamente humedecidos. Estes solos possuem, geralmente, uma transmissividade média ou baixa, contribuem para a recarga do aquífero subjacente e podem ser bastante férteis.

#### Solos Calcários Vermelhos

Onde aflora o Cenomaniano Superior (locais de pequena dimensão e muito dispersos, por exemplo a norte de Paço de Arcos e a norte de Porto Salvo) formaram-se solos calcários vermelhos normais e solos mediterrâneos vermelhos de calcários compactos ou dolomias.

Estes solos são bastante densos com um potencial de escoamento superficial elevado e uma transmissividade baixa. No entanto, geralmente, são pouco espessos e cobrem um subsolo cársico.

Nestes locais, existem muitas pedreiras de rochas calcárias. Quando o solo é retirado no começo da exploração, o local passa a ser marcado





por um muito baixo potencial de escoamento superficial, elevadas intensidades de infiltração e uma elevada transmissividade. A precipitação entra livremente no sistema cársico e tem influência significante na recarga de reservatórios de águas subterrâneas aí existentes, e são estes locais os mais perigosos para a poluição das águas subterrâneas.

## • Barros Castanho-Avermelhados

A parte do Concelho onde prevalece o Complexo Vulcânico de Lisboa situa-se a Este da linha Paço de Arcos - Vila Fria - Leião - Talaíde. Desenvolveram-se barros castanhos-avermelhados não calcários ou calcários de basaltos, doleritos ou outras rochas eruptivas ou cristalofílicas.

Trata-se de solos com um elevado potencial de escoamento superficial infiltração muito baixas. e intensidades de completamente humedecidos. Incluem, principalmente, solos argilosos expansíveis, solos com um nível freático permanentemente próximo da superfície e solos com substratos impermeáveis a pouca profundidade. Estes solos possuem uma transmissividade muito baixa.

Nestes sítios existe uma barreira natural à poluição das águas subterrâneas.

#### Aluviossolos

Ao longo dos vales das ribeiras e, especialmente, nas áreas de inundação constituiram-se aluviossolos de textura mediana e pesada, por vezes muito férteis.

#### Praias

As areias das praias do Concelho não apresentam, naturalmente, qualquer formação pedológica.

#### 2.2 Capacidade de Uso do Solo

#### Breve Teoria

Em termos genéricos, a classificação da capacidade de uso do solo em Portugal apresenta cinco classes (A, B, C, D e E) e três categorias complementares referentes a possíveis limitações (e,h,s) conforme a Tabela IV - 1.







Classe	Capacidade de Uso	Limitações	Risco de Erosão	Utilização Prevista
A	Muito elevada	Poucas ou nenhumas	Nulo a moderado	Agricultura intensiva
В	Elevada	Moderadas	Moderado	Agricultura moderada- mente intensiva
С	Mediana	Acentuadas	Elevado	Agricultura pouco intensiva
D	Baixa	Severas	Elevado a muito elevado	Não suscept. de utilização agrícola salvo casos especiais
Е	Muito baixa	Muito severas	Muito elevado	Não susceptível de utilização agrícola

## Categorias complementares:

- Limitações resultantes de erosão e escorrimento superficial a que os solos se encontram sujeitos
- Limitações resultantes de excesso de água no solo, resultante de deficientes h condições de drenagem
- Limitações várias ao nível do solo na zona radicular (pequena espessura s efectiva, secura aliada à baixa capacidade de água utilizável, baixa fertilidade difícil de corrigir, índices elevados de salinidade, alcalinidade etc.)

Fonte: Centro Nacional de Reconhecimento e Ordenamento Agrário.

Tabela IV-1: Classificação da capacidade de uso dos solos e respectivas restrições.

## Em Oeiras, em Regra Solos Pouco Férteis

Ao observar um mapa de Oeiras vê-se que as áreas urbanizadas cobrem uma grande parte do Concelho, nomeadamenta na faixa costeira. A maioria do restante terreno foi classificada como pertencente às classes C. D e E e apresenta, desde já uma qualidade pedológica diminuta.

#### Existem Também Solos Férteis

Existem também solos muito férteis, mas são poucos. O facto de os solos pertencentes às classes A e B serem de pequena extensão e bastante dispersos evidência, desde já, a necessidade de estes solos serem alvo de cuidados especiais.

## 3. OS FACTORES DE STRESS DO SOLO EM OEIRAS

As cargas ambientais sobre o solo podem originar consequências muito negativas e afectar profundamente a sua qualidade.





#### Principais Factores de Stress

As actividades humanas que constituem os factores de stress predominantes no Concelho de Oeiras são:

- A extração de rochas e solos em pedreiras;
- A existência de lixeiras, sucateiros e estaleiros de construção civil;
- A implantação de unidades industriais e a potencial contaminação daí proveniente:
- A descargas de **efluentes** líquidos:
- As intervenções de construção civil, que têm por consequência a selagem de solos.

#### Outros Factores de Stress

Existem mais factores de stress, como por exemplo a agricultura intensiva, a deposição de poluentes provenientes do ar, a erosão, os incêndios, etc. No âmbito do presente diagnóstico selectivo não foi possível uma avaliação genérica dos efeitos provocados por este tipo de factores de stress, uma vez que não existem estudos, estatísticas ou medições sistemáticas e suficientemente detalhados.

#### As Actividades Mineiras e de Extracção 3.1

#### Importância Decrescente

A extracção de rochas ornamentais e para a construção civil sempre teve alguma importância no Concelho de Oeiras, embora com tendência decrescente. No inicio dos anos oitenta existiam cerca de oitenta pedreiras.

Entretano não foram abertas novas pedreiras. Em 1996 só estão a ser exploradas 5 pedreiras, na zona de Laveiras/Caxias.

#### Mais Pedreiras Abandonadas?

Embora não existam muitas informações sobre a actividade mineira no passado, é muito provável de que nas décadas anteriores a 1980 tenham existido muito mais pedreiras, que tenham sido entretanto cheias, e que hoje já não são fácilmente reconhecíveis.

#### Problemas Principais:

Verificam-se vários problemas ligadas ao abandono de pedreiras e à reintegração dos locais na paisagem, nomeadamente:



## • O Solo Destruído Não Pode Ser Recuperado

Como o início de qualquer exploração mineira está sempre interligado à destruição de solos intactos, o abandono contínuo das mesmas, em princípio, abre o caminho para uma nova formação de solos. O solo destruído, porém, foi produto de centenas de anos de pedogénese. Os solos formados depois do abandono são muito recentes e não apresentam, de maneira alguma, as mesmas características. O sistema original das funções dos solos no local nunca mais pode ser recuperado.

#### Erosão

Declives acentuados em áreas marginais de pedreiras podem favorecer a erosão e o desabamento do subsolo e de solos adjacentes.

#### Sistema Hidráulico Perturbado

O funcionamento do sistema hidrológico na envolvente pode ser gravemente afectado (baixa do nível do lençol freático, perturbação da hidrografia cársica, etc.)

#### • Encimento com Materiais Desconhecidos

Os materiais usados para encher as pedreiras abandonadas é de vária ordem (escavações de outros locais, entulho, lixo, etc.), e em geral não é conhecido com detalhe.

#### Pedreiras em Locais com Riscos Ambientais

A maioria das pedreiras do Concelho localiza-se nas aflorações do Cenomaniano Superior. Trata-se, portanto, prioritariamente, de locais cársicos e muito permeáveis. Qualquer das pedreiras abandonadas do Concelho constitui, à partida, um potencial foco de contaminação do solo e das águas subterrâneas.

#### 3.2 A Contaminação dos Solos

#### Origem em Focos

Os problemas de degradação do solo, ocorrem geralmente em locais bem definidos, na maioria dos casos ligados a actividades em agregados urbanos e zonas industriais. Uma excepção é a poluição difusa provocada pelas actividades agrícolas.

#### **Efeitos Dispersos**

A poluição transmite-se e pode atingir grandes áreas. Por vezes, contamina também as águas subterrâneas e aqui a velocidade de





dispersão é bastante maior. Recuperar é depois extremamente difícil. Prevenir é sempre mais eficiente e menos caro do que actuar depois.

# Fontes de Poluição em Oeiras

As fontes de poluição que constituem uma ameaça à qualidade do solo e das águas no Concelho de Oeiras, são representadas na carta em anexo "Carta de Potenciais Focos de Contaminação" e podem ser divididas nas seguintes categorias:

- Áreas urbanas e industriais.
- Locais de deposição de resíduos domésticos e industriais.
- Descargas de efluentes líquidos.
- Fontes lineares, por exemplo estradas, linhas de caminho-de-ferro e sistemas de recolha de águas residuais.

Na Tabela IV-2 apresenta-se um apanhado dos potenciais poluentes relacionados com fontes anteriormente referidas.

#### Avaliação Difícil Carência de Dados

Atendendo que não existe ainda um inventário pormenorizado dos focos de poluição existentes no Concelho de Oeiras, nem estudos sobre a potencial agressão ambiental proveniente da cada um destes focos, não podem ser efectuadas quaisquer avaliações concretas sobre o nível e estado de poluição do solo para o Concelho.

Fontes	Contaminantes Inorgânicos	Contaminantes Orgânicos
Areas Urbanas e Industriais	Metais pesados (Pb, Zn) e sais	PAHs, hidrocarbonetos clorados, (tri- e tetra-cloroetileno), derivados do petróleo, hidrocarbonetos (BTX), etc.
Deposição de resí- duos domésticos e industriais	Sais (Cl <sup>-</sup> , NH <sub>4</sub> <sup>+</sup> ), metais pesados em grande concentração	Orgânicos biodegradáveis e xenobió-ticos concentrados
Descarga de eflu- entes líquidos	Sais, metais pesados	hidrocarbonetos, PAH, pesticidas, etc.
Fontes lineares (estradas,cam. de ferro, etc.)	Sais, metais pesados	PAHs, derivados do petróleo, pesti-cidas

Tabela IV-2: Fontes de contaminação do solo e contaminantes associados.





## 3.2.1 Areas Urbanas e Industriais em Oeiras

## Carga Permanente

Em áreas urbanas e industriais é provável que exista uma carga permanente de poluição no solo (por emissões atmosféricas, injecção de substâncias químicas no solo, armazenamento de gasolinas, deposição de resíduos e águas residuais, rupturas e fugas em condutas e em sistemas de esgoto, acidentes, etc.) sendo estas cargas ainda acumuladas, frequentemente, com contaminações de solo provenientes do passado.

## Terrenos Reciclados podem ser Focos de Poluição Escondidos

O crescimento e a expansão das áreas urbanas e industriais levaram, por vezes, à reutilização de antigas zonas industriais. No planeamento da reutilização destas áreas deve ser dedicada especial atenção à detecção de eventuais focos de contaminação do solo e das águas subterrâneas, que possam originar riscos para a saúde pública.

# 3.2.2 Locais de Deposição de Resíduos Domésticos e Industriais

#### Aumenta a Quantidade de Resíduos Sólidos

O aumento contínuo da quantidade de resíduos produzidos pelas actividades urbanas, coloca o problema do seu destino final. No passado procedeu-se em Oeiras à deposição conjunta de resíduos sem atender à sua origem e composição.

#### Perígo de Poluição Ambiental

A deposição não controlada de resíduos em aterros e lixeiras origina águas lixiviantes, por vezes altamente tóxicas, cuja infiltração livre leva à contaminação do solo e das águas subterrâneas subjacentes. Especialmente em áreas com elevada transmissividade do solo ou subsolo, o grau de contaminação existente é de muito difícil avaliação.

# Duas Antigas Lixeiras do Concelho

As duas antigas lixeiras do Concelho (Vila Fria e Casal de Chocas) encontram-se localizadas em antigas pedreiras de rochas calcárias, pelo que, mesmo quando seladas, continuam a ser um foco de contaminação para os terrenos de cota mais baixa, uma vez que a selagem à superfície não evita o contacto lateral e subjacente dos resíduos depositados com a envolvente.





Nas zonas caracterizadas por solos impermeáveis o perigo é consideravelmente mais pequeno. No entanto, mesmo os solos argilosos não são completamente estanques, pois os lençóis freáticos sob barros estão, a longo prazo, expostos a efeitos de contaminação.

# Deposição de Resíduos Domésticos

Os residuos domésticos são encaminhados para Vila Fria, em Cascais, não afectando directamente a qualidade do solo em Oeiras.

# Deposição de Resíduos Industriais

Sabe-se muito pouco sobre a composição exacta, a quantidades de resíduos industriais e o seu destino final.

## Outros Tipos de Deposição:

Focos de contaminação por deposição não controlada são, também, os sucateiros (dos quais existem três no Concelho e os estaleiros de construção civil (pelo menos dois de grandes dimensões).

#### Sucateiros

As substâncias ambientalmente mais agressivas ligadas à comercialização do ferro-velho são, entre outros, os derivados do petróleo, óleos usados e os ácidos provenientes das baterias de carros.

#### Estaleiros

Nos estaleiros alguns dos elementos mais agressívos para os solos são as tintas, vernizes, decapantes e colas, óleos dos motores, etc.

# 3.2.3 Descargas de Efluentes Líquidos

No que se refere à descarga de águas residuais, a maioria da população de Oeiras é servida com sistemas de recolha e drenagem de efluentes. No entanto, uma parte ainda não despresível dos efluentes domésticos e industriais são descarregados directamente no solo ou nas linhas de água (ver Capítulo V - Linhas de Água e Capitulo VII -Abastecimento de Água e Drenagem de Águas Residuais).

As ribeiras do Concelho percorrem áreas de elevada densidade populacional e industrial, e recebem, por vezes, elevadas cargas poluentes de efluentes domésticos e industriais sem qualquer tratamento (ou com tratamento deficiente).





## 3.2.4 Fontes Lineares de Poluição

Existem, ainda, vários tipos de fontes lineares de poluição, tais como, por exemplo, estradas, linhas de caminho-de-ferro e sistemas de recolha de águas residuais. Estas fontes, ao contrário dos anteriormente mencionados, não originam efeitos de poluição pontuais, mas formam uma rede.

Substâncias poluidoras ligadas aos diferentes tipos de fontes lineares são nomeadamente:

#### As estradas

A circulação rodoviária é fontes geradora de chumbo, metais pesados, poeiras, borracha dos pneus, benzeno, etc. que são arastados pela água das chuvas e se vão acumulando nos solos envolventes.

#### · As linhas de caminho de ferro

A circulação ferroviára e a manutenção das linhas provoca a acumulação de óleos, herbicidas e pesticidas.

## · As redes de esgotos

Pequenas roturas e infiltrações conduzem à descarga de efluentes domésticos e industriais ao longo do traçado.

#### As ribeiras

As águas lixiviantes provenientes dos resíduos sólidos depositados nas imediações e os efluentes domésticos e industriais que transportam, geram cargas sobre os solos.

# 3.2.5 Conclusões sobre a Contaminação dos Solos

## Focos de Contaminação do Solo em Oeiras

Embora não sendo muito industrializado existem vários focos de poluição provável do solo. A certeza da existência da contaminação e a caracterização exacta da sua dimensão só é possível através da realização de análises, que não foram até agora efectuadas.

De entre os potenciais focos destacam-se os seguintes:

- Zonas urbanizadas.
- Usos industriais actuais ou antigos. Nestes últimos refere-se a título de exemplo provável os terrenos da Fundição de Oeiras e uma parte da zona da Fábrica de Pólvora da Barcarena. De entre os atuais refere-se como provável foco a zona industrial próximas da CRIL.





- As bombas de gasolina e outros tanques de armazenamento de petróleo e derivados.
- As antigas pedreiras, cheias de material não conhecido.
- Zona de implantação e envolvente de 2 lixeiras antigas (Vila Fria e Casal das Chocas).
- Zona próxima dos 3 ferro-velhos existentes no Concelho.
- Zona de influencia de 2 grandes estaleiros de construção civil.
- Faixas envolventes das estradas nacionais e municipais.
- Faixas envolventes das linha de caminhos de ferro.
- Faixa próxima das redes de esgotos, em especial dos troços mais antigos e com roturas mais frequentes.
- Leitos e margens das linhas de água.

#### Inventário dos Focos de Poluição como Base de Planeamento do Uso do Solo

Em municipios da Europa do Norte tem sido realizado o levantamento dos solos potencialmente contaminados, tornando o assunto num dos principais problemas ambientais. No Concelho de Oeiras não existe ainda um inventário deste tipo, cuja execução se recomenda.

Um cadastro dos locais potencialmente contaminados, é uma valiosa base de dados para o planeamento do desenvolvimento e do ordenamento do território no Concelho.

# 3.4 A Selagem dos Solos

## Definição

A "selagem" do solo pode ser definida como a implantação de uma camada isóladora entre a pedosfera por um lado e a atmosfera e a hidrosfera, por outro. Os processos de intercâmbio ao nível abiótico e biótico ficam, em geral, completamente interrompidos. O isolamento é produzido por vários processos, tais como a cobertura, a compactação, enchimentos, etc.

## Actividades de Selagem

As actividades humanas que geram tal isolamento são:

 A construção de prédios, instalações industriais ou outras actividades de construção civil.





- A cobertura do solo para vias de comunicação, com materiais que são por completo ou parcialmente, estanques à passagem da água ou do ar (alcatrão, betão, calcada, etc.).
- A compactação do solo, nomeadamente, através da circulação de veículos pesados ou da deposição de cargas pesadas.
- A construção de instalações subterrâneas (garagens subterrâneas, canais, túneis, etc.)

## Efeitos Negativos da Selagem:

Através do aumento de área selada fica, cada vez mais, destruida a possibilidade de vida de plantas, animais e, por fim, também do homem. Os efeitos negativos da diminuição de solos biologicamente intactos faz-se sentir, especialmente, ao nível do clima urbano e no sistema hidrológico. Dos efeitos negativos os mais significativos são:

#### • Filtração Menos Eficiente

A função de filtro aos poluentes provenientes do ar e da água superficial diminui, o que conduz a uma degradação da qualidade das águas subterrâneas. Por vezes, no entanto, este efeito pode ser positivo no que se refere aos solos já bastante poluidos ou às lixeiras. Nestes casos, a selagem e interrupção da infiltração da precipitação no solo diminui nítidamente a produção de águas lixiviantes.

#### • Alterações do Clima Local

Os materiais utilizados na selagem têm características diferentes de conversão de energia e de radiação. No verão, pode verificar-se um aquecimento acentuado das superfícies seladas o que provoca alterações do micro-clima local.

#### • Armazenamento da Precipitação Diminui

A falta de uma camada de vegetação dificulta, significativamente, por um lado, o armazenamento da precipitação e, por outro, a realização da evaporação lenta. Tem também consequencias negativas no microclima do local.

# • Nível do Lençol Freático Pode Baixar

A diminuição de áreas de percolação (infiltração) gera uma diminuição acentuada da taxa de enchimento do lençol freático com perigo de o nível baixar a médio ou longo prazo. Nas áreas costeiras isto pode conduzir por exemplo à intrusão salina, com a água do mar a "invadir" subterraneamente o espaço deixado livre pelo rebaixamento do nível freático.





#### Inundações

Em situações de chuva torrencial a selagem favorece o escoamento rápido e concentrado da precipitação para as canalizações aumentando, desta maneira, o perígo da sobrelotação destas e causando inundações.

# • Diminuição da Biodiversidade

As condições de vida da flora e da fauna são profundamente afectadas pela selagem do solo, o que se reflecta, geralmente, numa diminuição muito significativa da biodiversidade local.

#### A Gestão Cuidadosa do Solo é Essencial

Assim, torna-se indispensável uma gestão cuidadosa do solo, tendo em conta que se trata de um recurso não renovável. As políticas de planeamento estratégico devem, portanto, visar a protecção do solo ainda existente, evitando selagens desnecessárias. Devem, ainda, tanto quanto possível, ser escolhidos materiais semi-permeáveis em futuros processos de selagem.

## Ritmo Elevado de Selagem do Concelho

O ritmo de selagem dos solos em Oeiras é bastante elevado e não mostra tendencias para abrandar. Os efeitos da auto-estrada, com as melhoria significativa da acessibilidade tem conduzido ao crescimento das áreas urbanas, à impalntação de vários parques de escritórios junto dos nós de acesso e à ocupação de largas áreas para actividades de ciência, tecnologia e ensino universitário.

Um dos reversos negativos deste desenvolvimento é o aumento significativo das áreas seladas e o desaparecimento gradual de áreas da Reserva Agrícola Nacional (RAN).

#### RAN em Vias de Desaparecimento

Estão previstos dois tipos de alteração à RAN, ambas ao abrigo do Artº 10º DEC LEI 196/89:

- A alteração do uso de áreas incluídas na RAN por estarem inceridas no perímetro dos aglomerados urbanos (estrutura verde secundária)
- A alteração do uso para implantação de campos de golfe, do Parque de Ciência e Tecnologia e do Parque Sub-urbano da Serra de Carnaxide.

#### Efeitos Negativos?

Deve ser ponderado se é ou não desejável a aceitação do quase desaparecimento de áreas agrícolas num futuro próximo, sobretudo por







usos que impermeabilizem e destruam esse solo. Efeitos negativos da diminuição da RAN podem ser, entre outros os seguintes:

#### Solos mais Férteis Afectados

Verifica-se uma perturbação grave do equilíbrio pedológico nas áreas em que existem os solos com maior qualidade do Concelho.

# • Mais Pesticidas e Herbicidas

Os campos de golfe previstos, se por um lado preservam o solo de usos mais agressívos, por outro devem ser considerados áreas de uso intensivo de pesticidas e herbicidas, uma vez que a manutenção de uma relva em monocultura extensa é uma condicionante vital para possibilitar a prática deste desporto.

#### CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES 4.

## Existem ainda algumas Zonas Bastante Valiosas

Em Oeiras, existem ainda várias zonas pedológicas bastante valiosas, nomeadamente, os solos mais férteis incluidos na RAN e os solos com menos perturbação do equilíbrio pedológico e maior biodiversidade, que fazem parte da REN.

#### Solos com Pouca Aptidão Aquífera

Como foi referido os recursos hidrológicos do Concelho são reduzidos e as rochas existentes no Concelho não possuem grande aptidão aquífera.

#### Impedir que as Poucas Reservas Aquíferas se Degradem

Deve, no entanto, ser evitada qualquer poluição dos solos para impedir que as poucas possibilidades de aproveitamento de águas subterrâneas se degradem ainda mais.

#### Solos ainda Não Selados são Valiosos

Atendendo à extensão considerável de áreas seladas com características hidrológicas extremamente diminutas, consideram-se os solos existentes em zonas de infiltração importante, como bastante valiosos para o equilíbrio ecológico no Concelho.

#### Protecção Necessária e Vigilância Preventiva

Torna-se, portanto, necessária a protecção dos solos, especialmente nestes locais, e o seu melhoramento tanto quanto possível. E ainda





necessário uma vigilância permanente em termos de prevenção da poluição.

#### Lacunas de Conhecimentos

Há muito poucos dados sobre a qualidade do solo no Concelho de Oeiras e acerca do bom funcionamento do sistema pedológico. Não existe, também, grande noção relativamente aos problemas relacionados com os efeitos negativos do uso de solo para os próprios solos.

#### Estudos Recomendados

Como se trata, assim, de um assunto, até agora mal documentado e, no entanto, de extrema importância, recomenda-se a execução de vários trabalhos relacionados com os solos do Concelho, nomeadamente:

- A inventariação dos locais suspeitos de estarem contaminados e que possam constituir possíveis fontes de contaminação dos solos adjacentes e do lençol freático do Concelho
- A inventariação detalhada sobre o grau de selagem actual e seus efeitos, e em articulação com os cenários de desenvolvimento previstos para o Concelho.



# LINHAS DE ÁGUA

Cheias, Poluição da Água e Património Natural

A grade cimentos
O presente volume teve a preciosa colaboração do Instituto Nacional da Água, dos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento de O eiras e Amadora assim como do Departamento de Planeamento e Gestão Urbanística, do Gabinete de Desenvolvimento Municipal e do Gabinete de Estudos da Câmara Municipal de O eiras.



# V - LINHAS DE ÁGUA

#### INTRODUÇÃO 1.

## Essenciais para o Sistema Natural

O leito e margens das linhas de água são locais muito importantes para a qualidade do sistema natural. Quando não degradadas e poluidas, as ribeiras oferecem espaços de vida para grande diversidade de animais e plantas, constituem um corredor ecológico de ligação entre o exterior e o interior dos aglomerados urbanos, são uma potencial faixa de amenidade e recreio para a população e valorizam significativamente a paisagem e o clima local.

As linhas de água possuem também o papel de conduzir as águas pluviais. A zona climática em que o Concelho de Oeiras se insere origina fortes oscilações nos caudais, apresentando um regime do tipo torrencial. Estes caudais dependem das características da precipitação e intensidade das chuvas e são muito influenciados pelas condições de infiltração e de escoamento da água em toda a bacia de drenagem.

## Espaços de Vida ou Espaços de Destruição

Caso o leito de cheias da ribeira esteja ocupado por habitações ou outros usos não adequados, o seu espaço pode tornar-se num local de destruição e morte.

As linhas de água apresentam assim diferentes facetas (locais de vida e locais de destruição) e desempenham múltiplas funções. O estudo e recuperação das linhas de água reguer uma abordagem integrada e multidisciplinar para garantir que todas as facetas e funções são tidas em consideração.

## Objectivos Genéricos para as Linhas de Água

Como grandes objectivos genéricos de sustentabilidade para as linhas de água adoptam-se, como orientadores no âmbito do presente trabalho, os seguintes:

- A protecção de riscos de inundações;
- A forte redução da poluição das águas superficiais e subterrâneas;
- A defesa da bio-diversidade e das condições de vida em meio fluvial;
- O respeito pelo ciclo da água e a recarga dos aquíferos;





- O aproveitamento do espaço envolvente da ribeira para actividades de lazer: e
- A valorização da paisagem e melhoria do microclima urbano.

## Estrutura do Presente Capítulo

O presente capítulo sobre Linhas de Água contem três grandes sectores onde se apresenta o diagnóstico da situação no Concelho de Oeiras no referente aos riscos de cheias, à qualidade da água das ribeiras e ao património natural associado às linhas de água.

O diagnóstico relativo a cada um dos três pontos cobertos no presente capítulo efectua-se separadamente para cada uma das seguintes bacias hidrográficas de Oeiras:

- Ribeira de Algés
- Ribeira da Junça
- Rio Jamor
- Ribeira de Barcarena
- Ribeira de Porto Salvo
- Ribeira da Laje

#### RISCOS DE CHEIAS EM OEIRAS 2.

O estudo do risco de cheias requer que se considere toda a área da bacia hidrográfica de uma linha de água. No entanto, como o presente relatório beneficia dos trabalhos e estudos já existentes optou-se por concentrar imediatamente a análise sobre as áreas de risco de cada linha de água.

#### Três classes de Risco

Por forma a assinalar locais com diferente intensidade e gravidade dos riscos de cheias adoptaram-se três classes, marcados em carta anexa:

- Riscos de Cheias (no interior do leito de cheia dos cem anos),
- Riscos de Cheias Graves.
- Riscos de Cheias Muito Graves.

Os critérios adoptados para a classificação referem-se sobretudo ao número da população atingida, à frequência da ocorrência e aos prejuízos que podem causar. Resultam ainda de uma reflexão preliminar efectuada com técnicos da Câmara Municipal de Oeiras, do Instituto da Água e de elementos de Corporações de Bombeiros.



#### 2.1 Ribeira de Algés

#### **Em dois Concelhos**

A ribeira de Algés nasce na Quinta do Outeiro, próximo da Buraca (Concelho de Lisboa) e desagua no Rio Tejo, junto à Doca de Pedrouços. Possui como afluentes na margem direita a ribeira da Outorela e na esquerda a ribeira de Monsanto. A área total da bacia hidrográfica é de cerca de 13 Km2, sendo 9 Km2 no interior de Oeiras.

## 2.1.1 Caracterização do Risco de Cheias na Bacia de Algés

A ribeira encontra-se canalizada sob a zona central do aglomerado urbano de Algés, a partir do inicio Norte da Rua dos Bombeiros Voluntários. A secção desta conduta permite o escoamento do caudal máximo de 40 m3/s. Aquando das cheias de 1983 o caudal máximo foi de cerca de 120 m3/s, existindo portanto um défice de pelo menos 80 m3/s na capacidade de escoamento.

## Deficiente Capacidade de Escoamento

A falta de capacidade de escoamento provoca quase todos os anos inundações em caves, lojas e arruamentos. A zona mais gravemente atingida é a baixa de Algés, numa área de cerca de 12 hectares, ocupada por comércio, serviços e habitação de elevada densidade. Existem edifícios implantados por cima da canalização da ribeira.

#### Locais de maior Risco

Os principais arruamentos atingidos por riscos de cheias muito graves são os seguintes:

- Avenida dos Bombeiros Voluntários de Algés;
- Rua Luís de Camões:
- Rua Dr. Manuel de Arriaga;
- Rua Major Afonso Paula;
- Rua General Humberto Delgado.

## **Outros Riscos**

Para montante, a Norte da auto-estrada A5, existem algumas unidades industriais implantadas no leito de cheia centenária. Porém, tanto a frequência e intensidade das cheias assim como os prejuízos causados são substancialmente menores que no centro de Algés.

#### Em Janeiro 1996

As cheias do dia 8 de Janeiro de 1996 motivaram a intervenção dos Bombeiros de Algés em cerca de 30 caves, na zona central de Algés,



tendo-se registado elevados prejuízos materiais. No bairro de barracas da Quinta da Carapuca, situado junto à ribeira, na baixa de Algés e próximo da rua Conde de Rio Maior, foram ainda inundadas 7 habitações.

Na Freguesia de Algés, os estragos provocados nos arruamentos pelas intempéries do mês de Janeiro deste ano custaram à Câmara Municipal cerca de 55.000 contos.

# 2.1.2 Planos e Projectos Existentes

## Novas Condutas sob Algés

Existem vários estudos sobre esta ribeira. Salienta-se um Estudo Prévio da responsabilidade do Instituto da Água para aumentar significativamente a capacidade de escoamento da secção fechada da ribeira através da implantação de condutas de grande dimensão junto à existente e ao longo de todo o troço até à foz, numa extensão de cerca de 1.5 Km. Estas novas condutas teriam a capacidade de escoamento adicional de 90 m3/s.

De entre as principais dificuldades de execução do projecto salienta-se:

- Os elevados custos financeiros.
- A enorme perturbação do tráfego aquando das obras,
- As condições geológicas adversas, com basaltos muito duros,
- A interferência com outras infraestruturas subterrâneas.

#### 2.2 Ribeira da Junça

#### Só num Concelho

Esta pequena linha de água inicia-se na zona Sul de Linda-a-Velha e aflui ao Rio Jamor, junto à foz. Possui um percurso relativamente curto, de cerca de 2 Km, e com uma configuração bastante invulgar.

#### Configuração do Traçado

A primeira metade da linha de água, da nascente até junto do Aquário Vasco da Gama, corre na direcção Norte-Sul. Porém, aí inflecte para Poente e corre paralelamente ao Rio Tejo durante cerca de 1 Km, até confluir com a foz do Rio Jamor.

#### Troço de Jusante Canalizado

Este último troço possui uma inclinação muito reduzida e uma capacidade de escoamento igualmente muito baixa. Encontra-se quase





todo canalizado e recebe várias descargas de esgotos domésticos das zonas envolventes.

## Troço de Montante

O troco inicial, também com cerca de 1 Km, apresenta-se parcialmente canalizado na zona anterior ao Instituto Espanhol na sequência de obras de urbanização efectuadas no local. Anteriormente existia aí uma bacia de retenção para amortecimento de caudais de ponta.

O nível da maré parece constituir também um importante factor que influencia a capacidade de escoamento da linha de água devido às cotas muito baixas do troço a partir do Aquário Vasco da Gama. O grau de limpeza da linha de água constitui outro factor adicional.

## 2.2.1 Caracterização do Risco de Cheias na Bacia da Junça

Verificam-se riscos de cheias muito graves na zona baixa do aglomerado urbano do Dafundo. Sofre inundações com frequência, sendo afectado o comércio, serviços e habitação de média e alta densidade.

#### Incidência dos Riscos

O risco tem especial incidência próximo do Instituto Espanhol e Aquário Vasco da Gama e em torno dos seguintes arruamentos:

- Rua Direita do Dafundo.
- Rua Sacadura Cabral (zona oriental), e
- Alameda Salvador Allende (zona poente).

#### Em Janeiro de 1996

Nas cheias do dia 8 de Janeiro de 1996 os Bombeiros do Dafundo receberam cerca de 20 chamadas de socorro de lojas e caves inundadas, registando-se prejuízos acentuados.

O trânsito ficou interrompido durante várias horas nos arruamentos acima indicados, tendo os passageiros dos eléctricos imobilizados sido retirados por meio de barcos. A circulação na estrada marginal foi também afectada.





## 2.2.2 Planos e Projectos Existentes

Uma possível solução em equação pelo Instituto da Água consiste em separar, junto ao Aquário Vasco da Gama, os dois troços da ribeira. O troco de montante seria dirigido directamente para o rio Tejo.

O restante troco, paralelo ao rio, seria tratado como uma conduta de esgoto doméstico e encaminhado para o emissário submarino ou bombada para o sistema de esgotos da Costa do Estoril.

A implementação desta solução exige a construção de estruturas complexas, nomeadamente de esporões na zona de marés para protecção da nova foz da ribeira.

#### Rio Jamor 2.3

#### Em três Concelhos

O rio Jamor nasce na Serra da Mina, no Concelho de Sintra, e desagua no rio Tejo junto à Cruz Quebrada. O percurso com cerca de 16 Km atravessa também parte do Concelho da Amadora. A área da bacia hidrográfica total é de 44 Km2, ficando cerca de 13 Km2 no interior do Concelho de Oeiras.

#### Afluentes em Oeiras

Possui dois importantes afluentes no Concelho de Oeiras, ambos na margem esquerda. No extremo norte, a ribeira de Carenque aflui perto do Palácio de Queluz. Mais próximo da foz, quase junto à da autoestrada do Estoril, aflui a ribeira de Carnaxide.

#### Zona Adjacente

A Portaria 105/89 de 15 de Fevereiro delimita a "Zona Adjacente" do Rio Jamor. A Zona Adjacente é aquela zona que pode ser ameaçada pelas cheias com probabilidade de ocorrência no período de um século. Aqui a ocupação edificada é proibida ou, em alguns casos, sujeita a condicionamentos.

# 2.3.1 Caracterização do Risco de Cheias na Bacia do Jamor

A zona de jusante entre a foz e a auto-estrada do Estoril insere-se num vale relativamente aberto e onde existem basicamente as instalações





desportivas do Estádio Nacional. Uma parte deste troço está regularizado para o caudal de cheia dos 50 anos, entre a foz e a Ponte do Cruzeiro. No entanto registam-se aqui dois estrangulamentos importantes provocados pela Ponte do Ténis e pela Ponte do Cruzeiro.

## Consequências Limitadas

Atendendo aos usos existentes no leito de cheias dos cem anos nesta zona de jusante, as inundações que ocorrem possuem em regra consequências relativamente limitadas.

#### Pontos mais Graves

Existe porém uma zona residencial, na Rua Conselheiro Dias e Sousa, no limite poente da Cruz Quebrada, junto à Avenida Marginal e à foz do rio Jamor que sofre algumas inundações apesar de estar fora do leito de cheias. Elas são provocadas pelo descarregamento, através das tampas, de uma conduta de drenagem quando a sua capacidade de transporte é ultrapassada.

#### **Outros a Montante**

Na zona para montante do atravessamento da auto-estrada do Estoril existem algumas habitações, ainda que pontuais, sujeitas a riscos de inundação. É o caso algumas das habitações de cota mais baixa do bairro de barracas próximo da Senhora da Rocha, que são atingidas pelas cheias de maior intensidade.

Parte do bairro clandestino da Gandarela está igualmente implantado em leito de cheia, correndo as franjas do bairro, muito próximas da margem do rio, particular risco.

## 2.3.2 Planos e Projectos Existentes

Existe um plano de regularização de todo o rio Jamor da responsabilidade do Instituto da Água e vários estudos sobre o rio.

#### Troço de Jusante

Para o troço de jusante do rio, na zona do Estádio Nacional, foi elaborado um protocolo entre o INAG, a Câmara Municipal de Oeiras e o Instituto do Desporto com vista à sua recuperação. Está prevista a substituição das duas pontes que estrangulam o rio e a criação de uma pista de actividades náuticas. Prevê-se ainda a instalação de pequenos açudes e de alguns percursos ribeirinhos.



#### Troço de Montante

Os maiores estrangulamentos ocorrem no Concelho de Sintra, em particular na zona de Queluz-Massamá (junto à Estação da CP). Está previsto o aproveitamento dessa área de aterro para a construção de uma pequena barragem. Deste modo conseguir-se-à obter uma diminuição do caudal de jusante e aproveitar-se simultaneamente a zona para actividades de recreio e lazer.

#### 2.4 Ribeira de Barcarena

#### Em dois Concelhos

A ribeira de Barcarena nasce em Algornos, próximo de Vale de Lobos, no Concelho de Sintra, e desagua no rio Tejo, em Caxias junto ao Forte de S. Bruno. Tem um percurso com cerca de 8 Km. A bacia hidrográfica total abrange cerca de 35 Km2, sendo 11 Km2 no interior do Concelho de Oeiras.

#### Afluentes em Oeiras

Possui dois afluentes principais no Concelho de Oeiras, ambos na margem esquerda. A ribeira de Massamá aflui junto à Fábrica da Pólvora de Barcarena e a ribeira de Queijas a Sul do aglomerado urbano do Murganhal.

#### Leito de Cheias

Os leitos da cheia centenária encontram-se já levantados, mas o processo de aprovação não está ainda completo. As recentes obras as de regularização no atravessamento da estrada de Sintra (IC-19), no Concelho de Sintra, vão porém provocar a alteração dos limites dos leitos de cheia para todo o troço a jusante.

# 2.4.1 Caracterização do Risco de Cheias na Bacia de Barcarena Riscos Moderados

De forma geral as cheias nesta linha de água têm previsivelmente consequências relativamente limitadas. No entanto existem alguns pontos de excepção, com riscos de cheias graves. Trata-se em regra de algumas habitações isoladas ou situadas na franja de pequenos aglomerados urbanos existentes junto da ribeira e a cotas mais baixas. De montante para jusante os locais de maior risco são:





#### **Pontos mais Graves**

- Habitações de cota mais baixa do pequeno aglomerado de Ribeira a Baixo;
- Zona de moradias parcialmente localizadas em leito de cheias, a jusante de Barcarena;
- Duas habitações isoladas nas proximidades da Quinta da Moura;
- Banda de habitações precárias no bairro da Pedreira Italiana.

#### Zona Baixa de Caxias

A zona baixa de Caxias foi gravemente afectada pelas cheias de 1967. No seguimento destes acidentes foi efectuada a regularização do troço da ribeira desde Laveiras até à foz, apresentando elevada capacidade de escoamento.

Em 1983, com os elevados caudais que se registaram e que quase corresponderam às cheias centenárias, praticamente não houve problemas a registar.

Recentemente foi porém eliminado um estrangulamento importante a montante, no atravessamento da estrada de Sintra (IC-19), deixando esse local de funcionar na prática como uma bacia de retenção. Presentemente, as condições de escoamento da ribeira apontam assim para o aumento da intensidade do caudal de ponta, provocando o correspondente aumento do risco de cheias na baixa de Caxias.

## 2.4.2 Planos e Projectos Existentes

Existe um projecto, a nível de estudo prévio, para a bacia que prevê a regularização de toda a ribeira, da responsabilidade do Instituto da Água. Recentemente a Câmara Municipal de Oeiras efectuou uma intervenção integrada de recuperação e regularização da ribeira na zona da Fábrica da Pólvora.

## 2.5 Ribeira de Porto Salvo

#### Só num Concelho

A ribeira de Porto Salvo nasce na zona de Leião e desagua no rio Tejo junto a Paço de Arcos. Tem a extensão de cerca de 4 Km. A sua bacia hidrográfica abrange cerca de 4,5 Km2 e insere-se totalmente no Concelho de Oeiras.





#### Um Afluente

A ribeira de Fonte de Leceia é o principal afluente, localizado na margem esquerda. Conflui a norte do aglomerado de Porto Salvo.

#### Leito de Cheias

O leito da cheia centenária encontra-se identificado, mas não está ainda completo o processo para a sua classificação como zona adiacente.

# 2.5.1 Caracterização do Risco de Cheias na Bacia de Porto Salvo

Riscos Moderados

Os riscos de cheias na ribeira de Porto Salvo são em geral de intensidade moderada e bastante localizados. Existem no entanto em alguns pontos mais críticos:

#### Pontos mais Críticos

- Junto à Escola Primária de Porto Salvo a ponte para atravessamento pedonal possui reduzida capacidade de escoamento do caudal provocando a retenção de água e alguns riscos de inundações na zona envolvente, ocupada por moradias e pela escola.
- Junto ao restaurante "Canejo" e à Quinta do Torneiro a ribeira atravessa a EN 249-3, possuindo aí um estrangulamento e consequentemente reduzida capacidade de escoamento. O pequeno conjunto comercial e residencial aí existente sofre de riscos de inundação.

#### Baixa de Paço de Arcos

A ribeira encontra-se encanada por baixo da zona central de Paço de Arcos, desde a linha do comboio até à foz. Até ao momento não se têm verificado aí inundações significativas. De facto, o aterro que suporta a linha do comboio constitui uma bacia de retenção que protegia toda a zona de jusante de chejas.

Presentemente no este aterro está a ser substituído por um viaduto ferroviário no âmbito do Plano Integrado de Paço de Arcos, eliminandose consequentemente a bacia de retenção. Para evitar inundações da vila está em implantação um conjunto de pequenas bacias de amortecimento no troço a montante da linha férrea.



## 2.5.2 Planos e Projectos Existentes

Para além da intervenção acima referida existe um projecto para a regularização de toda a ribeira, ainda em fase de apreciação pela Câmara Municipal de Oeiras.

#### 2.6 Ribeira da Laje

#### Em três Concelhos

A ribeira da Laje nasce na Serra de Sintra, próximo de Chão de Meninos, no Concelho de Sintra e desagua no rio Teio na praia de Santo Amaro de Oeiras. Atravessa ainda o Concelho de Cascais e tem o comprimento total de 17 Kms. A bacia hidrográfica é de 42 Km2, sendo 16 Km2 inseridos no Concelho de Oeiras.

#### Afluentes

As ribeiras de Talaíde e Leião são os principais afluentes no Concelho de Oeiras.

## Zona Adjacente

Encontra-se delimitada por Portaria a "Zona Adjacente" da ribeira da Laie. A Zona Adjacente é aquela zona que pode ser ameaçada pelas cheias com probabilidade de ocorrência no período de um século.

## 2.6.1 Caracterização do Risco de Cheias na Bacia da Laje

No interior do Concelho de Oeiras os principais locais com particular risco de cheias mais graves são, de montante para jusante, os seguintes:

- Duas ou três habitações na zona de cotas mais baixas da povoação da Ribeira da Laje;
- Algumas edificações pertencentes a instituições de investigação na Estação Agronómica, localizadas mais próximas da linha de água;
- Parte do Palácio do Marquês;
- Parte do edifício principal da Câmara Municipal de Oeiras;
- Parte das instalações do Instituto Gulbenkian de Ciência;
- A zona habitacional com várias moradias localizada na margem direita da ribeira e alguns edifícios da margem esquerda assim como o complexo desportivo existente entre a foz e a ponte do comboio.







## 2.6.2 Planos e Projectos Existentes

Existe no Instituto da Água um plano para a construção de um conjunto de bacias de retenção ao longo do percurso da ribeira e de alguns dos principais afluentes da ribeira da Laje para amortecimento de caudais de ponta.

Existe ainda um estudo tendo em vista o alargamento do troço final da ribeira, desde o Palácio do Marquês até à foz.

#### Conclusões sobre o Risco de Cheias 2.7

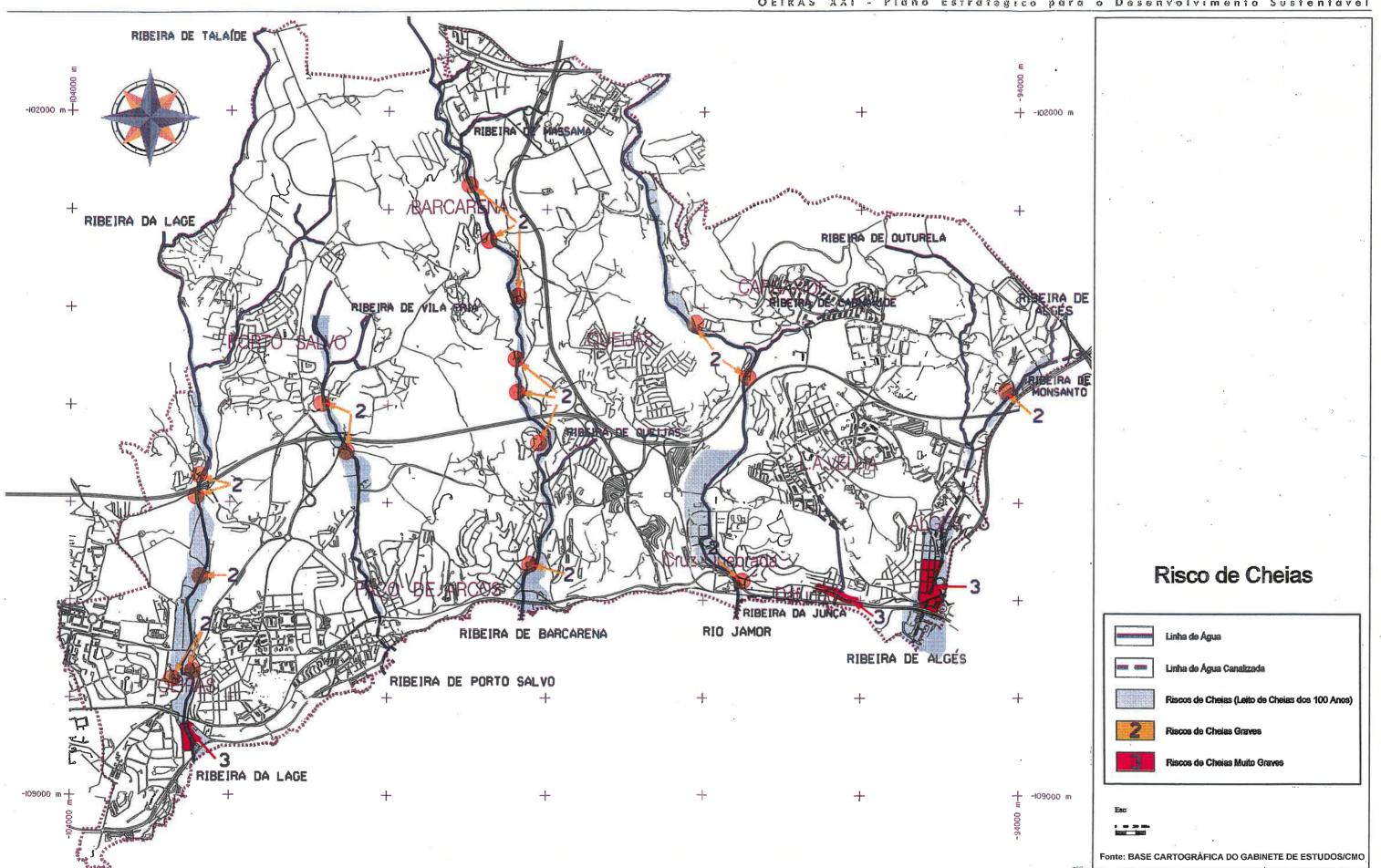
Atendendo à possível gravidade das cheias, ao número da população atingida e à frequência da ocorrência pode-se afirmar que os locais do Concelho com risco mais forte de cheias são os seguintes:

- Zona baixa de Algés;
- Zona baixa do Dafundo (ribeira da Junça);
- Zona envolvente do troço terminal da ribeira da Laje.

Estas zonas encontram-se assinaladas a vermelho na carta anexa e constituem a classe de risco superior. Segue-se uma segunda classe de risco ainda grave, mas de menor intensidade, também assinalada na carta e que inclui todos os locais referidos nos presente capítulo.









#### QUALIDADE DAS ÁGUAS DAS RIBEIRAS DE OEIRAS 3.

## Obiectivos Genéricos

A melhoria da qualidade do recurso abiótico água e do sistema ecológico que lhe está associado exige que se impeça a descarga de efluentes poluentes nas ribeiras, quer de origem doméstica ou industrial, assim como de resíduos sólidos ou de outros produtos que alterem as características da água.

## Algumas Regras muito Simples

Melhorar o sistema de saneamento, impedir descargas ilegais de esgotos e garantir que os entulhos e outros resíduos sólidos não sejam atirados para as ribeiras fazem parte das medidas, em regra geral indispensáveis, para a melhoria da qualidade da água.

## Qualidade de Acordo com o Uso da Água

A água pode ser utilizada para várias finalidades diferentes. A qualidade exigida à água depende da utilização que essa água vai ter.

#### O D.L. 74/94

O Decreto-Lei nº 74/90 de 7 de Março estabelece critérios e normas de qualidade com a finalidade de proteger, preservar e melhorar a água em função dos seus usos. Independentemente dos usos existe porém uma qualidade mínima também aí especificada.

#### Usos da Água em Oeiras:

Nas linhas de água de Oeiras registam-se os três seguintes usos:

#### Água para Rega

É bastante frequente a existência de pequenas hortas ao longo das linhas de água, tirando proveito da boa qualidade dos solos e da disponibilidade de água para a produção de culturas hortícolas para consumo próprio ou para venda. Existem várias culturas que são ingeridas cruas e frutas que se desenvolvem junto ao solo.

#### Água para Utilização Recreativa

As águas das ribeiras de Oeiras vão desaguar na orla costeira junto a praias com actividades balneares. Com frequência existem banhistas na foz destas linhas de água. Assim existe na parte final das ribeiras a utilização recreativa da água com contacto directo.

#### Água sem Utilização Específica - Qualidade Mínima

As normas de qualidade mínima para todas as águas doces superficiais do território nacional visam diminuir a carga poluente, preservando aí o desenvolvimento equilibrado da vida biológica.



# Qualidade da Água das Ribeiras em Oeiras

De modo a efectuar a caracterização actual da qualidade da água das ribeiras efectuaram-se no inicio de Setembro de 1996 um conjunto de análises químicas e bacteriológicas a 19 amostras recolhidas em vários pontos de cada uma das ribeiras mais importantes do Concelho.

# Feitas Análises à Água

Para cada ribeira recolheram-se amostras em quatro ou cinco pontos especialmente escolhidos de modo a poderem-se identificar troços homogéneos. Dois dos pontos de recolha foram sempre a entrada e a saída da linha de água no Concelho de Oeiras.

#### Parâmetros das Análises

Os parâmetros das análises adoptados para efectuar o diagnóstico selectivo da qualidade da água das ribeira tiveram necessariamente que ser limitados a um painel reduzido mas que se julga fornecem uma boa indicação preliminar sobre a qualidade existente. Assim os parâmetros das 19 análise efectuados foram os seguintes:

- Condutividade (μS/cm)
- pH (Escala de Sorensen)
- Temperatura (<sup>o</sup>C)
- Sólidos Suspensos Totais (mg/dm3)
- Oxigénio Dissolvido (mgO2/dm3)
- Azoto Amoniacal (mg/ dm3 NH4)
- Coliformes Totais (100 ml)
- Coliformes Fecais (100 ml)

# 3.1 Qualidade da Água das Ribeiras para Rega

#### Parâmetros Químicos

A qualidade química das águas destinadas à rega é na legislação muito variável e depende do tipo de solos e das culturas que se vão regar (ver artigo 33 e Anexo XIX do D.L. 74/94). Isto obriga na prática a uma avaliação individualizada para cada caso concreto, não sendo neste relatório o âmbito indicado para a efectuar.

#### Parâmetros Bacteriológicos

Para os parâmetros bacteriológicos a legislação é perentória. O Limite Máximo Admissível (LMA) para os Coliformes Fecais é de 1.000







(por cada 100 ml), qualquer que seja o tipo de solo e para culturas hortícolas que possam ser ingeridas cruas.

# 3.1.1 Qualidade da Água da Ribeira de Algés para Rega

# Medicões em 4 Pontos

Foram efectuadas medições em 4 pontos da ribeira. O ponto A1 : localiza-se na entrada do Concelho e o A4 é próximo da saída (junto ao bairro da Carapuça). O ponto A2 junto do edifício da Sumol e o A3 próximo da Escola EB 1, 2, 3 Outurela Portela em afluente da ribeira de Algés.

#### Resultados:

	Ponto A1	Ponto A2	Ponto A3	Ponto A4	V.M.A.
Coliformes Fecais	17.000.000	54.000.000	24.000	17.000.000	1.000
рН	7,95	7,93	8,07	7,63	Entre <b>4,5</b> a <b>9,0</b>

V.M.A = Valor Máximo Admissível

#### Comentários

Os Coliformes Fecais existentes na ribeira de Algés ultrapassam sempre muitíssimo o valor máximo admitido (VMA) pela legislação, da ordem das 17 mil e 54 mil vezes. O ponto A3, na ribeira de Outurela, afluente da ribeira de Algés também ultrapassa claramente o VMA mas "só" 24 vezes.

#### Consequências

Os produtos originários de hortas da ribeira de Algés constituem um elevado factor de risco para a saúde da população que os ingere. As culturas hortícolas que possam ser ingeridas cruas e frutas que se desenvolvam rentes ao solo que sejam ingeridas cruas, sem remoção da casca, colocam os maiores riscos pelo que, enquanto a qualidade da água não melhorar, deve ser encontrado um meio que impeça a sua produção e comercialização.

# 3.1.2 Qualidade da Água do Rio Jamor para Rega

# Medições em 5 Pontos:

- Ponto J1: Na entrada do Concelho, junto à estrada de Sintra (IC-19).
- Ponto J2: Na ponte junto à Rua Quinta do Calafate;
- Ponto J3: No pontão junto ao Bairro da Gandarela;







- Ponto **J4**: No pontão junto à Senhora da Rocha:
- Ponto **J5**: Na zona do Estádio do Jamor em linha de água de Linda-a-Velha.

#### Resultados:

	Ponto <b>J1</b>	Ponto <b>J2</b>	Ponto <b>J3</b>	Ponto J4	Ponto <b>J5</b>	V.M.A.
Coliformes Fecais	22.000.000	9.200.000	7.000.000	9.200.000	35.000.000	1.000
рН	7,93	7,61	7,85	7,80	8,48	Entre <b>4,5</b> a <b>9,0</b>

V.M.A = Valor Máximo Admissível

#### Comentários

Os Coliformes Fecais existentes no Rio Jamor ultrapassam sempre muitíssimo o valor máximo admitido (VMA) pela legislação, da ordem das 9 mil a 22 mil vezes.

O ponto J5, na Ribeira de Linda-a-Velha, afluente do Rio Jamor é claramente o pior e ultrapassa o VMA 35 mil vezes. Trata-se, segundo se apurou no local, de um esgoto a céu aberto de grande parte do aglomerado de Linda-a-Velha a descarregar directamente para o Rio Jamor através da linha de água.

### Consequências

Os produtos originários de hortas do Rio Jamor constituem um elevado factor de risco para a saúde da população que os consumir. As culturas hortícolas que possam ser ingeridas cruas e frutas que se desenvolvam rentes ao solo que sejam ingeridas cruas, sem remoção da casca, colocam os maiores riscos pelo que, enquanto a qualidade da água não melhorar, deve ser encontrado um meio que impeça a sua produção e comercialização.

# 3.1.3 Qualidade da Água da Ribeira de Barcarena para Rega Medições em 5 Pontos:

- Ponto B1: Na entrada do Concelho, junto uma ponte e armazém de botijas de gás, no Concelho de Sintra;
- Na ponte existente no interior da Fábrica da Pólvora; Ponto B2:
- Ponto B3: Próximo da igreja antiga de Barcarena;
- Ponto **B4**: Na ponte, junto de Laveiras;
- Ponto **B5**: Na última ponte de jusante em Caxias.







#### Resultados:

	Ponto <b>B1</b>	Ponto <b>B2</b>	Ponto B3	Ponto <b>B4</b>	Ponto <b>B5</b>	V.M.A.
Coliformes Fecais	16.000	2.100.000	1.200.000	9.200	110.000	1.000
рН	7,77	7,89	7,98	8,24	8,58	Entre <b>4,5</b> a <b>9,0</b>

V.M.A = Valor Máximo Admissível

#### Comentários

Os Coliformes Fecais existentes na Ribeira de Barcarena ultrapassam bastante o valor máximo admitido pela legislação da ordem das 9 vezes a 2.100 vezes.

O ponto B2, junto à Fábrica da Pólvora, é claramente o pior. Trata-se, segundo se apurou no local, dos efeitos gerados por descargas de esgotos, claramente visíveis junto à Fábrica da Pólvora, provenientes do aglomerado de Tercena.

Entre os pontos B2 e B3 existe um açude para rega dos terrenos agrícolas próximos, que bloqueia por vezes completamente todo o caudal da ribeira.

### Consequências

Os produtos originários de hortas da Ribeira de Barcarena constituem um elevado factor de risco para a saúde da população que os consumir. As culturas hortícolas que possam ser ingeridas cruas e frutas que se desenvolvam rentes ao solo que sejam ingeridas cruas, sem remoção da casca, colocam os maiores riscos pelo que, enquanto a qualidade da água não melhorar, deve ser encontrado um meio que impeça a sua produção e comercialização.

# 3.1.4 Qualidade da Água da Ribeira da Lage para Rega

# Medições em 5 Pontos:

- Ponto L1: Na ponte sobre a Ribeira da Lage antes da entrada em Oeiras.
- Ponto L2: Na Ribeira de Talaíde, a jusante do Tagus Park.
- Ponto L3: Na margem da Quinta da Bouça;
- Ponto L4: Na Quinta do Marquês, junto ao Centro de Investigação das Ferrugens do Café.
- Ponto L5: Junto à ponte do Comboio.







#### Resultados

	Ponto L1	Ponto L2	Ponto L3	Ponto L4	Ponto L5	V.M.A.
Coliformes Fecais	17.000.000	35.000	3.500	5.400	3.100.000	1.000
рН	8,06	7,93	7,53	7,64	7,74	Entre <b>4,5</b> a <b>9,0</b>

V.M.A = Valor Máximo Admissível

#### Comentários

Os Coliformes Fecais existentes na Ribeira da Lage ultrapassam, nos trocos de montante e de jusante, muitíssimo o valor máximo admitido (VMA) pela legislação, da ordem de alguns milhares de vezes.

Na Ribeira de Talaíde (ponto L2) a qualidade bacteriológica da água é um pouco melhor, mas ainda longe dos VMA exigidos para a água de rega. Nos trocos intermédios (pontos L3 e L4) que vão desde a Quinta do Marquês até ao Casal das Chocas, quase não existe ocupação urbana. A qualidade da água aproxima-se dos VMA, mas sem os cumprir.

#### Consequências

Os produtos originários de hortas da Ribeira da Laje constituem um factor de risco para a saúde da população que os consumir, com relevo para as culturas hortícolas que possam ser ingeridas cruas e para as frutas que se desenvolvam rentes ao solo. Enquanto a qualidade da água não melhorar, a produção agrícola deve ser restrita a culturas arbustivas, cerealíferas e forrageiras.

# 3.2 Qualidade da Água para Utilização Recreativa

#### **Parâmetros**

A qualidade das águas para utilização recreativa é controlada por elevado número de parâmetros, indicados nos Anexos XXI e XXII do D.L. 74/90. No âmbito do presente trabalho não foi porém viável incluílos a todos, pelo que se seleccionaram só alguns dos parâmetros que se julgaram reflectir os problemas existentes:

- Coliformes Totais (100 ml);
- Coliformes Fecais (100 ml);
- Oxigénio Dissolvido (mgO2/dm3);
- Azoto Amoniacal (mg/ dm3 NH4).







#### Resultados

Para facilidade de leitura os resultados obtidos para as principais linhas de água de Oeiras encontram-se resumidos na Tabela V-1. A sombreado estão indicados os valores que ultrapassam o limite máximo admissível estabelecido na legislação.

	Coliformes Totais	Coliformes Fecais	Oxigénio Dissolvido	Azoto Amoniacal
Ribeira Algés				
Ponto A1	140.000.000	17.000.000	0,028	41,9
Ponto A2	54.000.000	54.000.000	0,705	
Ponto A3	92.000	24.000	6,37	
Ponto A4	54.000.000	17,000.000	0,257	
Rio Jamor				-
Ponto J1	160.000.000	22.000.000	5,04	30,1
Ponto J2	9.200.000	9,200,000	6,03	
Ponto J3	22,000,000	7.000.000	5,33	
Ponto J4	16.000.000	9.200.000	4,02	
Ponto J5	240.000.000	35.000.000	0,217	
Ribeira de Barcarena				
Ponto B1	5.400.000	16,000	2,19	29,7
Ponto B2	4.600.000	2.100.000	4,78	
Ponto B3	35.000.000	1.200.000	6,56	
Ponto B4	92,000	9.200	16,79	
Ponto B5	920.000	110.000	13,04	
Ribeira da Lage			E	
Ponto L1	140.000.000	17.000.000	1,17	28,3
Ponto L2	3.500.000	35.000	8,48	
Ponto L3	21,000	3.500	6,175	
Ponto L4	16.000	5.400	5,696	
Ponto L5	11.000.000	3,100,000	0.758	
Valor Máximo Admissível	10.000	2.000	4 (1)	2 (2)

<sup>(1)</sup> É uma concentração mínima. (2) Valor máximo para a qualidade das águas superficiais.

Tabela V-1. Resultados resumidos das medições efectuadas. A sombreado indicam-se os valores que ultrapassam o valor máximo admissível estabelecido na legislação





#### Comentários

Todas as linhas de água principais ultrapassam os limites de qualidade da água estabelecidos na legislação para fins de recreio com contacto directo ou indirecto. Como desaguam na orla costeira, constituem deste modo também uma carga fortemente negativa sobre a qualidade da áqua da praias.

Atendendo a que a bacia da Ribeira da Lage já se encontra abrangida pelo interceptor do sistema de esgotos da Costa do Estoril seria de esperar melhores resultados do que os constatados. Este facto reflecte ainda a existência de descargas de esgotos para a ribeira, ainda não integradas no sistema já em funcionamento.

# 3.3 Qualidade das Águas Doces Superficiais sem Utilização Específica

#### **Parâmetros**

Para além dos parâmetros contidos no Dl. 74/90 utiliza-se também a classificação da Direcção Geral de Recursos Naturais (DGRN) para as águas superficiais, conforme se indica na Tabela V-2.

	Classes de Qualidade							
Parâmetros	Α	В	С	D	Ε			
рН	6,5 a 8,5	6 a 9	5,5 a 9	<5,5 a >9	<5,5 a >9			
Condutividade (μβ/cm)	400	400 a 1.000	mais de 1.000	mais de 1.000	mais de 1.000			
Oxigénio Dissolvido (mg 02/l)	mais de 7	7 a 5	5 a 3	3 a 1	menor que			
Sólidos Suspensos Totais (SST)	menor que 25.0	25 a 30	30 a 40	40 a 80	mais de 80			
Azoto Amoniacal (mg NH4/l)	menor que	0.1 a 1	1 a 2	.2 a 5	mais de 5			
Colif. Fecais (NMP/100 ml) (x 1.000)	menor que 0.1	0.1 a 0.2	0.2 a 20	20 a 2.000	mais de 2.000			

Fonte: D.G.R.N.

Tabela V-2: Classificação da DGRN para as águas superficiais em função dos parâmetros indicados.





Classe A:

Água isenta de poluição. Possui boa qualidade podendo satisfazer todos os usos, inclusivo o abastecimento de água potável apenas com tratamento físico simples e

inclusive o abastecimento de água potável apenas com tratamento físico simples e

desinfecção.

Classe B:

Água pouco poluida. Tem razoável qualidade e está ainda apta a satisfazer todos os usos, mas no caso de abastecimento público para água potável, terá de ser submetida a

um tratamento físico-químico e desinfecção.

Classe C:

Água medianamente poluida. Permite ainda a existência de piscícola para as espécies menos exigentes com reprodução aleatória, o recreio sem contacto directo e a irrigação.

Classe D:

Água poluida. Permite a navegação e pode ainda ser utilizada na irrigação de espécies vegetais menos sensíveis que não se destinem a ser consumidas directamente.

Classe E:

Água excessivamente poluida, como tal, imprópria para qualquer uso.

# 3.3.1 Ribeira de Algés: Qualidade da Água Sem Utilização Específica

A qualidade das águas da ribeira de Álgés sem utilização específica varia ao longo do traçado. Os quatro pontos em que se efectuaram análises forneceram os resultados da Tabela V-3.

	Classes de Qualidade							
Parâmetros	Α	В	C	D	E			
рН	6,5 a 8,5	6 a 9	5,5 a 9	<5,5 a >9	<5,5 a >9			
pr.	Ponto 1 Ponto 2 Ponto 3 Ponto 4	70						
Condutividade	400	400 a 1.000	mais de 1.000	mais de 1.000	mais de 1.000			
(μβ/cm)		Ponto 2 Ponto 3 Ponto 4	Ponto 1					
Oxigénio	mais de 7	7 a 5	5 a 3	3 a 1	menor que 1			
Dișsolvido (mg 02/l)		Ponto 3			Ponto 1 Ponto 2 Ponto 4			
Sólidos	menor que 25.0	25 a 30	30 a 40	40 a 80	mais de 80			
Suspensos Totais (SST)	Ponto 3			Ponto 1 Ponto 4	Ponto 2			
Azoto	menor que 0.1	0.1 a 1	1 a 2	2 a 5	mais de 5			
Amoniacal (mg NH4/I)					Ponto 1			
Colif. Fecais	menor que 0.1	0.1 a 0.2	0.2 a 20	20 a 2.000	mais de 2.000			
(NMP/100 ml) (x 1.000)				Ponto 3	Ponto 1 Ponto 2 Ponto 4			

Tabela V-3: Qualidade da água, sem utilização específica, da Ribeira de Agés.







#### Comentários

O pH e a condutividade apresentam níveis de qualidade relativamente bons. O valor do pH existente permite todos os usos ao longo de todo o percurso da ribeira. Relativamente à condutividade (parâmetro indicativo do teor de sais, nomeadamente nutrientes) os valores existentes permitem usos da classe B, à excepção do troço de montante.

Os restantes parâmetros são bastante maus. O oxigénio dissolvido na ribeira de Algés indica elevados teores de matéria orgânica e uma água da classe E. excessivamente poluída e como tal imprópria para qualquer uso. O ponto 3, na ribeira de Outurela, afluente da ribeira de Algés, apresenta níveis bastante melhores, da classe B.

Relativamente aos sólidos suspensos totais, a qualidade é igualmente bastante má, das classes D e E. O Ponto 3 apresenta no entanto boa qualidade.

O azoto amoniacal só foi medido no troço mais de montante. Os seus valores são aí tão elevados que é de supor que com grande probabilidade toda a ribeira seja da classe E.

Os coliformes fecais são extremamente elevados, típicos de águas residuais domésticas não tratadas, apresentando a ribeira de Algés a classe de qualidade E, ou seja a pior qualidade possível.

# 3.3.2 Rio Jamor: Qualidade das Águas Sem Utilização Específica

A qualidade das águas do Rio Jamor é mais ou menos constante ao longo do seu percurso, mas varia acentuadamente de acordo com os parâmetros. Apresenta boa qualidade em relação a uns e péssima em relação a outros. Os cinco pontos em que se efectuaram análises forneceram os resultados indicados na Tabela V-4.

#### Comentários

Os grandes problemas de qualidade referem-se à acentuada contaminação fecal da água do rio em todo o percurso. Sob este aspecto o Rio Jamor é em toda a extensão da Classe E, facto que sublinha a necessidade de intervenções para a resolução deste problema.



Relativamente ao azoto amoniacal o rio possui igualmente sérios problemas, classificando-se a água como excessivamente poluida. Uma das prováveis causas deve ser a grande utilização de fertilizantes na agricultura.

		Class	ses de Qualic	dade	
Parâmetros	Α	В	С	D	E
рΗ	6,5 a 8,5 Ponto 1 Ponto 2 Ponto 3 Ponto 4 Ponto 5	6 a 9	5,5 a 9	<5,5 a >9	<5,5 a >9
Condutividade (μβ/cm)	- 400 = i	400 a 1.000 Ponto 1 Ponto 2 Ponto 3 Ponto 4 Ponto 5	mais de 1.000	mais de 1.000	mais de 1.000
Oxigénio Dissolvido (mg 02/l)	mais de 7	7a5 Ponto 1 Ponto 2 Ponto 3	5a3 Ponto 4	3 a 1	menor que 1 Ponto 5
Sólidos Suspensos Totais (SST)	menor que 25.0  Ponto 2	25 a 30	30 a 40 Ponto 3 Ponto 4	40 a 80 Ponto 1	mais de 80 Ponto 5
Azoto Amoniacal (mg NH4/l)	menor que 0.1	0.1 a 1	1 a 2	2a5	mais de 5 Ponto 1
Colif. Fecais (NMP/100 ml) (x 1.000)	menor que 0.1	0.1 a 0.2	0.2 a 20	20 a 2.000	mais de 2.000 Ponto 1 Ponto 2 Ponto 3 Ponto 4 Ponto 5

Tabela V-4: Qualidade da água, sem utilização específica, do Rio Jamor.

Os valores do oxigénio dissolvido pioram a partir do ponto 3 para jusante, ou seja, a partir da Quinta da Gandarela até à foz, mudando a qualidade da água sob este aspecto da Classe B para C e depois para E. .



# 3.3.3 Ribeira de Barcarena: Qualidade das Águas Sem Utilização Específica

Os cinco pontos em que se efectuaram análises forneceram os resultados bastante dispersos, indicados na Tabela V-5.

	Classes de Qualidade							
Parâmetros	Α	В	С	D	E			
рН	6,5 a 8,5 Ponto 1 Ponto 2 Ponto 3 Ponto 4	Ponto 5	5,5 a 9	<5,5 a >9	<5,5 a >9			
Condutividade (μβ/cm)	400	400 a 1.000 Ponto 1 Ponto 2 Ponto 3	mais de 1.000 Ponto 4 Ponto 5	mais de 1.000	mais de 1.000			
Oxigénio Dissolvido (mg 02/l)	mais de 7 Ponto 4 Ponto 5	7a5 Ponto 3	Ponto 2	3a1 Ponto 1	menor que 1			
Sólidos Suspensos Totais (SST)	menor que 25.0 Ponto 2	25 a 30	30 a 40 Ponto 3 Ponto 4	40 a 80 <b>Ponto 1</b>	mais de 80 Ponto 5			
Azoto Amoniacal (mg NH4/l)	menor que 0.1	0.1 a 1	1 a 2	2 a 5	mais de 5 Ponto 1			
Colif. Fecais (NMP/100 ml) (x 1.000)	menor que 0.1	0.1 a 0.2	0.2 a 20 Ponto 1 Ponto 4	20 a 2.000 Ponto 3 Ponto 5	mais de 2.000 Ponto 2			

Tabela V-5: Qualidade da água, sem utilização específica, da Ribeira de Barcarena.

#### Comentários

Os problemas de qualidade da água continuam a incidir sobre os coliformes fecais e ao azoto amoniacal que está também associado à elevada carga orgânica existente. O ponto 4, junto a Laveiras, é o que apresenta melhores níveis de qualidade.

# 3.3.4 Ribeira da Lage: Qualidade das Águas Sem Utilização Específica

Os cinco pontos em que se efectuaram análises forneceram os resultados bastante dispersos, indicados na Tabela V-6.

# Comentários

Trata-se da primeira ribeira do concelho a beneficiar do sistema de esgotos da Costa do Estoril, o que se reflete na melhoria da qualidade da sua água. Existem no entanto ainda vários problemas.



	Classes de Qualidade							
Parâmetros	Α	В	С	D	E			
рН	6,5 a 8,5 Ponto 1 Ponto 2 Ponto 3 Ponto 4 Ponto 5	6 a 9	5,5 a 9	<5,5 a >9	<5,5 a >9			
Condutividade (μβ/cm)	400	400 a 1.000 Ponto 2 Ponto 3 Ponto 4 Ponto 5	mais de 1.000 Ponto 1	mais de 1.000	mais de 1.000°			
Oxigénio Dissolvido (mg 02/l)	mais de 7 Ponto 2	7a5 Ponto 3 Ponto 4 Ponto 5	5 a 3	3a1 Ponto 1	menor que 1			
Sólidos Suspensos Totais (SST)	menor que 25.0 Ponto 2 Ponto 3 Ponto 4 Ponto 5	25 a 30	30 a 40	40 a 80 <b>Ponto 1</b>	mais de 80			
Azoto Amoniacal (mg NH4/l)	menor que 0.1	0.1 a 1	1 a 2	2 a 5	mais de 5 Ponto 1			
Colif. Fecais (NMP/100 ml) (x 1.000)	menor que 0.1	0.1 a 0.2	0.2 a 20 <b>Ponto 3</b> <b>Ponto 4</b>	20 a 2.000 Ponto 2	mais de 2.000 Ponto 1 Ponto 5			

Tabela V-6: Qualidade da água, sem utilização específica, da Ribeira da Lage.

No ponto de entrada da ribeira no Concelho de Oeiras a qualidade da água é má em termos da condutividade, oxigénio dissolvido, sólidos suspensos totais, azoto amoniacal e coliformes fecais.

No interior do concelho a qualidade da água melhora depois significativamente, voltando a piorar relativamente aos coliformes fecais no troço final, depois de atravessar a vila de Oeiras.

# 3.4 Levantamento Preliminar de Pontos Negros nas Linhas de Água

Efectua-se de seguida um levantamento preliminar dos principais focos geradores de impactes negativos sobre a qualidade da água as





ribeiras. Estes focos, chamados de pontos negros, estão em regra associdos a descargas de águas residuais.

Por este motivo, descreve-se muito resumidamente para cada linha de água o sistema de esgotos existente. Para maior promenor, deve ser consultado o relatório sobre Drenagem de Águas Residuais.

# 3.4.1 Ribeira de Algés

# O Sistema de Esgotos Domésticos

O sistema de drenagem dos esgotos domésticos desta bacia estendese do Concelho da Amadora, povoação de Alfragide, até Algés. Os efluentes são conduzidos para um emissário instalado ao longo da Ribeira e integrados graviticamente no sistema de Lisboa. Nas zonas mais baixas de Algés os esgotos são bombados para este sistema. O destino final é a ETAR de Alcântara.

Existem porém situações, como a que se indica, que não se inserem neste sistema geral e que conduzem à descarga de esgotos domésticos e industriais para a linha de água.

# Ponto A (Muito Forte)

# Caudal de Entrada no Concelho de Oeiras

O caudal de entrada apresenta cargas poluentes provenientes de actividades existentes a montante, nos concelhos de Lisboa e Amadora. Relativamente a Lisboa, refere-se por exemplo que todos os esgotos domésticos do Parque de Campismo de Lisboa são conduzidos directamente para esta linha de água junto às instalações do supermercado Macro. O bairro do Zambujal, no Concelho da Amadora, drena também parte importante dos efluentes domésticos para a ribeira de Algés.

# 3.4.2 Ribeira da Junça

Trata-se de uma linha de água inteiramente no interior do Concelho, com percurso bastante curto, com origem na Junça e que desagua no rio Tejo junto à foz do rio Jamor.

#### **Pontos Negros:**

# Ponto A

#### Sul de Linda-a-Velha

(Forte?)

Registam-se agui escorrências de efluentes domésticos para a linha de água provenientes da zona sul de Linda-a-Velha.







### Ponto B

# Zona do Aquário Vasco da Gama

(Forte?)

Na zona do Aquário Vasco da Gama encontram-se alguns esgotos domésticos mais antigos ligados para o linha de água que se encontra canalizada até à sua foz.

# 3.4.3 Rio Jamor

O sistema de drenagem de águas residuais é feito através de um emissário que se desenvolve desde a povoação de Carenque, no Concelho da Amadora, até à Cruz Quebrada. Aí as águas são lançadas no mar através de um emissário submarino de curta extensão. Existem porém excepções que não se integram neste sistema e que drenam directamente para a linha de água.

# **Pontos Negros:**

#### • Ponto A

# Caudal de Entrada no Concelho de Oeiras

(Muito Forte)

Para montante de Oeiras, no Concelho de Sintra, existem várias descargas de águas residuais domésticas e industriais para o rio Jamor. Refere-se por exemplo os esgotos provenientes de Massamá. A qualidade da água do rio nesta zona de montante é assim bastante baixa, com elevados níveis de poluição.

#### • Ponto B

#### Zona Industrial de Queluz de Baixo

(Forte?)

Existem por vezes alguns entupimentos nas canalizações de drenagem de águas residuais desta zona industrial. Nesta situação os esgotos das unidades industriais atingem a ribeira.

# • Ponto C

# Zona Industrial Valejas

(Pouco Forte?)

Algumas unidades industriais na zona Sul de Valejas parecem drenar os esgotos directamente para o rio Jamor. Não foi possível confirmar este facto.

# • Ponto D

# Queijas

(Muito Forte)

Uma parte importante dos esgotos domésticos do aglomerado urbano de Queijas são lançados no rio Jamor, na margem direita, a montante do Bairro da Gandarela.

# Ponto E

#### Quinta da Gandarela

(Pouco Forte)

Trata-se de um núcleo habitacional de génese ilegal com algumas barracas junto ao rio. Nesta parte alguns esgotos domésticos, em







quantidade reduzida, e de pequenas oficinas (óleos, etc.) são dirigidos para a linha de água.

#### • Ponto F

#### O Afluente Ribeira de Carnaxide

(Muito Forte)

Uma parte do aglomerado urbano de Carnaxide com elevada densidade populacional descarga elevados caudais de esgotos domésticos para a ribeira de Carnaxide. Estes afluem depois ao rio Jamor na zona da Senhora da Rocha.

### • Ponto G

### Jusante da Senhora da Rocha

(Pouco Forte)

Entre a Senhora da Rocha e a auto estrada do Estoril existe um bairro de habitações precárias. Uma parte, situado a cotas mais baixas, drena alguns esgotos domésticos para o rio Jamor.

# • Ponto H

# Junto à Quinta do Balteiro

(Muito Forte)

Uma parte importante dos esgotos domésticos da zona antiga de Lindaa-Velha são descarregados no rio Jamor, próximo da Quinta do Balteiro.

#### 3.4.4 Ribeira de Barcarena

O sistema de drenagem desta bacia é efectuado através de um emissário com início no Concelho de Sintra e que se prolonga até Caxias, onde existe uma estação de pré-tratamento e bombagem. Detectaram-se os seguintes pontos de contaminação da água da ribeira:

# **Pontos Negros:**

#### Ponto A

# Caudal de Entrada no Concelho de Oeiras

Forte

Para montante de Oeiras, no Concelho de Sintra, existem várias descargas de águas residuais domésticas e industriais para a ribeira de Barcarena. A qualidade da água quando entra em Oeiras é bastante baixa, com elevados níveis de poluição.

# Ponto B

#### Fábrica da Polvora

Muito Forte

Os esgotos provenientes de Tercena descarregam directamente na ribeira de Barcarena, junto à Fábrica da Pólvora. Para além da poluição da água geram ainda bastante maus cheiros.





Ponto C

Murganhal

Forte

A jusante da Pedreira Italiana afluem esgotos domésticos em grande quantidade provenientes da zona do Murganhal. Segundo se apurou parece ser devido ao entupimento de um colector da rede doméstica.

• Ponto D

Zona Antiga de Caxias

Forte?

Na zona antiga de Caxias as redes de drenagem pluvial e doméstica não são inteiramente separativas, havendo por isso descargas de esgotos domésticos para a linha de água. Existe também a possibilidade de algumas descargas provenientes de oficinas.

# 3.4.5 Ribeira de Porto Salvo

Em funcionamento pleno, as águas residuais são encaminhadas para um emissário paralelo à ribeira de Porto Salvo, que descarrega depois para o Interceptor da Costa do Estoril através de uma estação elevatória instalada em Paço de Arcos.

**Pontos Negros** 

Existem algumas excepções pontuais que não se integram completamente no sistema de drenagem existente. Assim, alguns dos pontos negros de contaminação da água da ribeira são os seguintes:

• Ponto A

Na Zona Industrial de Porto Salvo

Pouco Forte

Existem descargas na ribeira de óleos e outros produtos de lavagem provenientes da uma empresa, o que constitui o primeiro foco de poluição localizada que se encontrou desde montante. Não existe rede de drenagem de águas residuais nesta área industrial.

• Ponto B

A Montante da Confluência com a Ribeira de Vila Fria

Forte?

A montante da confluência existe um notório mau cheiro que muito provavelmente é originado por descargas de esgotos domésticos para a ribeira, provenientes de uma nova urbanização. Segundo alguns residentes locais existe uma ligação da rede de esgotos domésticos para a rede pluvial, com o consequente descarregamento directo na linha de água. Esta ligação existiria por razões de entupimento da rede de esgotos domésticos.



#### • Ponto C

#### No Afluente Ribeira de Vila Fria

Forte?

Uma das principais nascente da ribeira de Vila Fria situa-se numa encosta onde está situada lixeira de Vila Fria, já desativada, mas construída sem impermeabilização de fundo. As características geológicas do solo e as características da lixeira apontam para fácil infiltração das águas lexiviantes no subsolo, contaminando muito provavelmente as águas da ribeira.

# • Ponto D

### Pontão em Porto Salvo

Forte

Existem duas descargas de águas residuais domésticas por baixo do principal pontão viário, junto a cafés e zona de comércio tradicional. No leito acumulam-se as lamas associadas aos esgotos. Trata-se de um núcleo urbano antigo pelo que é muito provável que haja contactos entre condutas pluviais e domésticas.

#### • Ponto E

### Junto à Escola Primária Nº1

Pouco Forte

Existe uma descarga de esgotos confinante com a Escola Primária. As crianças brincam nas suas imediações. Julga-se que haja, tal como anteriormente, contactos entre rede antigas de esgotos domésticos e pluviais.

#### Ponto F

# Antes do Atravessamento da Auto-Estrada

Pouco Forte

Detectou-se pelo menos uma descarga de efluentes líquidos na linha de água a sul de Porto Salvo e antes do atravessamento da auto-estrada. Porém, devido à vegetação intensa na linha de água, não foi possível identificar a sua origem. Julga-se que sejam algumas ligações clandestinas de esgotos domésticos à rede de pluviais.

# • Ponto G

# Próximo da Zona industrial de Paço de Arcos

Muito Forte

Detectam-se algumas descargas de esgotos industriais provenientes das unidades próximas. A sua dimensão e importância não foi porém possível de determinar. Existem ainda com frequência descargas de grande quantidade de esgotos domésticos para a ribeira.

Isto deve-se a que a conduta de esgotos domésticos não tem suficiente capacidade de transporte e descarrega para a linha de água. Já está implantada uma nova conduta que aumentará substancialmente a capacidade de transporte e eliminará num futuro próximo as descargas na ribeira. É no entanto necessário primeiro efectuar algumas ligações antes da sua entrada em funcionamento.





• Ponto H

Zona Antiga de Paço de Arcos

Forte?

Algumas redes de drenagem são bastante antigas verificando-se por vezes que existem ligações entre esgotos domésticos e pluviais.

# 3.4.6 Ribeira da Laje

Paralelamente à ribeira existe um emissário que recolhe as águas residuais. Tem início no Concelho de Sintra e prolonga-se até Santo Amaro de Oeiras. Este emissário possui a montante da povoação da Laje ligação gravítica ao Interceptor da Costa do Estoril. Os efluentes a jusante deste local são conduzidos até Santo Amaro de Oeiras e depois bombados para este interceptor, sendo assim também conduzidos à ETAR da Guia.

# Pontos Negros da Ribeira de Talaíde:

Na ribeira de Talaíde, afluente da margem esquerda da ribeira da Laje, existem três pontos negros.

#### Ponto A

#### A Jusante de Talaíde

Forte

A ribeira recebe os esgotos domésticos do aglomerado de Talaíde, da parte inserida no Concelho de Oeiras, assim como os esgotos da Escola C+S, Aquilino Ribeiro.

Existe um projecto para evitar esta situação, prevendo-se que a obra seja lançada a curto prazo.

#### Ponto B

#### Mais a Jusante de Talaíde

Forte

Neste local, um pouco mais a jusante que o ponto A, são descarregadas todas as águas residuais provenientes do Parque de Ciência e Tecnologia (Tagus Park).

Está previsto que as águas residuais do Tagus Park sejam integradas no interceptor existente paralelo à ribeira. O inicio das obras está programado para o fim de 1996.

# Pontos Negros da Ribeira da Laje:

#### • Ponto C

# Caudal de Entrada no Concelho de Oeiras

Muito Forte

A Ribeira da Laje guando entra no Concelho de Oeiras encontra-se bastante afectada por descargas doméstica e industriais efectuadas nos Concelhos de Cascais e Sintra.







### • Ponto D

# Aglomerado Urbano da Ribeira da Laje

Pouco Forte

Junto à ponte de acesso ao bairro da Ribeira da Laje existe uma saída de esgotos domésticos para a ribeira provenientes da parte mais baixa do aglomerado. Julga-se que não ultrapasse a dezena de habitações.

#### • Ponto E

# Na Estação Agronómica

Muito Forte

Verifica-se com alguma frequencia fortes descargas de esgotos domésticos dirigidos directamente para a ribeira. Julga-se que os esgotos sejam provenientes do Bairro da Mina, Concelho de Cascais, onde residem largas centenas de pessoas.

Existe um projecto para a resolução do problema da autoria da SANEST e que consiste na ligação da conduta proveniente do Bairro da Mina ao interceptor já existente, paralelo à ribeira.

#### Ponto F

# Vila de Oeiras Antiga

Forte

No tecido urbano mais antigo da Vila de Oeiras as redes domésticas e pluviais mais velhas não são inteiramente separativas. Existe comunicação entre elas, conduzindo a que com alguma frequência as águas residuais domésticas antinjam a ribeira, próximo do Palácio do Marquês.

#### Ponto G

#### No Jardim de Oeiras

Pouco Forte?

No jardim de Oeiras, próximo da ponte ferroviária, verifica-se a descarga de algumas águas residuais também resultantes do núcleo mais antigo de Oeiras. O processo que lhes dá origem é idêntico ao anterior.





OEIRAS XXI - Plano Estratégico para o Desenvolvimento Sustentável Rib. Talaide Rio Jamon AIBª de Classes da Qualidade da Água das Ribeiras B5 Rib. Barcarena Sem Poluição Pouco Poluida Riba Porto Salvo Mediamente Poluida Bastante Poluida Excessivamente Poluida Pontos de Recolha de Amostras de Água para Análise -109000 m



#### PATRIMÓNIO NATURAL 4\_

Existe um rico e variado património natural localizado ao longo de quase todas as linhas de água do Concelho, apesar de alguns factores de degradação, como se referiu no Capítulo anterior. No presente Diagnóstico Selectivo apontam-se só os três principais vales.

# Destaque: Laje, Barcarena e Jamor

Pela sua importância, merece destaque muito especial o património natural existente no vale das ribeiras da Laje, Barcarena e Jamor. As estruturas das quintas de recreio proporcionam ainda hoje e sobretudo nestes vales um continuo verde ainda ambientalmente equilibrado que importa preservar e valorizar.

No âmbito da elaboração do presente Diagnóstico Selectivo não se detectou a existência de um levantamento actual e específico das características deste património natural. Os elementos que seguidamente se apresentam tiveram como base a observação directa e as valiosas contribuições de técnicos da Câmara Municipal de Oeira(1).

# 4.1 Vale da Ribeira da Lage

O vale da ribeira da Lage inicia-se, na zona de jusante, com a grande quinta do Marquês de Pombal. São cerca de 200 hectares murados e possuindo zonas de vegetação bastante variada. Presentemente está ainda protegida das intervenções mais agressivas. No entanto apresenta, desde há algum tempo, vários sinais de um processo de degradação das óptimas condições iniciais.

# Quinta do Marquês: Importância Estratégica

Trata-se de um espaço natural da maior importância estratégica para o Concelho. Pela diversidade de espécies faunísticas e florísticas, pela grande área continua que dispõe e pela localização, inserida num espaço urbano constituindo como que um oásis no tecido envolvente, julga-se de atribuir a esta zona o máximo relevo ambiental pelas enormes potencialidades que possui para o desenvolvimento sustentável do Concelho.

<sup>(1)</sup> Arq. Rodrigo Rodrigues (DPGU) e Arq. Augusto Couto (GDM).





Os amplos e belos jardins do Palácio do Marquês encontram-se em bom estado de conservação, sendo utilizados pelo Instituto Nacional de Administração, instalado no palácio. O público não tem acesso aos iardins do Palácio. A rentabilização deste valor para a comunidade não se encontra assim devidamente aproveitada.

A quinta atinge a praia e o rio através da área verde do Parque Municipal (antiga guinta dos Arriaga). Para Norte da Quinta, o continuo vegetal termina depois com a estrutura das quintas da Boiça de Cima e de Baixo.

O vale da Lage apresenta ainda um elevado estado de naturalização dentro do Concelho de Oeiras, só pontualmente perturbado por intervenções urbanas sobranceiras ao vale e pela existência do aglomerado da Ribeira da Lage.

# 4.2 Vale da Ribeira de Barcarena

No vale da ribeira de Barcarena, a estrutura de quintas de recreio é iniciada com a área murada da quinta Real de Caxias, que se interliga com a orla ribeirinha através do Parque Municipal da estação da C.P. de Caxias (terrapleno conquistado ao rio).

Continuando para Norte através da Cerca do Convento da Cartuxa, e por uma sucessão de quintas, como sejam a quinta do Arco, a quinta da Muchanvala, a quinta de S. Francisco, a de Nª Sra da Conceição, a da Ponte, a de S. Miguel, a estrutura verde termina na zona da Fábrica da Pólvora de Barcarena.

Como sub-sistemas podemos apontar a linha de vale que termina no núcleo antigo de Queijas (actualmente muito comprometido pelo nó da CREL com a auto-estrada), mas com captações e nascentes de água, a partir do planalto de Queijas que abasteciam o aqueduto, actualmente cortado, de onde partia a água para todo o sistema hidráulico da quinta Real de Caxias.

Outros sub-sistemas são a quinta da Fonte de Leceia que encabeça uma importante linha de talvegue, a quinta da França na margem oposta, integrada no núcleo antigo de Tercena, mais a norte.





Como pontos altos, destas estruturas Agrícola-Recreativas, apontamos para a quinta ou quintas dos Marqueses de Pombal e para a quinta Real de Caxias.

# Importância Estratégica

Apesar de não existir neste vale um espaço com características idênticas à da Quinta do Marquês, o sistema natural de Barcarena possui também importância estratégica para o Concelho. Isto deve-se ao elevado grau de naturalização ainda existente do vale, ao valor dos seus biótopos e ao facto de constituir um corredor verde estruturante da paisagem e de articulação de variadas funções bio-físicas.

# 4.3 Vale do Rio Jamor

Trata-se do terceiro grande espaço natural estruturante do Concelho. O vale do Rio Jamor Inicia-se junto da orla costeira com os cerca de 200 hectares de arborizados integrados no perímetro do Estádio Nacional.

A manutenção e a valorização do uso de alguns espaços naturais no interior deste perímetro do Estádio é presentemente bastante deficiente.

# Importância Estratégica

Considera-se a zona do Estádio Nacional de importância estratégica para o sistema natural do Concelho devido ao conjunto de factores tais como: grande dimensão, unidade geográfica, variedade de espécies e localização espacial.

A parte do vale para norte do Estádio Nacional encontra-se pontualmente tocada por aglomerados urbanos (Valejas, Quinta da Gandarela, etc), mas detém ainda grande naturalidade. Existem várias zonas agrícolas com regadios.

Destaca-se ainda a quinta do Estrangeiro em Valejas e a quinta da Rainha em Queluz de Baixo, importante pela articulação que proporciona com o conjunto dos jardins do Palácio de Queluz e com a Matinha.

Tal como o vale de Barcarena, o vale do Jamor tem grandes potencialidades para funcionar como um importante corredor verde.



# **ORLA COSTEIRA**

# Agradecimentos

O presente capítulo não poderia ter sido executado sem a colaboração e pronta disponibilização de informação do Departamento de Planeamento e Gestão Urbanística, do Gabinete de Desenvolvimento Municipal e do Gabinete de Estudos da Câmara Municipal de O eiras.



# VI - ORLA COSTEIRA

#### INTRODUCÃO 1.

# Local Muito Apetecido

A orla costeira é em regra um local muito apetecido para a implantação de um vasto conjunto de actividades humanas atraidas pela beleza da paisagem, amenidade do clima e potencialidades associadas ao turismo, lazer, comércio, pescas, indústrias, etc.

#### Local Muito Sensível

No entanto, as orlas costeiras são ecossistemas relativamente frágeis. situados na transição entre o meio marinho e o terrestre. É o habitat de muitas espécies de flora e fauna, de entre as quais as mais visíveis são as aves. A paisagem, modelada pelos ventos, marés e outras elementos naturais reveste-se de características únicas e de rara beleza.

### Local de Conflitos

A elevada sensibilidade da orla costeira conjugada com a grande procura para a instalação de actividades humanas gera pressões sobre o ambiente bio-físico e provoca conflitos acentuados.

# Em Oeiras, um pouco de História

A zona ribeirinha do Concelho de Oeiras não possuía até à segunda metade do século XIX capacidade de atracção e de polarização demográfica digna de nota. Os elementos mais distintivos dessa longa faixa acabaram por ser as fortificações que constituíam, desde meados do século XVII, a linha de defesa do acesso a Lisboa.

A segunda metade do século passado foi caracterizada pelo início de um novo processo de restruturação do espaço concelhio. A melhoria das comunicações por estrada, a descoberta das praias pela burguesia lisboeta e, mais tarde, a abertura do caminho de ferro, deu início à fase balnear e de utilização turística moderna. A arquitectura de veraneio pontificou na ocupação da estreita faixa entre as praias, o caminho de ferro e as encostas viradas a Sul, ao Sol e ao Tejo.

O crescimento centrífugo da cidade de Lisboa, acelerado a partir da década de 50, atingiu na década de 70 os seus mais elevados ritmos e níveis, ainda hoje patente em algumas urbanizações massificadas e desqualificadas, por vezes próximo da orla costeira.



#### CARACTERIZAÇÃO BIOFÍSICA DA ORLA COSTEIRA DE OEIRAS 2.

#### Precaucão

A caracterização das condições biofísicas do local em estudo, está baseada em dados escassos e limitados. Deste modo, as informações prestadas devem ser encaradas com as precauções que o número e a qualidade destes dados aconselham.

#### 2.1 Configuração e Constituição

# De Pedrouços a S. Julião da Barra

A orla costeira do Concelho de Oeiras desenvolve-se ao longo da margem direita do Rio Tejo segundo uma extensão de cerca de 10 Km, estando esta compreendida entre o Forte de S. Julião da Barra e a Doca de Pedroucos. A linha de costa apresenta ainda um ligeiro arco com uma suave concavidade voltada para Sul em forma de enseada.

# Embocadura do Tejo

A orla costeira do Concelho está localizada a embocadura do Tejo. Ela é um pouco irregular, estando apenas pontualmente marcada por pontas rochosas ou construções transversais à linha de costa, mais ou menos salientes, que retêm as areias de pequenas praias de retenção, nomeadamente a Praia da Cruz Quebrada e a Praia de Caxias.

#### **Fortalezas**

Ao longo da margem direita do Rio Tejo, é ainda possível encontrar um conjunto apreciável de fortalezas militares implantadas próximas da linha de costa, originalmente integradas nos antigos dispositivos operacionais de defesa da barra do Tejo.

### Esboço Geológico

Todas as formações ocorrentes são de natureza sedimentar, exceptuando a formação basáltica que aflora na margem direita, aproximadamente situada entre Lisboa e Paço de Arcos e algumas formações pertencentes à Serra de Sintra.

A orla costeira do Concelho de Oeiras integra na sua extensão um troço de afloramento de calcários do Cretácico, que se estende desde Paço de Arcos até um pouco além da Praia do Guincho. Em Paço de Arcos, estes calcários contactam com os basaltos e tufos vulcânicos da formação basáltica de Lisboa e no Guincho com os calcários e xistos do Jurássico.



#### **Fundos Submarinos**

A configuração dos fundos submarinos adjacentes a toda a orla costeira do Concelho de Oeiras acompanha, de um modo geral, o recorte da linha de costa. No entanto, a inclinação dos fundos pode apresentar valores de declive variáveis, dependendo da sua localização específica.

# De Paço de Arcos para Nascente: Fundos Pouco Rochosos

O recorte bastante regular das batimétricas mais próximas da linha de costa, especialmente entre Paço de Arcos e Lisboa, bem como a ausência dominante de grandes aglomerados de pedras na costa litoral, denunciam a natureza pouco rochosa dos fundos submarinos nesse troco da orla.

# De Paço de Arcos para Poente: Fundos Rochosos

No entanto, tal natureza sofre alguma alteração no percurso da costa litoral situado entre Paço de Arcos e Cascais, sendo confirmada a constituição rochosa dos fundos, salvaguardando contudo a presença de areia em alguns locais particularmente abrigados onde possa ocorrer sobreposição aos fundos rochosos de formações arenosas com espessura variável.

#### 2.2 Clima

Os Invernos são tépidos e pouco chuvosos e os Verões são quentes e secos. As amplitudes térmicas são relativamente reduzidas devido à acção moderadora do mar. Sobre estes aspectos em pormenor ver o Capítulo I, sobre o clima em Oeiras.

#### · Temperatura do Ar

A temperatura média anual é de 16ºC, com a média mínima em Janeiro, de 11,2ºC e a média máxima em Agosto, de 21,4ºC.

# Precipitação

A precipitação total anual ronda os 700 litros por m2, correspondendo a cerca de 96 dias com precipitação superior ou igual a 0,1 l/m2. Na época balnear registam-se precipitações mensais inferiores a 20 l/m2.

#### Ventos

A proveniência quase exclusiva dos ventos na época balnear é de Norte. No Inveno existe também ventos provenientes de Nordeste. A intensidade do vento é nitidamente superior durante os meses de





Verão, o que pode provocar algum desconforto nas praias durante a época balnear, ou, por outro lado, permitir a prática de desportos náuticos à vela.

### Nebulosidade

Os valores da nebulosidade indicam uma grande frequência de céu limpo, principalmente de Abril a Outubro, proporcionando ao Concelho grandes potencialidades turísticas e no que diz respeito ao conforto humano.

# Insolação

O número de horas de sol bastante elevado, que pode chegar a ser superior a 300 mensais, proporciona ao Concelho um elevado potencial para o turismo de praia e para o conforto habitacional.

#### Nevoeiro

O número de dias com nevoeiro apresenta-se baixo durante todo o ano. Em 10 meses do ano, o número de dias por mês com nevoeiro é inferior a dois. Os meses de Setembro e de Janeiro possuem em média cerca de 3 dias de nevoeiro.

#### Conclusões

A disposição da orla costeira do Concelho de Oeiras, aberta a Sul, e a protecção dos ventos predominantes conferida pelas Serras de Sintra e de Carnaxide, dão ao clima local características singulares, de amplitudes térmicas reduzidas, valores razoavelmente altos de insolação, pequena ocorrência de nevoeiros e frequência elevada de calmas.

#### 2.3 Geologia e Sedimentologia

# Estudo do LNEC

O Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC) efectuou um estudo sobre as características dos sedimentos do estuário e da costa atlântica, que utilizamos aqui como referência.

#### Associação D

Desde S. Julião da Barra até à Ericeira ocorre a Associação D que é de origem em parte vulcânica e em parte metamórfica e é constituída essencialmente por turmalina, augite e horneblenda castanha (basáltica) e ainda, segundo proporções variáveis, por granada, andaluzite e estaurolite.



# Associação A

A Associação D confina e mistura-se, entre S. Julião da Barra e a Ribeira de Barcarena, com a Associação A, de origem essencialmente vulcânica, caracterizada pela presença de augite em grande quantidade e contendo ainda turmalina, zircão, estaurolite e andaluzite. A Associação A continua para montante, até Lisboa.

#### Sedimentos

Os sedimentos do troço de costa abrangido pela orla ribeirinha do Concelho de Oeiras resultaram, em parte, da erosão marinha sobre as formações costeiras e, em parte, do transporte pelo mar da mistura de sedimentos carregados pelo Rio Tejo até à sua foz.

#### Fenómenos Aluvionares

Os fenómenos aluvionares no troco de orla costeira do Concelho de Oeiras são quase exclusivamente devidos à ondulação oceânica. A erosão directa das falésias costeiras é muito lenta e, por isso, responsável por uma expressão de aluvião pouco significativa, sendo as linhas de água existente também pouco importantes, tornando a alimentação aluvionar bastante limitada.

#### 2.4 Fauna e Flora

#### Carência de dados

No domínio da caracterização da fauna e da flora da orla costeira do Concelho de Oeiras não foi encontrado qualquer estudo bio-ecológico relativo a esta área, tendo apenas sido encontrada documentação decorrente da elaboração de estudos dirigidos ao estuário do Tejo.

# Necessário Colmatar Lacuna

Por este motivo, revela-se importante aprofundar os conhecimentos sobre alguns aspectos da bio-ecologia da região em estudo, nomeadamente no que se refere à identificação das principais espécies. No ponto 6.7 do presente Capítulo efectua-se uma breve avaliação da flora terrestre.

Ainda no âmbito do presente relatório são efectuadas algumas referências sobre a fauna piscícola com base em alguns dados relativos à actividade piscatória local (ponto 5.1).





# 3. CARACTERIZAÇÃO HIDRODINÂMICA DA ORLA COSTEIRA

# 3.1 Regime de Agitação

### Influência Atlântica

O troco de orla costeira de Oeiras, situa-se no espaço de transição entre o estuário do Rio Tejo e o Oceano Atlântico. Está sujeito à acção da agitação oceânica que, em maior ou menor grau, se propaga através da barra e para o seu interior.

Para além das ondas provenientes do largo, a orla costeira do Concelho de Oeiras é também atingida por ondas geradas localmente, no interior do estuário do Tejo, essencialmente por acção do vento.

#### Estuário bem Misturado

A dominância dos caudais marinhos sobre os caudais fluviais tem como consequência que o tipo de circulação dominante no estuário do Tejo seja, na zona de Oeiras, a de um estuário globalmente bem misturado.

# Agitação

A agitação provem sobretudo do Noroeste (66%), seguida do Oeste (14%) e do Norte (4%). O escalão de alturas de ondas mais frequente é o de 1 a 2 m. Verifica-se ainda que cerca de 85 % das alturas de onda são inferiores a 3 m.

#### Propagação da Agitação

No respeitante à propagação da agitação proveniente do largo para o interior do estuário do Tejo através da sua embocadura, podem ser diferenciadas duas zonas de penetração:

- As barras Norte e Sul, esta última também designada por barra Grande;
- A secção de embocadura correspondente ao banco do Bugio, desde o Farol do Bugio à ponta da Cova do Vapor.

#### Estudos da APL

Em estudos realizados por encomenda da Administração do Porto de Lisboa (APL) foi realizada a avaliação das condições de penetração da agitação através destas duas zonas, sendo possível afirmar que:

- A agitação que penetra no estuário pelas suas duas barras pode atingir amplitudes da ordem dos 0.70 m;
- Numa situação de máxima preia-mar de águas vivas, o valor de amplitude máxima das ondas que podem atingir o trecho da costa





referente à orla costeira do Concelho de Oeiras, após terem passado sobre o banco do Bugio, será da ordem dos 2.70 m.

Estas constatações seriam uma das razões pela qual a APL pretendia proceder ao fecho da Golada, uma vez que esta obra permitiria impedir a penetração da agitação oceânica através do banco do Bugio, a qual atinge actualmente amplitudes significativas e incide directamente na margem Norte do Estuário, na orla costeira do Concelho de Oeiras.

# Agistação gerada no Estuário

Para além da agitação oceânica que poderá atingir a zona da orla costeira do Concelho de Oeiras, há que considerar ainda a agitação gerada internamente no próprio estuário, essencialmente devida à acção perturbadora do vento local. A altura máxima da vaga devida ao vento local é função da localização do trecho litoral em referência, das dimensões e forma da zona de geração e das características do vento, tais como rumo, velocidade e duração.

De acordo com dados fornecidos pelos estudos citados podem ser referidas as seguintes características principais para a agitação máxima, gerada no interior do estuário do Tejo, por acção do vento local:

- Altura significativa: H<sub>s</sub>= 1.45 m;
- Período significativo: T<sub>s</sub>= 4.5 s;
- Duração mínima do vento: t= 1.0 h.

#### 3.2 Regime de Marés

#### Valores em Cascais

As características da maré oceânica têm sido observadas e registadas desde há muitos anos por um marégrafo instalado em Cascais, tendo estes registos servido para se efectuar a previsão das marés cuja publicação está a cargo, todos os anos, do próprio Instituto Hidrográfico da Marinha.

A análise das previsões constantes das tabelas publicadas ao longo dos últimos anos indica os seguintes valores característicos das marés



em Cascais, mas que não podem contudo ser considerados inteiramente representativos da orla costeira do Concelho de Oeiras:

- PMmáx: (+3.87 m) ZH;
- PMAV: (+3.45 m) ZH;
- PMAM: (+2.70 m) ZH;
- NM: (+2.08 m) ZH;
- BMAM: (+1.45 m) ZH;
- BMAV: (+0.70 m) ZH;
- BMmín: (+0.26 m) ZH.

### Em que:

- PMmáx e BMmín são a máxima e a mínima alturas de água que se prevê que pudessem ocorrer sob condições meteorológicas normais;
- PMAV e BMAV são os valores médios das alturas de água de duas preia-mares/baixamares sucessivas, que ocorrem quinzenalmente quando a amplitude da maré é máxima;
- PMAM e BMAM são os valores médios das alturas de água de duas preia-mares/baixamares sucessivas, que ocorrem quinzenalmente quando a amplitude da maré é mínima;
- NM é o valor médio adoptado, relativamente ao qual foram elaboradas previsões.

Com excepção do NM, os restantes valores variam de ano para ano segundo um ciclo de aproximadamente 19 anos. No entanto, estas variações são relativamente pequenas, pelo que se consideram representativos os valores indicados anteriormente.

Com base nas previsões de marés é possível caracterizar com um certo detalhe o regime de marés na orla costeira do Concelho de Oeiras na ausência de efeitos meteorológicos estranhos.

#### Inferência para Oeiras

Através da análise da previsão das cotas de máxima preia-mar de águas vivas (MPMAV) e da mínima baixa-mar de águas vivas (MBMAV), incluindo o tratamento de elementos maregráficos e após concordância feita a partir dos dados calculados, foi possível concluir:

- A máxima preia-mar de águas vivas é da ordem de (+4.10 m) ZH e a mínima baixa-mar de águas vivas é de cerca de (+0.35m) ZH;
- Apenas 5 % das preia-mares ultrapassam a cota (+3.80 m) ZH ou não atingem a cota (+2.80 m) ZH, o que implica que em 90 % do número total de preia-mares o nível máximo varia menos de 1.0 m;
- · O mesmo acontece relativamente às baixa-mares, dado que apenas em 5 % delas é ultrapassada a cota (+1.50 m) ZH ou não é atingida a cota (+0.50 m) ZH;





• O valor médio das amplitudes é de aproximadamente 2.20 m.

# Regime de Correntes

O regime de correntes ao largo de Oeiras é ainda mal conhecido em virtude de não ter sido realizada qualquer campanha sistemática de medição na região. Assim, o único processo de que se dispõe para estudar os campos de correntes actual, é utilizar o modelo hidráulico reduzido do estuário do Tejo, construído e explorado pelo LNEC.

#### Correntes em Oeiras

- · Ao longo do canal principal, entre a barra Sul e a secção de Pedrouços-Trafaria, o escoamento apresenta uma importante inércia, ocorrendo as inversões de direcção em maré viva cerca de uma hora após a preia-mar e uma hora e meia após a baixa-mar.
- As correntes de vazante máximas e médias são de 30 a 40 % superiores às correntes de enchente ao longo do talvegue principal, para o troco entre a barra Sul e S. Julião/Bugio.
- As velocidades máximas de corrente, 1.5 m/s para uma maré viva de 3.0 m de amplitude, ocorrem na zona central do canal principal, na secção S. Julião/Bugio;
- As correntes residuais mais fortes localizam-se ao longo do talvegue do canal principal (0.15 m/s).

# Corrente de Vazante é superior à de Enchente

Nas vizinhancas da embocadura as velocidades das correntes de vazante são sempre superiores às correspondentes de enchente.

# Consequências para a Morfologia do Estuário

Das condições de dominância da maré sobre as afluências fluviais resulta que a morfologia da embocadura do estuário é quase exclusivamente determinada pela forte acção da maré, mostrando um canal principal modelado pelas correntes de vazante, ladeado por extensos bancos onde as correntes de enchente, associadas à acção de onda, são os agentes modeladores dominantes.

A inércia do escoamento conjugada com a resistência oferecida pelo banco do Bugio, provoca o surgimento de escoamentos opostos nos períodos de preia-mar e baixa-mar no canal principal e na Golada.



#### Vórtices na Embocadura

Outro efeito das condições morfológicas é a formação de importantes vórtices (remoinhos) na embocadura do estuário do Tejo. Entre os vórtices formados destacam-se, pela sua magnitude, os três seguintes:

- Sobre a parte mais larga do Cachopo Norte, no início da enchente;
- Em frente a Algés, entre a Cruz Quebrada e a Torre de Belém, também no início da enchente:
- · Ao longo do talude Norte do banco do Bugio, do lado da Trafaria, no início da vazante.

# CARACTERIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO DA ORLA COSTEIRA

# 4.1 Aspectos Históricos das Principais Fortificações

As fortificações existentes ao longo da orla costeira de Oeiras constituem importantes elementos patrimoniais. São numerosas e marcam fortemente a paisagem. O Plano de Salvaguarda e Valorização do Património Construído e Ambiental de Oeiras contêm informações abundantes e detalhadas.

# Em regra da Época da Restauração

Com excepção dos fortes de S. Julião da Barra e a Torre do Bugio, cujas épocas de construção são anteriores, a maioria das fortalezas presentes foi erigida durante a guerra de Restauração ou imediatamente a seguir.

# Objectivo: Defender Lisboa

Toda esta estrutura fortificada, cujo principal objectivo era defender Lisboa de um ataque castelhano, acabou por participar, com maior ou menor evidência, em muitos outros conflitos que afectaram o estuário do Tejo, tal como as Invasões Francesas ou as Lutas Liberais.

# A mais Notável: Forte de S. Julião

O Forte de S. Julião da Barra, a mais notável edificação de defesa marítima levantada em Portugal, teve sob as suas ordens todas as demais fortificações localizadas entre a Ribeira de Algés e a Ponta de Rana, incluindo a Torre do Bugio.

### Algumas Classificadas

Tendo em conta o inegável interesse arquitectónico e militar, o Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (IPPAR)





classificou algumas destas fortalezas, designadamente o Forte de S. Julião da Barra e a Torre de São Lourenço ou do Bugio como Imóveis de Interesse Público e ainda o Forte de São Bruno em Caxias.

# 4.1.1 Forte de S. Julião da Barra

• Inicio de Construção: 1553

# Exemplar Único

No género das fortificações à Vauban, S. Julião da Barra é o melhor exemplo existente em Portugal. Um fosso, atravessado por uma ponte levadiça, isolava-o da terra, sendo deveras notáveis o seu traçado e desenvolvimento interior com as amplas esplanadas, os caminhos de ronda e a caprichosa arquitectura das casamatas abobadadas. Das esplanadas do Forte, é possível usufruir de um vasto e empolgante panorama em redor, abrangendo Lisboa, a barra, a margem Sul, a Serra de Sintra, a Baía do Estoril, tornando o um extraordinário local de observação.

# Funções Presentes

Presentemente, a fortaleza de S. Julião da Barra mantém a sua vocação dominantemente militar sob a propriedade do Estado Maior do Exército, sendo utilizado para a recepção de hóspedes governamentais e visitantes ilustres, bem como para a realização de cerimónias e outros actos de representação dos departamentos do Estado integrados na organização da defesa.

#### Limite de Fronteira

A fortaleza de S. Julião da Barra tem uma localização coincidente com o limite da fronteira física ocidental do Concelho de Oeiras, contribuindo para o estabelecimento de uma linha divisória imaginária entre este e o Concelho de Cascais.

#### 4.1.2 Bateria da Feitoria

Inicio de Construção: 1593

# Uso actual:

#### Colégio Militar

Em 1919, a Feitoria, uma vez recuperada pelas autoridades militares e após ter sofrido profundas transformações e melhoramentos, serviu de enfermaria e, 20 anos mais tarde, de colónia de férias do Colégio Militar, a que passou a pertencer definitivamente. Actualmente, a Feitoria ainda alberga instalações do Colégio Militar.

# 4.1.3 Forte de Nossa Senhora das Mercês de Catalazete

• Inicio de Construção: 1762

# Uso actual: Pousada de Juventude

Em 1955 foi dado início a obras de restauro. Posteriormente passou a ser utilizado pela Mocidade Portuguesa como Colónia de Férias até 1974. Actualmente, funciona como Pousada de Juventude de Catalazete, desempenhando funções de equipamento turístico.

# 4.1.4 Forte de Santo Amaro ou do Areeiro

• Inicio de Construção: 1647

# Uso actual: Ministério da Defesa

O Forte de Santo Amaro tornou-se, após o 25 de Abril de 1974, num local de importantes reuniões políticas. Uma tal circunstância gerou necessidades de segurança das altas personalidades que lá compareciam ou permaneciam, tendo sido determinada a sua protecção com um inestético muro, elemento descaracterizador do imóvel original. Actualmente, o Forte encontra-se sob propriedade do Ministério da Defesa Nacional.



# 4.1.5 Forte de S. João das Maias

• Inicio de Construção: Cerca 1640

Uso Actual: Colónia de Férias

Em 1942, após cedência temporária à Junta Autónoma das Estradas de terrenos anexos ao Forte para a construção da Estrada Marginal, foi transferido para o Ministério das Finanças. Foi alvo de trabalhos de beneficiação e passou a ser utilizado como colónia balnear infantil da Legião Portuguesa e da Brigada Naval. Após o 25 de Abril, passou de novo à jurisdição militar que, por intermédio dos Serviços Sociais das Forças Armadas, o manteve como colónia de férias.

# 4.1.6 Forte de Nossa Senhora de Porto Salvo (Forte da Giribita)

• Inicio de Construção: 1649

Uso Actual: Ministério da Marinha

Em 1942 foi cedido à Junta Autónoma das Estradas para fins relacionados com a construção da Estrada Marginal. Posteriormente, albergou um pavilhão de regatas de vela da Brigada Naval da Legião Portuguesa, tendo ainda sido alvo de uma episódica ocupação por marinheiros revolucionários aquando do 25 de Abril de 1974, após o que foi de novo entregue à Marinha de Guerra. Actualmente, está sob a tutela da Marinha e é propriedade do Ministério da Defesa Nacional.

# 4.1.7 Forte de S. Bruno de Caxias

Inicio de Construção: 1647

Uso Actual: Na posse da CMO

Por Decreto de 12 de Setembro de 1978, o Forte de São Bruno de Caxias foi considerado Imóvel de Interesse Público. Actualmente, o Forte encontra-se na posse da CMO que já tem projectada uma intervenção no sentido de o equipar, tornando-o mais acessível à população. A necessidade de prossecução de um tal projecto parece ser óbvia, especialmente em virtude do mau estado de conservação actual do imóvel, bem como dos riscos de degradação a que está sujeito.

Única na posse da CMO

De facto, trata-se da única fortaleza da orla costeira do Concelho de Oeiras cuja disponibilização para utilização pública foi já concedida pela Administração Central.

#### 4.1.8 Forte de S. José de Ribamar

• Inicio de Construção: 1649

Uso Actual: Ruína

Embora continuando na posse da família Castelo Melhor, o palácio e ex-fortaleza deixou a determinada altura de servir de residência de Verão. Na altura, instalou-se nele o efémero Casino do Dafundo e, anos mais tarde, o Colégio Portugal, que também deixou de existir, tendo o edifício passado a entrar num estado de completa degradação.

# 4.1.9 Forte de S. Lourenço ou Torre do Bugio

• Inicio de Construção: 1596

Uso Actual: Farol

A designação Torre do Bugio, geralmente usada, não é muito antiga, tendo surgido, pela primeira vez em de 1715. A origem deste nome, Bugio, que, desde meados do século passado passou a ser corrente, substituindo os de São Lourenço, São Lourenço





da Barra e São Lourenço da Cabeça Seca é, ainda hoje, motivo de certa controvérsia e polémica.

#### Recuperação

Com evidentes sinais de deterioração, devido à erosão das águas e à carência de cuidados de conservação, as obras necessárias à recuperação da velha fortaleza Farol foram recentemente orçadas em cerca de um milhão de contos, destinando-se um quarto desta verba à recuperação de uma capela setecentista existente no interior, a qual se apresenta profundamente degradada.

### 4.2 Intervenções para a Recuperação do Património

#### Iniciativas da CMO

Algumas iniciativas tendo em vista a recuperação e revitalização dos elementos patrimoniais, de modo a permitir novas utilizações, estão a ser tomadas pela CMO.

### 4.2.1 Forte de S. Bruno

#### Com Projecto

O Forte de São Bruno, sob a responsabilidade da CMO, tem elaborado um projecto para a sua recuperação, valorização e animação, bem como uma intervenção na zona envolvente, tendo sido assinado um protocolo entre a CMO e o Fundo de Turismo através do qual foi atribuído um subsídio no valor de 100.000 contos para a 1ª fase.

### 4.2.2 Paço Real de Caxias

#### Recuperação Projectada

O Paço Real de Caxias, cuja área de jardins, cascata e viveiros foi cedida à CMO, tem projectada a sua recuperação e abertura ao público, de acordo com uma utilização voltada para a criação de um espaco cultural e cénico, privilegiando as actividades ao ar livre.

#### 4.2.3 Palácio Ribamar

#### Recuperação para Fins Culturais

Prevê-se que o Palácio Ribamar irá ser alvo de obras de recuperação com vista à instalação da Biblioteca Municipal, Escola de Dança Municipal e Sede de Estudos e Difusão de Música Antiga.

#### CARACTERIZAÇÃO DAS ACTIVIDADES DA ORLA COSTEIRA 5.

#### **Bastantes Actividades**

Na orla costeira do Concelho de Oeiras existe um conjunto de utilizações muito diversas. As principais são:







- Actividades Piscatórias: pesca artesanal; pesca recreativa; conquilicultura;
- Práticas recreativas: natação; surf e windsurf; bodyboard; vela; remo;
- Habitação;
- Hotelaria e turismo.

### 5.1 Actividades Piscatórias

### 5.1.1 Pesca Artesanal

A pesca artesanal, entendida como actividade de sustento individual, é ainda praticada na orla costeira do Concelho de Oeiras, de modo semelhante ao que sucede em outros troços do estuário do Tejo ao longo de toda a sua extensão.

## Pequenas Embarcações

A actividade piscatória desenvolvida na orla costeira do Concelho de Oeiras é caracterizada pela utilização de pequenas embarcações movidas a remos, geralmente desprovidas de motores auxiliares, utilizando a pesca à linha para a captura de carapau e do congro cuja expressão é importante no contexto da região em estudo.

#### Alguns Pólos

A actividade piscatória assumiu em tempos uma expressão bastante significativa no Concelho de Oeiras, tal como é bem demonstrado pela existência de uma antiga lota de pesca em Paço de Arcos.

No entanto, a transformação do tecido sócio-económico e cultural de todo o Concelho levou a um progressivo desaparecimento desta actividade, tendo sido apenas mantido um pólo de pescadores na Praia de Paço de Arcos, bem como pequenos núcleos vestigiais nas Praias de Caxias e da Torre com um significado económico situado aquém do nível individual e precário.

#### Alguns Problemas

Em algumas zonas do estuário do Tejo, a situação de pesca artesanal constitui um problema real cujo enquadramento jurídico-legal não permite ainda assegurar a sua plena resolução a curto prazo, especialmente no que se refere à utilização de artes de pesca ilegais, redes com malha inferior à permitida por Lei e venda de quantidades significativas de peixe e marisco sem passagem pela lota, a particulares ou estabelecimentos comerciais de restauração.





#### Reduzida Dimensão

No entanto, tendo em conta as reduzidas dimensões do fenómeno piscatório na orla costeira do Concelho de Oeiras, a expressão do problema supracitado é ainda pouco significativa no cenário actual, o que não invalida a possibilidade de alteração da situação presente no futuro, tornando necessária a elaboração de estudos no sentido de um maior conhecimento da bio-ecologia e dinâmica populacional das comunidades piscícolas desta região do estuário do Tejo.

#### Evolução Futura

O incremento da prática da pesca artesanal na região poderá sofrer um impulso positivo em resultado da construção de um conjunto de locais de apoio, designadamente o Porto de Recreio da Praia da Torre.

### 5.1.2 Pesca Recreativa

#### **Bastante Frequente**

A pesca recreativa é praticada ao longo da quase totalidade da margem ribeirinha do Concelho de Oeiras. Os parques de estacionamento próximo da água são frequentemente utilizados como zona de apoio.

#### Evolução Futura

Neste domínio, deverão ser igualmente sentidos alguns benefícios directamente resultantes da melhoria das infraestruturas e edificação dos locais de apoio anteriormente citados.

#### Potencialidade

A pesa recreativa poderá constituir um potencialidade a desenvolvidos com alguns programas específicos de índole turística e desportiva com especial importância para o incremento desta actividade.

## 5.1.3 Conquilicultura

#### No Estuário

Os pescadores da zona montante do estuário do Tejo, estimados em cerca de 70, dedicam-se à apanha de berbigão e de lambejinha no período compreendido entre Julho e Janeiro de cada ano, sendo os quantitativos de captura ignorados pelas estatísticas oficiais.

### Risco para a Saude ?

A totalidade do marisco apanhado no estuário do Tejo não sofre actualmente qualquer processo de depuração, tanto para consumo individual e particular como para comercialização em mercados de



venda e de abastecimento, o que torna perigoso a sua ingestão em estado cru, atendendo a sinais de existência de uma eventual contaminação bacteriológica do meio aquático.

#### Em Oeiras ?

Deste modo, é necessário apurar a eventual existência de locais de captura de espécies conquícolas ao longo da orla costeira do Concelho de Oeiras, especialmente devido ao elevado nível de risco em que a sua prática se possa traduzir no domínio da saúde pública.

### 5.2 Actividades Turísticas e Recreativas

#### Local Privilegiado

A orla costeira do Concelho de Oeiras apresenta uma localização geográfica singular, estando compreendida entre os centros de Lisboa e Cascais, usualmente tidos como dois pólos de forte atracção tradicional e cuja bipolarização é sustentada por já longa data.

#### Expressão Reduzida

A actividade hoteleira existente no Concelho de Oeiras, tanto no que se refere à globalidade da sua área interior como à própria faixa de orla costeira, assume uma expressão de reduzida importância e significado no domínio das actividades sócio-económicas concelhias.

### Duas Unidades na Orla Costeira

Presentemente existem 5 unidades principais de indústria hoteleira no Concelho, tendo apenas duas delas uma situação geográfica próxima da orla costeira, designadamente a Pousada de Juventude de Catalazete e o Hotel Sol Palmeiras.

#### Potencialidade

Toda esta região apresenta contudo um elevado potencial de utilização para fins relacionados com a prática de diversas actividades turísticas e recreativas, sendo possível identificar a existência de um conjunto de equipamentos de apoio significativo.

### 5.2.1 Passeio Marítimo e Piscina Oceânica

#### Iniciativa Municipal

O Passeio Marítimo e a Piscina Oceânica de Oeiras representam dois projectos de iniciativa municipal, tendo já sido concluídos. O complexo das piscinas está desde 1995 em fase de exploração.





#### Passeio Marítimo

Relativamente ao Passeio Marítimo de Oeiras, a sua inauguração remonta a 27 de Julho de 1993. O troço já concluído circunscreve-se ao espaço de orla costeira compreendido entre a Praia da Torre e o Complexo de Férias do Inatel, estando o prolongamento previsto pela CMO.

#### Piscina Oceânica

A Piscina Oceânica foi inaugurada em Julho de 1995 e o montante de investimento envolvido rondou um milhão e quatrocentos mil contos, dos quais 800 mil comparticipados pelo Fundo de Turismo e 600 mil pela CMO.

#### Água do Mar

A água utilizada nas piscinas é proveniente do mar, sendo bombada por um complexo sistema de filtros. A água da piscina transborda lenta e continuamente para fora da mesma onde existe um escoamento, sendo substituída em proporções iguais. Depois de escoadas, as águas utilizadas regressam ao mar.

#### Boa Qualidade

O controlo principal da qualidade da água das piscinas é da competência dos SMAS, estando esta entidade responsável pela divulgação da informação ao público através do envio dos resultados das análises efectuadas para o próprio complexo da Piscina Oceânica. São também efectuadas diariamente análises por funcionários da Piscina a parâmetros básicos de qualidade da água.

### 5.2.2 Centro de Férias do Inatel

### Objectivos

O Centro de Férias do Inatel é um complexo turístico destinado ao apoio à ocupação dos tempos livres dos trabalhadores, compreendendo no interior das suas instalações vários equipamentos susceptíveis de serem utilizados pela população em geral com excepção do Motel, de utilização exclusiva para os sócios utentes do Centro de Férias. A este respeito, podem ser referidas as Piscinas, o Solário, o Restaurante e o Snack-Bar.

#### Piscinas do Inatel

As Piscinas do Inatel são de água salgada, sendo a respectiva captação efectuada junto à costa, na zona da praia adjacente através do funcionamento de uma conduta instalada para o efeito,





complementada por um sistema de filtragem de areias e seguido de um tratamento por cloragem.

#### Controlo de Qualidade

O controlo da qualidade da água das Piscinas é da responsabilidade do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge. A divulgação da informação ao público é efectuada por meio de uma vitrine onde se encontram afixados os resultados das análises efectuadas.

#### Boa Qualidade

No momento do levantamento para o presente estudo, encontrava-se afixada uma tabela informativa respeitante à qualidade da água datada de 6 de Agosto de 1996, considerando a amostra como "bacteriologicamente própria para os fins a que se destina".

# 5.2.3 Pousada de Juventude de Catalazete

#### Características

A Pousada de Juventude está Instalada no antigo Forte de Catalazete cuja fundação remonta ao século XVIII, tendo uma capacidade de 92 camas em quartos múltiplos e 5 quartos familiares.

## 5.2.4 Clube Desportivo de Paço de Arcos

#### Tradição

O Clube Desportivo de Paço de Arcos (CDPA) é uma colectividade de Desporto, Cultura e Recreio, fundada em 1944, resultante da fusão entre o Paço de Arcos Sports Clube, o Desportivo Académico de Paço de Arcos e o Paço de Arcos Hóquei Clube.

#### Modalidades

No CDPA pratica-se Andebol, Aeróbica, Ballet, Canoagem, Campismo, Filatelia, Ginástica Educativa, Ginástica de Expressão Corporal, Hidromassagem, Hóquei em Patins, Judo, Karaté, Musculação, Patinagem Artística, Sauna, Vela e Xadrez.

#### Instalações

A prática desportiva encontra-se apoiada nas diversas instalações que o integram, nomeadamente o Pavilhão Gimnodesportivo, o Centro Náutico, o Complexo dos Ginásios e a Sede Social.

#### Sócios

O CDPA conta com cerca de 8.000 sócios, tendo-lhe sido reconhecido já o estatuto de utilidade pública.





# 5.2.5 Instituto de Socorros a Náufragos

Localização

No edifício da Rua Direita de Caxias, funciona a Direcção Técnica Nacional do Instituto de Socorros a Náufragos (ISN). O ISN começou como entidade particular, tendo funcionado com base na solidariedade de alguns beneméritos.

**Actividades** 

Actualmente sob a tutela do Ministério da Defesa Nacional, o ISN funciona como Centro de Formação aos Nadadores Salvadores, estuda técnicas e meios de salvamento, e fornece material de salvamento para os concessionários responsáveis pela vigilância das respectivas praias. Tem ainda a seu cargo as Estações Salva Vidas.

Estação Salva-Vidas de Paço de Arcos

A Estação Salva-Vidas está situada num edifício sito entre a Direcção Geral de Faróis e o Forte da Giribita que, apesar de ser património do Estado, apresenta sinais exteriores de decadência acentuada, muito embora reúna um importante conjunto de meios de salvamento operacionais:

Funções

A Estação desenvolve actividades de vigilância e prestação de serviços de socorro a embarcações em dificuldades ao largo numa área de jurisdição que se estende desde a barra de Lisboa até à Trafaria-Fonte da Telha.

## 5.2.6 Hotel Sol Palmeiras

Características

O Hotel Sol Palmeiras, de 4 estrelas, encontra-se instalado numa antiga mansão senhorial totalmente recuperada. Possui 36 suites e dispõe de modernas instalações.

# 5.2.7 Aquário Vasco da Gama

Um Pouco de História

O Aquário está situado no Dafundo. A sua inauguração remonta a 1898 no âmbito das comemorações do 4º Centenário da Descoberta do Caminho Marítimo para a Índia.

As Instalações

O edifício, tendo sido construído no século XIX, sofreu entretanto várias obras de remodelação e ampliação. Em 1940, por ocasião da





construção da Estrada Marginal, uma ala do edifício foi cortada e alguns terrenos anexos foram destinados à nova rodovia.

#### Funções Actuais

O Aquário Vasco da Gama desempenha actualmente funções de museu, aquário e centro de investigação, estando a sua actividade repartida por estas três vertentes principais.

#### **Visitantes**

O Aquário representa um centro de divulgação e investigação da vida aquática, recebendo anualmente cerca de 230.000 visitantes, dos quais 35 % são visitas escolares, provenientes de todo o país.

# QUALIDADE AMBIENTAL DA ORLA COSTEIRA

### 6.1 Fontes de Poluição

### **Factores Determinantes**

De um modo global, a qualidade das águas do estuário depende da enorme quantidade de afluentes poluentes, provenientes da bacia hidrográfica do Tejo e das fontes poluentes existentes na própria zona do estuário onde se concentra cerca de um terço da população portuguesa e grande parte do parque industrial nacional.

#### **Em Oeiras**

Quanto ao Concelho de Oeiras, as principais fontes poluentes da água das praias têm sido as ribeiras que ali afluem.

#### Situação a Melhorar

Os elevados investimentos efectuados nos últimos anos, ao nível do saneamento básico e da recolha de resíduos sólidos, têm vindo a melhorar a situação.

#### Interceptor

Com o prolongamento do Interceptor Geral de Esgotos (segunda fase das obras), os problemas decorrentes dos elevados níveis de poluição das águas das ribeiras e das praias poderão ser atenuados, embora os fluxos de provenientes de concelhos a montante e a reduzida exposição marítima permaneçam factores desfavoráveis à obtenção de bons níveis para a qualidade da água balnear.

Sobre o sistema de saneamento básico de Oeiras, ver o Capítulo especialmente dedicado ao assunto.





# 6.2 Qualidade da Água Balnear

Para a caracterização da qualidade da água na orla costeira de Oeiras recorreu-se a dados das campanhas de amostragem efectuadas pelos SMAS.

#### Origem dos Riscos

Os riscos sanitários em zonas costeiras recreativas estão associados fundamentalmente aos aspectos da qualidade da água de recreio com contacto e da água como suporte da vida e/ou cultura de moluscos bivalves, crustáceos, peixes e outras espécies aquícolas.

No entanto, de entre todos estes riscos, os mais comuns serão certamente os que provêm das infecções talossogénicas, tal como foi definido por SHUVAL (1985), a partir de infecções humanas originadas na água do mar e devidas à contaminação microbiológica em resultado da descarga de águas residuais ou de contaminação directa de banhistas em zonas balneares restritas.

## Principais Vias de Infecção

A este propósito, é possível referir 4 vias principais de infecção:

- Pela ingestão de água contendo agentes patogénicos de origem fecal durante o banho com imersão de cabeça;
- Pela ingestão de marisco, especialmente moluscos bivalves mal cozinhados ou crus quando contaminados por agentes patogénicos;
- Pela exposição a outros agentes patogénicos que têm o mar como seu habitat natural;
- Pelo desenvolvimento do processo de infecção por agentes patogénicos para os quais o homem é hospedeiro.

#### Em Oeiras

Como referido uma das principais causas para a poluição da água das praias do Concelho são as descargas de efluentes domésticos e industriais através de ligações clandestinas de esgotos às ribeiras e pela inexistência, em algumas bacias, de um tratamento final antes da descarga no mar.

#### Factores de Riscos

As cargas orgânicas bem como as grandes quantidades de agentes microbiológicos (bactérias e vírus) descarregados com as águas residuais constituem um factor de risco para a saúde das populações (gastroentrites, hepatites, febres tifóides, otites, conjuntivites, etc.).



### Laboratório de Controlo

O Laboratório de Análises dos SMAS procede à vigilância sanitária da qualidade da água em zonas balneares na época estival.

Limites da Legislação (D.L. 74/94)	Coliformes Totais/100 ml	Coliformes Fecais/100 ml	Observações		
VMR (Valor Máximo Recomendado)	500	100			
VMA (Valor Máximo Admitido)	10.000	2.000			
Praia da Torre	350	79	Bom		
Praia do INATEL	3.500	2.400	Aceitável		
	5.400	9.200	Não Aceitável		
Praia de S. Amaro, junto ao Motel	54.000	24.000	Não Aceitável		
Praia de S. Amaro, a meio	21.000	1.700	Não Aceitável		
Praia de S. Amaro, junto ao Saisa	54.000	3.500	Não Aceitável		
Praia Fontainhas	35.000	16.000	Não Aceitável		
Praia Paço Arcos		28.000	Não Aceitável		
Praia de Caxias 1	33.000				
Praia de Caxias 2	540.000	35.000	Não Aceitável		
Praia Cruz Quebrada	350.000	240.000	Não Aceitável		
Algés INIP	5.400.000	3.500.000	Não Aceitável		

Figura VI -1: Qualidade das águas balneares, no dia 5 de Julho de 1996.

## Grande Problema: Coliformes Totais e Fecais

Os grandes problemas de qualidade da água dizem respeito aos Coliformes. Por exemplo, no dia 5 de Junho de 1996 foram observados os valores indicados na Figura VI-1. Apesar de algumas oscilações entre diferentes semanas de medição, eles podem-se considerar representativos da situação existente das águas balneares.

#### Evolução

Da comparação dos resultados das análises entre os anos 1995 e 1996 não é possível detectar uma evolução claramente positiva.

# Praia da Torre: A Única de Boa Qualidade

A Praia da Torre é a única praia do Concelho que em regra possui boa qualidade de água. A água das outras praias é geralmente de má qualidade, piorando drasticamente de Poente para Nascente.

## Divulgação dos Resultados

A divulgação de informação respeitante à qualidade da água das praias é efectuada pela CMO em colaboração com os SMAS de Oeiras



e Amadora através da afixação de painéis informativos especialmente visíveis em zonas de acesso às praias mais frequentadas do Concelho.

#### 6.3 Qualidade da Areia das Praias

#### Carência de Análises

Não se conhece a existência de dados sobre a qualidade das areias das praias do Concelho. Atendendo ao contacto directo do veraneante com a areia, a inexistência de dados referentes à sua qualidade representa uma lacuna que importa remediar.

#### Limpeza do Areal

O programa de limpeza do areal da CMO incide maioritariamente fora da época balnear, já que de 1 de Junho a 30 de Setembro esta tarefa compete aos vários agentes concessionários.

#### Limpeza Mecânica

A limpeza mecânica do areal pela CMO tem basicamente duas fases. A chamada grande limpeza inicia-se no fim da Primavera e consiste numa remoção superficial dos resíduos volumosos trazidos em grandes quantidades pelas marés de inverno.

Segue-se uma segunda fase que se inicia antes da época balnear e que também ocorre durante essa época. Consiste numa limpeza mais profunda que melhora a qualidade das areias por arejamento e retenção do lixo de pequenas dimensões. Usam-se para o efeito máquinas dotadas de sistema de crivo e pentes.

As praias em que existe limpeza do areal são as mais frequentadas: Torre, Santo Amaro, Paço de Arcos e Caxias.

#### Limpeza e Recolha selectiva

Nos meses de Julho, Agosto e parte de Setembro, a CMO implementa uma recolha selectiva de resíduos utilizando para isso ecopontos colocados no areal e promove acções de sensibilização para a limpeza do areal. O programa de 1996 inserido em acções de educação ambiental envolveu quase 300 jovens.

#### **Ecopontos**

São colocados no areal das praias em grupos de dois contentores de 120 litros, um azul e outro cor de areia, para que os veraneantes



coloquem aí as embalagem separadamente dos restantes resíduos. Uma bandeira assinala o ecoponto.

#### Distribuição por Praias

A distribuição dos ecopontos por praias é a seguinte:

Praia	Número de Ecopontos
Torre	5
Inatel	1
Santo Amaro	14
Paço de Arcos	6
Caxias	5

#### Qualidade dos Apoios e Equipamentos das Praias 6.4

São instalações localizadas nas praias ou zonas O que são? envolventes próximas e destinadas ao exercício de actividades conexas como uso balnear ou afins. É possível distinguir entre apoios de praia permanentes e sazonais, satisfazendo ambos requisitos distintos.

#### Muitos em Oeiras

Ao longo das praias integrantes da orla costeira do Concelho de Oeiras é possível identificar um vasto conjunto de infraestruturas e equipamentos destinados à satisfação das necessidades dos utilizadores das praias.

### Em Regra de Má Qualidade

Em regra têm má qualidade, mas existe um variabilidade entre si, o que impede a sua descrição em termos gerais, exigindo uma particularização para cada caso.

#### 6.4.1 Praia da Torre

#### Apoio Permanente

Na Praia da Torre existe um apoio de praia responsável pela prestação de servicos na área da restauração, o Restaurante Torremar. Tem uma localização privilegiada sobre o areal, proporcionando aos seus clientes uma vista panorâmica.





### Balneários Muito Degradados

Na zona inferior do edifício, e gozando de um acesso fácil a partir da zona do areal, está localizada um conjunto linear de balneários em muito mau estado de conservação, não se encontrando actualmente em funcionamento devido ao seu acelerado processo de degradação.

#### Boa Acessibilidade

Sendo um apoio de praia permanente, o Restaurante Torremar está sediado na Praia da Torre ao longo de todo o ano através de uma edificação efectuada em materiais de construção tradicionais. A sua localização é ainda beneficiada pela existência de uma boa acessibilidade rodoviária e pedonal.

## Passagem Inferior de Peões

A passagem inferior de peões proporciona a travessia da Estrada Marginal em condições de segurança.

### Passagem Degradada

No entanto, a iluminação no troço da passagem inferior de peões coberto é totalmente inexistente, dando origem a um sentimento de mal-estar e de insegurança durante o tempo que medeia a sua travessia, aliado a um odor estranho e intenso.

#### Outros Apoios de Praia

Na área adjacente a este apoio de praia existem outros apoios de praia com reduzida dimensão, de actividades complementares ao primeiro, designadamente envolvidos na comercialização de gelados.

# Informação sobre a Qualidade da Água

Na zona principal de acesso à Praia da Torre, localizado na via pública, estava implantado um painel informativo sobre a qualidade da água das praias de Oeiras.

#### Chuveiros de Praia

No areal encontrava-se instalado um sistema de chuveiros cujo funcionamento era seriamente afectado pela existência de algumas fugas de água na canalização que o abastece.

#### Limpeza da Praia

As condições de higiene e limpeza da praia parecem estar bem asseguradas por papeleiras e contentores, usualmente denominados ecopontos, existindo mesmo um vidrão junto a um dos apoios de praia.

#### Serviço de Vigilância

À data do levantamento realizado para este estudo (segunda semana de Setembro de 1996) não foi identificado um serviço de vigilância,



salvamento e primeiros socorros, apesar do considerável número de banhistas presente na praia.

#### 6.4.2 Praia do Inatel

#### Sem Apoios ?

A Praia do Inatel não apresentava apoios de praia visíveis, apesar de um número razoável de banhistas estarem em pleno usufruto da praia.

Na proximidade desta praia foi contudo identificada a existência do Centro de Férias do Inatel cuja presença não pode ser confundida com um apoio de praia, devido à abrangência e diversidade de actividades que promove e à tutela que o rege. No entanto, algumas das estruturas existentes no Centro de Férias prestam um efectivo apoio ao público utilizador das praias adjacentes em virtude da natureza de alguns dos servicos oferecidos, designadamente o serviço de restauração, de snack-bar e de esplanada.

#### Parque de Estacionamento

A Praia do Inatel é ainda, por meio da presença do Centro de Férias do Inatel nas imediações, servida por um parque de estacionamento pago com vigilância, mas cujo serviço principal é prestado aos utilizadores directos do Centro de Férias. No local do parque de estacionamento, partem em direcção ao mar os vestígio de um ancoradouro cujo estado de conservação é mau.

#### Acessibilidade

A acessibilidade pedonal a esta praia é favorecida pela existência do Passeio Marítimo de Oeiras. A ligação à zona norte da estrada marginal é possibilitada pelo viaduto, por baixo do qual pode ser efectuada a travessia nos dois sentidos entre a zona Norte e a zona Sul.

### Informação sobre a Qualidade da Água

Próximo da entrada para o parque de estacionamento existe informação sobre a qualidade da água das praias.

#### 6.4.3 Praia de Santo Amaro

#### **Muitos Apoios**

A Praia de Santo Amaro está equipada com um vasto conjunto de apoios de praia, de natureza diversa e que vão desde os apoios de carácter permanente até aos apoios de carácter sazonal, geralmente





coincidentes com as três áreas de concessões sobre o espaço desta praia.

Apoio Permanente: Saisa

O apoio de praia permanente existente na Praia de Santo Amaro diz respeito ao Restaurante Saisa cuja edificação está localizada na região nascente da praia, prestando serviços vários, designadamente na área da restauração e alimentação.

Acessos ao Apoio

O acesso ao estabelecimento do Saisa não pode ser efectuado directamente a partir do areal, mas antes a partir da Estrada Marginal com a qual estabelece uma ligação rodoviária privilegiada através da existência de um parque de estacionamento.

Aspecto e Estado de Conservação

Os materiais de construção utilizados para a edificação deste apoio de praia são de tipo usual. O estado de conservação de zonas da fachada Norte do edifício parece ser algo deficiente, conferindo um mau aspecto global à estrutura exterior.

**Apoios Sazonais** 

Os apoios de praia sazonais estão localizados nas três zonas de divisão da área de concessão da Praia de Santo Amaro.

Aspecto e Estado de Conservação

Tratando-se de apoios de praia sazonais, os materiais de construção utilizados na sua edificação são de natureza altamente precária e visualmente muito pouco agradáveis. Devido à implantação do apoio de praia sobre uma zona semi-consolidada, a situação é caracterizada por uma remoção parcial com permanência de soleira de embasamento, a qual contem as necessárias ligações às redes de serviço públicas, tanto em matéria de abastecimento de água como de saneamento básico.

Acessibilidade à Praia

Existem duas passagens inferiores de peões, promovendo a ligação pedonal à praia, mas sem grandes condições de iluminação interior e em deficiente estado de conservação.

Passadeira de Madeira

Na superfície do areal, encontra-se disposta uma passadeira de madeira cuja qualidade e estado de conservação é muito deficiente.





Chuveiros de Praia e Ecopontos

Foram identificados dois sistemas compostos por 4 chuveiros individuais em funcionamento. Existem de grupos de contentores e recipientes de recolha de resíduos sólidos, denominados ecopontos

Actividades Desportivas

Ao longo da época balnear, foram promovidas diversas actividades desportivas na Praia de Santo Amaro, sendo de destacar a realização de torneios de andebol.

## 6.4.4 Praia de Paço de Arcos

**Dois Apoios** 

A Praia de Paço de Arcos apresenta dois apoios de praia principais, sendo ambos de carácter permanente, mas apenas um deles estando directamente ligado a actividades relacionadas com a atribuição da concessão da praia, designadamente o Bar Entre Águas.

Apoio de Praia de Poente

O apoio localizado a Ponte está situado junto a uma via de acesso à Estrada Marginal. Apresenta uma dimensão modesta e a oferta de serviços está limitada à comercialização de periódicos, bem como à venda de alguns alimentos, refrigerantes e gelados.

Parque de Estacionamento

Não existe qualquer parque de estacionamento junto à praia nem junto a este elemento de apoio, pelo que os utentes estacionam as suas viaturas sobre o passeio, sobre o eixo central da via ou ainda sobre a falésia sobranceira à praia.

Aspecto e Estado de Conservação

A edificação em que assenta este apoio de praia permanente está construída em materiais de tipo tradicional, mas apresenta alguma precariedade.

Informação sobre a Qualidade da Água

Está implantada uma estrutura informativa sobre a qualidade da água balnear das praias de Oeiras.

Apoio de Praia de Nascente

Em relação ao segundo apoio da Praia de Paço de Arcos, o Bar Entre Águas, trata-se de uma apoio permanente, cujo regime de funcionamento se estende ao longo de todo o ano. Presta um vasto leque de serviços com especial incidência na área da restauração. Ao





longo de todo o ano, este estabelecimento promove uma animação cultural própria, essencialmente à base de espectáculos de música.

#### Má Acessibilidade

A acessibilidade a este apoio de praia é bastante dificultada em resultado da presença da Estrada Marginal no plano superior ao do estabelecimento, sendo a sua travessia apenas tornada possível pela existência de uma passagem inferior de peões cujo estado de conservação é fraco, o que se encontra bem patente na falta de iluminação e na deficiente limpeza do local. Para além disso, o estabelecimento não dispõe de estacionamento próprio de viaturas.

# Aspecto e Estado de Conservação

A edificação deste apoio de praia recorreu a materiais de construção de tipo tradicional, revelando um conjunto de linhas simples e cujo poder de integração na paisagem é razoável.

#### Vigilância da Praia

Não foi identificada, nas visitas efectuadas ao local, a existência de sinais de vigilância ou de primeiros socorros, nem a existência de balneários para uso dos utilizadores da praia concessionada.

# Chuveiros de Praia e Ecopontos

Existem sobre o areal da Praia de Paço de Arcos dois sistemas de 4 chuveiros individuais em perfeito funcionamento, assim como de vários receptáculos e contentores para a recolha de resíduos sólidos, denominados de ecopontos.

### 6.4.5 Praia de Caxias

### Um Apoio sem Concessão

A Praia de Caxias apresenta um único apoio de praia, o Bar "A Nossa Praia", de carácter sazonal, não lhe estando porém associado qualquer atribuição de concessão da área balnear.

#### Localização

O apoio de praia está localizado junto uma passagem inferior de peões sob a marginal, que estabelece a ligação entre o areal e a povoação de Caxias.

# Aspecto e Estado de Conservação

Os materiais de construção utilizados para a edificação destes apoios de praia são de tipo tradicional, de natureza simples e com uma cobertura de alvenaria branca.





## Chuveiros de Praia e Ecopontos

Na Praia de Caxias está instalado um chuveiro individual, incorporado na parede de suporte da Estrada Marginal, estando o seu funcionamento em condições regulares. Existem dois conjuntos de receptáculos pares denominados ecopontos, em bom estado de manutenção.

### Vigilância da Praia

Não foi identificada, nas visitas efectuadas ao local, a existência de sinais de manutenção de qualquer serviço de vigilância e salvamento de banhistas.

# 6.5 Qualidade do Ambiente Sonoro

### Medições Efectuadas

Efectuou-se um conjunto de medições do nível de ruído nas praias do Concelho que à partida se afiguravam como possuindo níveis sonoros mais elevados. Obtiveram-se os resultados indicados na Figura VI-2.

Nº	Localização do Ponto de Medição do Ruído	Fontes de Ruído	L50 (dBA)	Leq (dBA)	
1	Forte de Caxias, a cerca de 40 metros da marginal.	Tráfego rodoviário intenso na estrada marginal	58,8	59,4	
2	Forte de Caxias, a cerca de 15 metros da marginal.	Tráfego rodoviário intenso na estrada marginal	61,0	63,4	
3	Praia de Caxias, ao centro e a acerca de 20 metros da marginal.	1 161 14-4-4-4	61,4	62,8	
4	Forte da Giribita, a cerca de 40		62,4	63,6	
5	metros da marginal.  Praia de Paço de Arcos, zona Poente, a cerca de 10 metros da marginal.	Tráfego rodoviário intenso na	63,6	65,0	
6	Praia de Santo Amaro, zona central a cerca de 15 metros da marginal.	Tráfego rodoviário intenso na estrada marginal	63,6	64,7	
7	Praia de Santo Amaro, zona central a cerca de 30 metros da marginal.	Tráfego rodoviário intenso na estrada marginal	64,4	64,8	
Ta cerca de 30 menos da mar gurante					

Figura VI-2: Resultados da medição dos níveis sonoros em praias do Concelho.

## Interpretação dos Resultados

Como se pode constatar, os níveis sonoros medidos nas praias são inferiores aos valor de 65 dB(A) que, de acordo com o Regulamento Geral sobre o Ruído, constitui o limite entre local não ruidoso e local ruidoso, para a fase diurna (das 7 às 22 Horas).



No caso de uma situação nocturna, o limite entre local não ruidoso e ruidoso baixa para 55 dB(A). Pretende-se na legislação, com estes limite mais baixo, garantir níveis que permitam o descanso e sossego da população.

Em termos estritamente legais, as praias de Oeiras são zonas não ruidosas, embora a Praia de Santo Amaro esteja já muito próximo do limite. No entanto, caso se entender que a praia deve ser um local privilegiado de descanso, descontração e sossego, então as medições efectuadas indicam que o conforto sonoro não é satisfatório.

#### Conforto Afectado

Neste contexto, a procura das principais praias do Concelho de Oeiras pela população em busca de condições de repouso parece resultar em pouco afectada em consequência dos níveis sonoros registados na orla costeira.

#### 6.6 Qualidade dos Espaços Naturais

#### Zona de Maior Valor Ecológico: Fontainhas

Nesta primeira aproximação ao valor dos biótopos em terra, surgiu uma zona com especial valor: o troço de orla costeira entre a Praia de Paço de Arcos e o Forte de São João das Maias. Esta zona é conhecida pelas Fontainhas.

Tendo em conta a sua importância, ela foi observada com maior atenção e efectuado um trabalho de campo para o levantamento do seu valor florístico. Sublinha-se no entanto que o seu valor natural não é só devido a este aspecto.

#### Valor Florístico das Fontainhas

A vegetação existente consiste essencialmente numa cortina arbórea e arbustiva disposta ao longo da estrada marginal. As espécie mais abundantes são o Pinheiro de Alepo (Pinus halepensis), os Eucaliptos, o Mioporo e a Acácia. Indica-se na Figura 3 uma listagem e a quantidade de todas as espécies arbóreas e arbustivas detectadas. A área de levantamento é uma faixa entre a praia de Paço de Arcos e o Forte de S. João das Maias e entre a estrada marginal e o mar.



Nome da Espécie Vegetal	Nº de Espécies
Mioporo (Myoporum sp.)	40
Eucalipto ( <i>Eucalyptus</i> sp.)	30
Pinheiro de Alepo ( <i>Pinus halepensis</i> )	20
Acácia retinoides	15
Pitosporo da China (Pittosporum tobira)	5
Rícino ( <i>Ricinus communis</i> )	2
Casuarina (Casuarina sp.)	2
Tamargueira ( <i>Tamarix</i> sp)	2
Figueira ( <i>Ficus carica</i> )	1
Agave ou Piteira (Agave americana)	1
Canas (Arundo donax)	numerosas

Figura VI-3: Levantamento da vegetação arbórea e arbustiva existente nas Fontainhas.

#### Interpretação

A maior parte das espécies arbóreas e arbustivas existentes não são naturais do nosso país, nem sequer da Bacia do Mediterrâneo. Apenas o Pinheiro de Alepo, a Tamargueira e a Figueira são originárias da zona mediterrânica. A massa arbórea é relativamente pequena.

A vegetação herbácea nas Fontainhas encontra-se actualmente quase seca e apresenta características de locais perturbados. Ela é danificada pelo despejo de alguns resíduos sólidos e pelo pisoteio a que está sujeita pela passagem para a linha de costa.

A zona apresenta assim um baixo valor florístico, sendo no entanto o mais elevado de toda a zona costeira. Este aspecto fornece uma indicação sobre o reduzido valor florístico actualmente existente ao longo da orla costeira.

#### Articulação com o Interior

Torna-se assim muito relevante procurar articular a orla costeira com as zonas próximas do interior com valor florístico e ecológico. Inserem-se neste caso:

 O vale do Rio Jamor. Próximo da orla costeira possui um vasto espaço arborizado (ainda que algo degradado);





- O Vale da Ribeira de Barcarena.
- O Vale da Ribeira da Laje. Próximo da orla costeira dispõe de zonas arborizadas, parque público e, um pouco mais para montante, o vasto espaço da Quinta do Marquês.

O desejado efeito de corredor verde entre a orla costeira e os vales referidos é presentemente bastante dificultado pela existência de alguns estrangulamentos provocados por infraestruturas de transporte, unidades industriais e outros usos do solo intrusivos junto à foz das linhas de água.

#### Segurança e Riscos 6.7

### Segurança nas Praias

A vigilância das praias durante a época balnear é da responsabilidade dos concessionários. A formação dos nadadores-salvadores é feita pelo Instituto de Socorros de Naufragos de Oeiras (ISN).

## Três Praias Com Vigilância

As praias da Torre, Santo Amaro e Paço de Arcos são vigiadas, enquanto que a de Caxias não é.

#### **Acidentes**

Nos últimos três anos ocorreu um único acidente mortal no conjunto das três praias vigiadas. As situações de risco que exigiram operação de salvamento são bastante mais numerosas e montam a 23, para as três praias vigiadas, nos anos de 1991, 92 e 93. A Figura VI-4 resume alguns dados estatísticos.

Acidentes Mortais	1991	1992	1993	1994	1995
Torre	*	*	0	0	0
	*	*	1	0	0
Santo Amaro	+	*		0	0
Paço de Arcos			-	<u> </u>	-
Salvamentos	1991	1992	1993	1994	1995
Torre	0	1	0	*	*
Santo Amaro	4	6	2	*	*
Paço de Arcos	0	10	0	*	*

Fonte: Instituto de Socorros a Náufragos de Oeiras.

Figura VI-4: Número de acidentes mortais e de operações de salvamento das três praias vigiadas do Concelho.



<sup>\*</sup> Dados Não Disponíveis.



### Principais causas de Acidentes

De acordo com o ISN, as principais causas dos acidentes ocorridos nestas praias são a mudança da corrente e o não cumprimento das principais regras de segurança (desrespeito pela sinalização).

#### Praias Seguras

Segundo o ISN, as praias vigiadas do Concelho podem ser consideradas seguras. De facto os dados estatísticos apresentam um índice de sinistralidade relativamente baixo. A Praia de Santo Amaro é a que parece menos segura, mas os números mais elevados podem dever-se à clara major afluência de banhistas.

#### Acidentes Náuticos

Registaram-se alguns acidentes náuticos em Oeiras, já fora das águas balneares, que como o nome indica envolveram embarcações (motas aquáticas, barcos à vela, etc.). Os dados estatísticos são indicados na Figura VI-5.

	1994	1995	1996 Até Agosto
Acidentes Náuticos	10	28	17

Fonte: Instituto de Socorros a Náufragos de Oeiras.

Figura VI-5: Acidentes náuticos desde 1994 até ao presente.

### 6.8 Qualidade da Paisagem da Orla Costeira

Globalmente, a orla costeira do Concelho de Oeiras possui grande qualidade visual e paisagística, estando no entanto pontuada esporadicamente por elementos negativos.

#### Qualidade Visual

A qualidade visual é conferida pela grande visibilidade que se desfruta sobre o rio Tejo e a sua foz assim como sobre as zonas de interface entre o meio marinho e o terrestre com motivos muito variados. Estes valores visuais são intensamente vistos por elevado número de observadores que diariamente circulam na estrada marginal e no comboio.

#### Qualidade Paisagística

A qualidade paisagística é conferida pela rica estrutura espacial, possuindo diferentes elementos contruidos de elevado valor patrimonial (fortes, etc.), um relevo topograficamente interessante, com



praias e pequenas elevações, e ainda por alguns espaços verdes e conjuntos edificados antigos.

### Vistas com mais Interesse:

Percorrendo a orla costeira ao longo da estrada marginal, as vistas que se julgam de maior qualidade são:

- Todo o troço que se inicia no Alto da Boa Viagem e se prolonga para Ponte até ao Jardim de Paço de Arcos. São cerca de 3 Km de orla costeira com elevada qualidade visual e paisagística que se desfrutam circulando em ambos os sentidos da marginal.
- Troço de cerca de 800 metros entre o Forte das Maias e a zona Poente da praia de Santo Amaro.

#### **Pontos Fortes:**

Os elementos individualizáveis que se podem considerar mais positivos da orla costeira relativamente à qualidade visual e paisagística são:

- Unidade do Alto da Boa Viagem;
- · Farol da Gibalta;
- Forte de São Bruno (presentemente está degradado, mas é potencialmente bastante valorizador, se recuperado).
- Forte da Giribita e praia de Caxias.
- Jardim e baia de Paço de Arcos com embarcações pitorescas;
- Praia de Paço de Arcos;
- Forte das Maias;
- Praia e Jardim de Santo Amaro;
- Forte de São Julião.

#### Pontos Fracos

Relativamente aos pontos fracos no âmbito da análise paisagística detectaram-se os seguintes:

- Espaços espectantes junto ao rio Tejo, na frente ribeirinha entre Algés e Dafundo:
- Em frente da estação de Algés, grupo de edificações quase em ruína;
- Percurso ao longo da marginal no Dafundo, entre o Aquário Vasco da Gama e o rio Jamor, existindo de um lado da marginal edificações com sinias de degradação e do outro lado, uma barreira visual provocada pela linha do comboio elevada em relação à estrada;
- Unidade industrial na Cruz Quebrada (Lusalite), muito visível da estrada marginal.





OBSERVA COES: GLOBALMENTE A "IMAGEM" QUE NOS É OFERECIDA E DE GRANDE QUALIDADE VISUAL (GRANDE VISIBILIDADE) E PAISA -GISTICA (ESTRUTURA EGPACIAL).

> TRATANDO-SE DE UM CONCELHO DA AREA METROPOLITANA DE LIGBOA, A GUALIDADE DA PAISAGEMEM PRESEN-CA POTENCIA O USUFRUTO DE UM GRAN. SE NÚMERO DE UTENTES (OBSERVADORES)

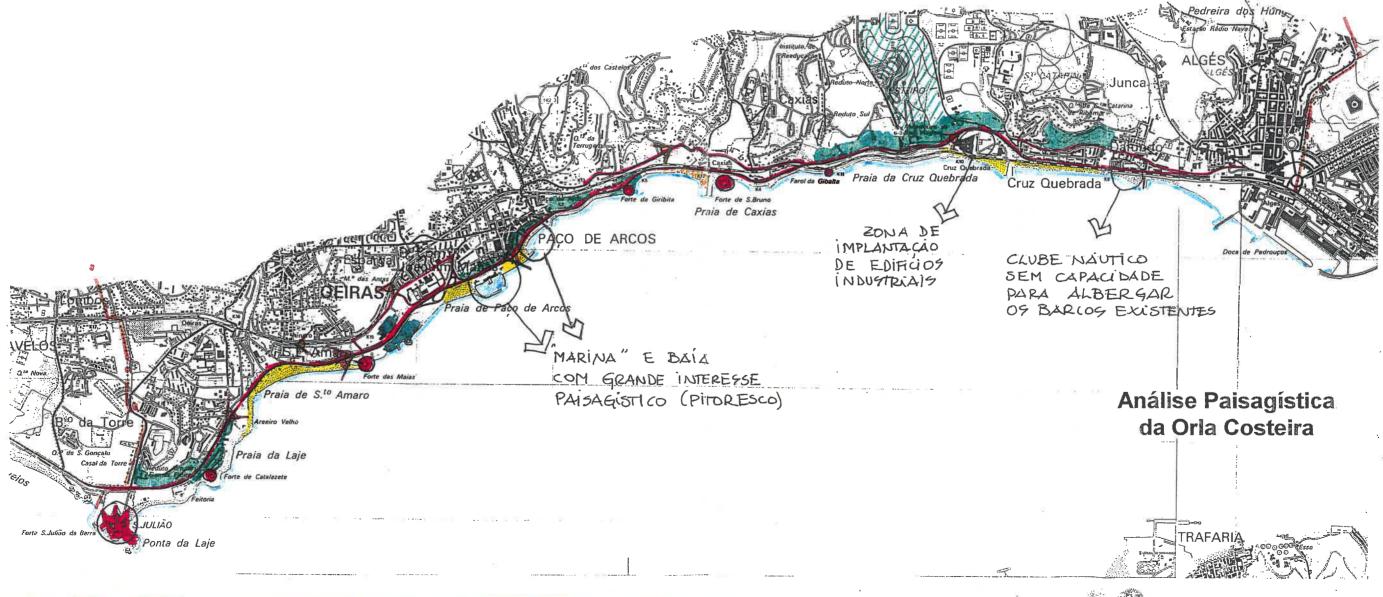
AREAL E PRAIA

AREAS VERDES

PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO



VISTAS COM INTERESSE





#### INTERVENÇÕES PREVISTAS PARA A ORLA COSTEIRA 7.

### APL: Tutela Orla Costeira

Toda a orla costeira do Concelho de Oeiras, ou seja, desde Pedrouços até ao Forte de S. Julião da Barra encontra-se sob a tutela administrativa da Administração do Porto de Lisboa (APL). Qualquer licenciamento de obras nesta área encontra-se condicionado pela autorização desta entidade.

### Protocolos CMO e APL

Existem vários protocolos entre a CMO e a APL, visando uma cooperação e articulação que favoreça o ordenamento do litoral de Oeiras, estabelecendo passos tendentes à recuperação e utilização da orla costeira no sentido de uma progressiva e correcta ligação das populações à faixa marítima costeira.

## "Programa de Referência"

Os objectivos acabados de indicar constam do "Programa de Referência", elaborado em Julho de 1995 pelo Gabinete de Desenvolvimento Municipal da CMO para a sistematização de diversos acordos existentes entre a CMO e a APL, bem como de acções e intervenções previstas nesse domínio.

### Perspectiva do Programa

Como é afirmado, o documento tem uma perspectiva de desenvolvimento integrado e sustentado com vista à potenciação dos seus factores ambientais, turísticos e lúdicos, utilizando como pano de fundo a globalidade do estuário e da AML e não descurando o princípio da complementaridade dos pólos de atracção.

# 7.1 Medidas do Programa de Referência

## 7.1.1 Medidas de Curto Prazo

#### Medidas:

- Prossecução do Porto de Recreio em Oeiras;
- Melhoria das condições de utilização pública das praias existentes no Concelho de Oeiras, promovendo a requalificação dos equipamentos licenciados ou concessionados para serviço dos utentes, tanto do ponto de vista dos serviços prestados como da estética das instalações existentes, reforçando os meios de limpeza dos areias, de segurança e de protecção sanitária;
- Utilização do aterro em Algés, após obras de arranjo e valorização;





- Elaboração de um plano de animação das zonas ribeirinhas, definindo o tipo de equipamentos adequados ao efeito a instalar, destinados ao apoio de actividades de lazer ou desportivas;
- Realização de um estudo preliminar para a localização de uma marina entre Cruz Quebrada e a Baía de Paço de Arcos.

#### 7.1.2 Medidas de Médio Prazo

#### Medidas:

- Intervenção no Forte de São Bruno;
- Acabamento do Porto de Recreio;
- Continuidade, por troços, do Passeio Marítimo e definição de equipamentos que neles possam ser instalados para o exercício de actividades de lazer e/ou desportivas;
- Renovação da frente de mar no Dafundo, nomeadamente através da recuperação e substituição das barracas de pescadores ali existentes;
- Limpeza de algumas zonas, tal como a das Fontaínhas, para a qual se prevê a criação de uma plataforma com areia e relva;
- Resolução das situações em que se verificam problemas de acessibilidade e estacionamento na retaquarda da faixa litoral, aliada a uma melhoria dos meios de transferência e mobilidade e à realização de estudos para colocação de passagens inferiores e superiores de acesso a peões;
- Execução de projectos de revitalização da zona da Direcção Geral de Faróis e do Centro Náutico de Paço de Arcos, melhorando a situação existente através de um aumento do molhe da praia dos pescadores e da instalação de uma rampa de lançamento dos barcos e das gruas;
- Necessidade de criação do mínimo de instalações para melhorar a utilização da praia da Cruz Quebrada, actualmente com más condições;
- Elaboração do projecto para a instalação de um golfinário e respectivo equipamento de apoio no espaço fronteiro ao Aquário Vasco da Gama;
- Promoção dos estudos necessários à instalação de uma marina entre a Cruz Quebrada e a Baía de Paço de Arcos, envolvendo a definição de diversos modelos institucionais de exploração das respectivas infraestruturas, bem como a captação de financiamentos privados;





#### 7.1.3 Medidas de Longo Prazo

#### Medidas:

- Execução da Marina do Jamor;
- Extensão é conclusão do Passeio Marítimo;
- Duplicação da Estrada Marginal para estabelecer a ligação entre a CRIL e a CREL:
- Execução de projectos para as Fontaínhas.

### Descrição de Intervenções

#### Panorâmica Geral

Em relação às intervenções com execução prevista para a orla costeira de Oeiras, houve já inúmeros projectos que acabaram por não se concretizar, exceptuando a Piscina e Porto de Recreio.

Os restantes projectos, alguns dos quais apreciados e julgados merecedores de apoio pela CMO, não tiveram contudo continuidade efectiva por várias razões, que vão desde a paragem simples como o caso do World Trade Center até concursos sem concorrentes, tal como sucedeu com o primeiro concurso para a Marina do Jamor.

#### Resumo do Documento "Programa de Referência"

Resumem-se de seguida algumas destas iniciativas em equacionamento, mais ou menos avançado. O conteúdo integral dos pontos seguintes retrata unicamente a perspectiva do documento "Programa de Referência". Não se acrescentou aqui qualquer tomada de posição perante essas iniciativas.

#### 7.2.1 Passeio Marítimo de Oeiras

#### Prolongamento do Passeio

Para além do troço já construído, está previsto o prolongamento do Passeio Marítimo de Oeiras até à zona de Paço de Arcos, junto à Direcção Geral dos Faróis, utilizando as arribas como suporte pedonal ao longo da quase totalidade da extensão do trajecto considerado.

#### **Objectivos**

Um tal projecto levará certamente à rentabilização do espaço livre sobre o Tejo, efectivamente cortado pela forte barreira física representada pela Estrada Marginal. Este percurso, ligando a Praia da



Torre e a Praia dos Pescadores já em Paço de Arcos, poderá ser alvo de intervenções para a criação de vários meios de dinamização, inclusive na modernização dos apoios de praia.

#### 7.2.2 Porto de Recreio

#### **Em Perspectiva**

Projecto em perspectiva, com capacidade para 110 a 120 embarcações médias. A este respeito, deverá continuar a ser desenvolvido todo o esforço necessário para a construção do Porto de Recreio e estruturas anexas.

#### 7.2.3 Fontaínhas

#### Sem Projectos Concretos

Plataforma sobre as arribas junto ao nó de Paço de Arcos na Estrada Marginal, tem sido já alvo da elaboração de diversos projectos, entretanto abandonados ou ignorados. Presentemente, não existe ainda um programa de intervenção bem definido para este troço da orla costeira do Concelho de Oeiras, sendo o seu destino razoavelmente incerto.

#### Mas com Intensões

No entanto, é conhecido um conjunto de intenções de transformação das Fontaínhas numa zona de lazer, contemplando a eventual instalação de esplanadas e/ou restaurantes e cafés susceptíveis de serem igualmente utilizados como apoio à Praia de Paço de Arcos, de modo semelhante ao que sucede no Estoril, junto à Praia do Tamariz.

Eventualmente, poderá ainda ser ali instalada uma pequena pousada em virtude de, tratando-se de uma situação paisagística privilegiada, poderem existir problemas motivados pela falta de acessibilidade e de relação com o tecido urbano.

#### Hipótese da APL

A APL contempla a hipótese da construção de um pontão flutuante, eventualmente amovível, munido de pranchas de amarração junto às Fontaínhas. Em qualquer caso, a acessibilidade e o estacionamento é uma questão prioritária a resolver para qualquer utilização do local.



#### 7.2.4 Marina de Paço de Arcos

#### Projecto Abandonado?

Projecto apresentado há já alguns anos, responsável pelo levantamento de uma certa polémica em virtude da eventual introdução de um forte factor de perturbação na Vila de Paço de Arcos, traduzida pela alta volumetria e concentração imobiliária que destruiria as características da Vila.

#### Alternativa

Em Paco de Arcos, será então preferível o impulso de projectos que, complementarmente ao Passeio Marítimo de Oeiras, recuperem o Centro Náutico e a Praia dos Pescadores, especialmente através das novas instalações e melhoria do molhe de protecção, adequando novos usos e equipamentos que poderão pressupor uma passagem superior à Estrada Marginal de ligação com o Jardim e o Centro da Vila numa situação mais próxima do Instituto de Socorros a Náufragos.

#### 7.2.5 Marina do Jamor

Trata-se de um projecto contemplado pelo PROT, PDM e APL, e que corresponde à área da frente de mar em Algés até à curva do Mónaco, tendo já existido vários concursos para a sua construção e concessão, mas sem despertar o interesse de potenciais concorrentes.

#### Condições

O programa de uma marina para este local deverá ter em conta as suas características específicas e o seu relacionamento com o restante território do estuário do Tejo. Deste modo, é fundamental a realização de estudos de avaliação da capacidade de absorção deste projecto, bem como de recuperação do investimento através do respectivo período de retorno.

#### **Projectos Associados**

Está ainda previsto um melhor assoreamento da zona, de forma a satisfazer projectos posteriores. No caso da prossecução do projecto, prevê-se:

- Estudar a sua relação com o Estádio Nacional;
- Efectuar uma ligação ao Alto da Boa Viagem, avaliando a respectiva capacidade de construção;





• Retirar as instalações da Lusalite e da Gist-Brocades, afundando a linha férrea e criando uma estrutura multifuncional para instalar comércio, serviços e habitação.

#### Marinas Internacional e Local

É previsível a existência de uma marina internacional, destinada a barcos de maiores dimensões, e duas pequenas marinas, com um carácter mais destinado ao nível local, para embarcações de menor dimensão e capacidade.

#### Estrada Marginal

Para a frente de mar de Algés e Dafundo, pretende-se realizar um enrocamento, assim como a duplicação da Estrada Marginal a Sul da via férrea.

A APL pretendia contudo a instalação de um terminal de contentores na zona da Lusalite mas, após diálogo com a CMO, este projecto foi imediatamente abandonado.

## 7.2.6 World Trade Center - Terrapleno de Algés

#### Potencialidade Inicial

O projecto do World Trade Center, proposto para a frente mar junto à Praca D. Manuel I, tendo obtido o apoio condicionado por parte da autarquia, integrado com a frente do Dafundo e a Marina do Jamor, poderia vir a desenvolver potencialidades de forte atracção, por associação à proximidade do Centro Cultural de Belém e ao traçado da CRIL que liga directamente o local à zona da EXPO 98.

#### Sem Continuidade

O facto de não ter tido continuidade afigura-se um factor positivo, pois permite, o equacionamento de soluções alternativas para a área em questão, de uma forma mais consentânea com o equilíbrio do desenvolvimento do território.

#### Acções a Decorrer

Actualmente, está a ser efectuada uma valorização e arranjo do terrapleno de Algés através da limpeza da área, da sua consolidação e da construção de um parque de estacionamento.

#### Perspectivas Futuras

No futuro, esta zona vai passar para a gestão da CMO. Eventualmente, instalar-se-á nesta zona de aterro uma associação alargada de todos







os clubes náuticos de Cascais até Lisboa, promovendo a construção de um porto de atracação extensível. Assim, será possível a instalação de um Clube e Escola de Vela, bem como a eventual implantação de uma Escola de Construção Naval Artesanal.

Está previsto, portanto, um enrocamento da margem, a construção de pontões e de um porto flutuante para estabelecer uma pista de remo e constituir uma protecção às marés com a eventual utilização de carcaças de automóveis como base de enrocamento, de modo em tudo semelhante ao que sucede em certos locais ribeirinhos nos EUA.

#### 7.2.7 Forte de S. Bruno

Cedido à CMO O Forte de São Bruno foi cedido à CMO, estando prevista a limpeza e empedramento da plataforma adjacente e a ampliação do parque de estacionamento junto à Estrada Marginal com a instalação de zonas para lojas na parte inferior. Tal projecto foi aceite pela APL, aguardando presentemente aprovação por parte da JAE por se encontrar em fase de apreciação.

Objectivos:

A intervenção prevista no sentido de o equipar, comporta duas fases distintas (Ref. 14):

#### Referente ao Forte

• Recuperação, valorização e animação do Forte, vocacionando-o para a museologia em que a defesa da costa e as suas fortificações poderão ser tema de fundo. Será dotado de condições para funcionar como espaço de animação cultural, tornando possível o suporte da realização de exposições permanentes e temporárias, espectáculos de ar livre, em paralelo com diversas infraestruturas de apoio turístico;

### Referene ao Espaço Envolvente

• Intervenção na zona envolvente ao Forte de S. Bruno, visando a dotação da zona com um equipamento que possibilite exposições permanentes e temporárias, espectáculos de ar livre, divulgação de artes, bem como de infraestruturas de apoio turístico. A este nível, destaca-se a construção de uma galeria comercial para aproveitamento da caixa construída para o estacionamento ao nível da Marginal, perspectivando um bom contributo para a expansão da área coberta do Forte de São Bruno na qual se poderão vir a instalar pequenas



unidades de comércio ligado ao artesanato e artes e um pequeno restaurante e bar, entre outras.

### 7.2.8 Aquário Vasco da Gama

#### Em Busca de Complementaridades

As actividades lúdico-culturais ligadas à observação e estudo das espécies marinhas integram, um pouco por todo o mundo, a complementaridade recreativa que, designadamente, se identifica com espectáculos em oceanários e delfinários.

O Aquário Vasco da Gama, desde há muito interessado em resolver com qualidade, em moldes modernos e rentáveis, os seus problemas de reequipamento e expansão, promoveu contactos e, mesmo sem a apresentação dos estudos solicitados, foi integrado no plano de arranjo em curso para a zona Algés e Forte de São Bruno com uma frente disponibilizável de cerca de 100 metros.

#### Delfinário

Quanto ao projecto da construção do Delfinário do Aquário Vasco da Gama, de momento não existem verbas disponíveis, tendo existido alguma perturbação devido à realização da EXPO 98, que pretendia a transferência do Aquário para o local. No entanto, o Aquário Vasco da Gama tem um historial associado ao Concelho de Oeiras que importa manter e valorizar.

#### CONCLUSÕES E ALGUMAS PISTAS PARA REFLEXÃO 8.

#### Elevadas Potencialidades

A orla costeira de Oeiras possui potencialidades assinaláveis que lhe permitiriam desempenhar um papel importante no desenvolvimento do Concelho e mesmo da região. Por exemplo, é um espaço com rico património histórico, condições climáticas muito favoráveis, sol abundante, grande linha de costa com águas calmas, paisagem de grande beleza natural e uma localização muito próxima de boas infraestruturas de transporte, equipamentos colectivos vários e elevado número de população.



Esta população dispõe de poder de compra médio a elevado e reside em zonas urbanas e suburbanas por vezes densamente ocupadas, perspectivando assim grande apetência para desfrutar de espaços livres e de lazer de qualidade.

### Reduzido Aproveitamento e Alguma Degradação

Porém, algumas destas potencialidades não têm sido devidamente aproveitadas. Alguns recursos têm sido alvo de processo de degradação ao longo de décadas e outros ainda sofrem de descuido e abandono.

#### Principais Problemas

De entre os principais problemas detectados sublinham-se, nesta primeira abordagem, os seguintes:

#### Poluição da Água

Um dos grandes problemas da orla costeira refere-se à má qualidade da água balnear, e possivelmente das areias, sobretudo em termos dos parâmetros microbiológicos. Trata-se de um problema em vias de ser atenuado com a entrada em funcionamento da última fase do Sistema de Esgotos da Costa do Estoril, prevista para 1998.

Apesar de provavelmente ainda ir permanecer alguma carga poluente, trazida de montante pelo Rio Tejo, torna-se imperioso rentabilizar o sistema de esgotos no futuro próximo. Há assim, por exemplo, que efectuar a difícil tarefa de impedir descargas clandestinas de águas residuais domésticas e industriais nas linhas de água do Concelho, um dos grandes vectores de poluição das águas balneares.

#### Má Acessibilidade

Apesar da orla costeira estar quase espartilhada pela estrada marginal e pela linha do comboio, a acessibilidade à zona costeira é bastante deficiente. De facto, estas duas infraestruturas e a grande intensidade de tráfego existente na marginal constituem uma importante barreira física entre o lado norte, onde reside a população, e a orla costeira no lado sul, tornando muito difícil e o seu atravessamento, quer por veículos automóveis quer a pé ou de bicicleta.

São igualmente muito problemáticas as deslocações na direcção paralela à orla costeira. Não existe um passeio marítimo ao longo de parte significativa da costa. Presentemente a única possibilidade de



circular a pé ou de bicicleta ao longo da orla costeira é utilizar a própria estrada marginal, com todos os graves inconvenientes associados.

### • Património Edificado (Fortes, etc) Degradado e pouco Disponível

O vasto património edificado existente na orla costeira encontra-se bastante degradado e está em regra muito pouco disponível para oferecer actividades de apoio ao turismo e de vivificação do espaço em que se inserem.

### • Pólos de Atracção Reduzidos e Pouco Diversificados

Para além das actividades balneares nas praias e na piscina atlântica, que decorrem durante cerca de 3 a 4 meses, os restantes pólos de atracção da orla costeira são bastante reduzidos.

A reduzida vigilância social da orla costeira fora das praias e da época balnear leva à formação de focos de problemas, havendo referências à existência de prostituição, droga e venda ambulante em zonas como as Fontaínhas, as falésias da Praia da Torre e nas zona de pescadores da Cruz Quebrada e Dafundo.

Torna-se necessário requalificar e valorizar a orla costeira, nomeadamente com a criação de novos equipamentos e reaproveitamento dos existentes no sentido da promoção de actividades de lazer, cultura e desporto.

### • Espaços Livres Descaracterizados

Os espaços livres existentes na orla costeira encontram-se bastante descaracterizados, desleixados e praticamente abandonados. Por vezes existem resíduos sólidos trazidos pelo vento ou deixados pelos utentes. Não parece existir intervenções de arranjo destes espaços exteriores de elevada potencialidade.

#### • Tutela e Inserção Institucional

A inserção institucional da orla costeira é complexa e exige a estreita colaboração das diversas entidades envolvidas, nomeadamente na definição de uma "visão" estratégica para o local e na partilha de responsabilidades.

# ABASTECIMENTO DE ÁGUA E DRENAGEM DE ÁGUAS RESIDUAIS

### Agradecimentos

O presente capítulo teve a preciosa colaboração dos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento de Oeiras e Amadora e baseia-se em grande parte nos documentos prontamento disponibilizados.



## VII - ABASTECIMENTO DE ÁGUA E DRENAGEM DE ÁGUAS RESIDUAIS

#### INTRODUÇÃO 1.

#### A água é Indispensável

A água é um elemento absolutamente indispensável à vida. Condiciona profundamente o clima e a paisagem de um local. Graças ao ciclo da água na natureza ela pode ser utilizada mais do que uma vez. O percurso da água neste ciclo assim como a sua velocidade de circulação é porém muito variável.

#### Objectivos Genéricos:

- Melhoria do nível do atendimento público de abastecimento de água e drenagem das águas residuais;
- Utilização racional da água abaixo da capacidade de regeneração do sistema:
- Forte redução da poluição das águas superficiais e subterrâneas; e
- Defesa da bio-diversidade e das condições de vida em meio fluvial e marinho

#### Outros Documentos

O presente documento apresenta o diagnóstico selectivo da situação em Oeiras no referente ao abastecimento de água e à drenagem de águas residuais. Inclui-se também referência à qualidade das águas das praias. Sem perder o sentido de conjunto, mas por razões de ordem prática, elabora-se noutros capítulos o diagnóstico relativo às linhas de água e às águas subterrâneas.

#### ABASTECIMENTO DE ÁGUA EM OEIRAS 2.

Para satisfazer as necessidades existentes em Oeiras, a água é captada a 150 Kms de distância, na Albufeira de Castelo de Bode, no Rio Zêzere. A água é tratada e fornecida pela EPAL aos Serviços Municipalizados de Oeiras e Amadora (SMAS), responsáveis pelo fornecimento e distribuição de água a Oeiras.

#### 2.1 Taxa de Cobertura

**Quase 100%** 

Quase todos os cerca de 180.000 habitantes do Concelho são servidos por meio de abastecimento domiciliário, registando-se no entanto que



1.552 são unicamente servidos por meio de fontanários. Localizam-se nas freguesias de Carnaxide (1.500) e de Paço de Arcos (52).

# Mais Excepções

Existem ainda algumas dezenas de pessoas que se abastecem de água proveniente de minas sem qualquer controlo sanitário para consumo doméstico (caso da Quinta da Gandarela).

Tudo indica que a população sem rede domiciliária é residente em edificações precárias, com realojamento previsto no âmbito do Programa Especial de Realojamento (PER).

# 2.2 Consumos e Capitações

No ano de 1994 a população e as várias actividades existentes em Oeiras consumiram cerca de 10.000.000 m3 de água potável, o que representa uma capitação de 157 litros por habitante por dia.

A evolução da capitação apresenta fortes tendências para subida. Em 1980 eram 113 litros, prevendo os SMAS que no ano 2.000 aumente para cerca de 200 litros.

Ano	1960	1970	1980	1994	2000 Previsão dos SMAS
Capitação (Litros/Hab./Dia)	92	142	113	157	200

Fonte: SMAS, 1996

Figura VII-1: Evolução do consumo de água em litros por dia e habitante e previsão para o ano 2.000.

## Como é Utilizada?

Estima-se que cada habitante de Oeiras consome da seguinte forma os 157 litros de água por dia.

Descarga do Autoclismo	45 litros
Banho e duche	45 litros
Lavagem de roupa	20 litros
Higiene pessoal	10 litros
• Lavagem de louça	10 litros
Rega do quintal e jardim	10 litros
<ul> <li>Lavagem do automóvel</li> </ul>	5 litros
Cozinhar e beber	4 litros
Outros usos	8 litros



A descarga de autoclismo e vários outros usos apresentam forte margem para a introdução de poupanças.

# 2.3 Esquema de Abastecimento de Água a Oeiras

A totalidade do fornecimento de água a Oeiras é garantido a partir dos sistemas adutores da EPAL provenientes de Lisboa. O Concelho é abastecido através de três condutas.

Conduta 1

Uma conduta com 600 mm de diâmetro que abastece as zonas mais baixas, através dos reservatórios do Alto de Algés, Caxias, Fonte de Maio e das Antas.

# • Com Problemas 10 Dias em 1994

Nesta parte do sistema verificaram-se em 1994 cerca de 10 dias com falhas de abastecimento ou com pressão insuficiente em toda ou em parte da zona.

Conduta 2

Conduta 3

Uma conduta com 300 mm de diâmetro que abastece directamente a zona ribeirinha de Algés. No ano de 1994 não se registaram quaisquer falhas de abastecimento ou faltas de pressão insuficiente.

•Sem Problema

Uma conduta com 1000 mm de diâmetro que abastece as zonas mais altas do Concelho, através dos reservatórios de Linda-a-Velha, Carnaxide, Alto de Barcarena, Porto-Salvo, Figueirinha e Puxa-Feixe.

# • Com Problemas 60 Dias em 1994

Registaram-se aqui em 1994 cerca de 60 dias com falhas de abastecimento de água ou com pressão insuficiente em toda ou em parte da zona.

## Extensão da Rede

A extensão de toda a rede de abastecimento de água ronda os 400Kms, tendo 30% da rede idade superior a 25 anos. Aproximadamente 50% da população total (aglomerados de Miraflores, Linda-a-Velha, Alto do Lagoal e Bairro Joaquim Matias) é abastecida directamente da conduta da EPAL.

# 2.4 Reservas e Segurança no Abastecimento

O Concelho possui reservatórios de distribuição cuja capacidade total é de 34.500 m3, o que corresponde a cerca de 0,8 dias das suas





necessidades médias de abastecimento (ano de 1995). Esta autonomia não é, porém, uniforme em todo o território, sendo praticamente nula nos aglomerados servidos directamente pelas condutas da EPAL.

===		
Núcleo Urbano	Autonomia № Dias	Observações
Algés	0	Direct. das 2 condutas da EPAL
Algés de Cima	?	Reservatório do Alto de Algés Capacidade = 1.000 m3
Miraflores	0	Direct. das condutas da EPAL
Carnaxide	1	Reservatório de Carnaxide Capacidade = 3.100 m3
Linda-a-Velha	?	Reservatório de Linda-a-Velha Capacidade = 600 m3
Linda a Pastora, Queijas, Valejas, Barcarena, Leceia, Queluz de Baixo, Leião, Talaide, Casal das Chocas		Reservatório de Barcarena Capacidade = 5.000 m3
Vila Fria e Porto Salvo	2,5	Reservatório de Porto Salvo Capacidade = 5.000 m3
Morganhal, Pedreira Italiana, Laveiras, Terrugem, Alto do Lagoal	0	Direct. das condutas da EPAL
Caxias	1	Reservatório de Caxias Capacidade = 1.300 m3
Paço de Arcos (Alto)	1	Reservatório da Fonte de Maio Capacidade = 1.300 m3
Paço de Arcos (Baixa)	0	Direct. das condutas da EPAL
Cacilhas / CHEO	0	Direct. das condutas da EPAL
Tapada do Mocho, Bairro Augusto de Castro	0	Direct. das condutas da EPAL
Oeiras (Nova e Velha), Santo Amaro	1	Reservatório da Figueirinha e Reservatório das Antas

Fonte: SMAS, 1996.

Figura VII-2: Autonomia de abastecimento de água por aglomerado.

#### Prevista Maior Autonomia

Encontra-se prevista pelos SMAS a construção de 6 novos reservatórios, elevando a capacidade de armazenamento para quase o dobro (67.000 m3, no ano 2010), o que irá melhorar progressivamente a autonomia de abastecimento de água ao concelho.

# Cerca de 1,2 Dias no Ano 2000

Mantendo-se o crescimento dos consumos que se tem vindo a verificar nos últimos anos (em média cerca de 7% ao ano), podemos dizer que no ano 2000, quando se prevê que a capacidade de armazenamento atinja cerca de 55.000 m3, a autonomia de abastecimento de água ao concelho poderá aproximar-se dos 1,2 dias.



# 2.5 Roturas e Perdas de Água na Rede de Distribuição

#### Diariamente 5 Roturas

Ocorrem diariamente em Oeiras cerca de 5 roturas na rede sobretudo provocadas pela abertura de valas para outras infraestruturas. Nestes casos, os consumidores ficam sem água em média cerca de 2 horas.

# Evolução Estável

A evolução anual do número de roturas encontra-se nos últimos 3 anos num patamar quase estável.

Ano	1985	1990	1991	1992	1993	1994
Nº de Roturas na Rede/Ano	990	1.328	1.504	1.698	1.793	1.735

Figura VII-3: Evolução do número de roturas na rede por ano.

Tanto devido às roturas como a outras fugas no sistema de distribuição ou mesmo a contadores deficientes verifica-se que existe uma diferenca muito importante entre a quantidade de água que os SMAS compram à EPAL e a que vendem aos diferentes consumidores.

A informação disponível refere-se a toda a área geográfica de intervenção dos SMAS, ou seja aos concelhos de Oeiras e Amadora, e encontra-se resumida na Figura VII-4.

x 1.000 m3

Ano	1974	1980	1985	1990	1995
Água Comprada	12.661	19.668	20.378	27.513	26.967
Água Vendida	10.200	13.236	15.013	18.855	20.457
Fugas na Rede	2.461	6.432	5.365	8.658	6.510

Figura VII-4: Evolução do valor "fugas na rede" que contabiliza também outras perdas, como sejam contadores avariados.

# Fuga equivale a Abastecer por dia mais 110 mil Pessoas

Verifica-se assim que na área de intervenção dos SMAS existe uma fuga diária de água ou o seu não registo pelos contadores da ordem dos 17 milhões de litros, ou seja, teoricamente o equivalente a abastecer cerca de mais 110 mil pessoas.

## 2.6 Estrutura dos Consumos e Tarifário

Cerca de 77% do volume de água é consumida pelos utilizadores domésticos. A indústria e comércio são responsáveis por 12,5%, o





estado por quase 4% e os usos de beneficência por 6,3%. A distribuição do consumo com os respectivos escalões reparte-se do seguinte modo:

#### Doméstico Domina

<ul> <li>Doméstico (1º Escalão)</li> </ul>	37,8%
• Doméstico (2º Escalão)	30.8%
<ul> <li>Doméstico (3º Escalão)</li> </ul>	8,6%
• Industrial (1º Escalão)	5,4%
• Industrial (2º Escalão)	7,1%
• Estado	3,9%
Beneficência	6,3%

#### Tarifas

As tarifas de venda de água pelos SMAS variam conforme o tipo de consumidor e o escalão de consumo mensal, sendo os preços substancialmente mais elevados para os escalões de consumo superiores.

## Tarifas Progressivas

Através da estrutura de preços fortemente progressivos procura-se estimular a poupança de água. Os preços por m3 de água presentemente praticados (Julho 1996) são seguintes.

Consumo	Doméstico	Pre	eço por m3
1º Escalão: 2º Escalão: 3º Escalão:	6 a 15 m	3 3 5 m3	160\$00
Consumo	Industrias,	Comércio e Empresas Públic	as
		n3 50 m3	
		<b>ões</b> de Beneficência, Culturais, D untas de Freguesia e Câmaras d	
	me		100\$00
Consumos	do Estado	e Pessoas Colectivas de Direito I	Público.

# 2.7 Qualidade da Água

## Tratamento e Controlo pela EPAL

A água fornecida pela EPAL é submetida a tratamento antes de chegar a Oeiras. Esse tratamento depende da qualidade inicial e da origem da água. No caso da origem ser a Albufeira de Castelo de Bode a EPAL





procede na estação de Asseiceira às seguintes operações de tratamento:

- Oxidação por cloro ou pré-oxidação;
- Correcção do pH, com hidróxido de cálcio ou hidróxido de cálcio com bióxido de carbono:
- Coaquiação/floculação com sulfato de alumínio, sulfato ferroso ou cloreto férrico:
- Decantação:
- Filtração ou filtros de areia;
- Tratamento bacteriológico por cloro.

São também efectuadas pela EPAL todas as análises prescritas no D.L. 74/90 sobre águas de consumo humano e que constam dos seguintes parâmetros:

- Organolépticos,
- Físico/Químicos.
- Substâncias indesejáveis,
- · Substâncias tóxicas.
- Microbiológicos,
- · Radioactivos.

#### Controlo pelos SMAS

Os SMAS por sua vez efectuam um novo controlo da qualidade da água que chega a Oeiras, no referente aos parâmetros organolépticos, físico-químicos e microbiológicos, com a frequência estipulada na legislação. O número de determinações efectuado ao longo dos últimos 5 anos tem oscilado anualmente entre 20.000 a 40.000.

#### Boa Qualidade

As características da água obedecem às exigências do D.L. 74/90 para consumo humano, pelo que se conclui que a água fornecida é potável e de boa qualidade.

# 2.8 Deficiências do Sistema e Respectivas Causas

De acordo com os SMAS, a lista das principais deficiências existentes que afectam a qualidade do sistema de abastecimento de água assim como as respectivas causas é a seguinte:

#### Deficiencias:

- Frequentes intervenções para reparações das redes e ramais;
- Falta de conhecimento perfeito do cadastro da rede,





- Valores de pressão muito elevados em algumas zonas,
- · Cortes no abastecimento.
- Níveis de perda significativos.

#### Causas:

- Dependência absoluta do abastecimento de água pela EPAL,
- Capacidade de armazenamento insuficiente e mal distribuída,
- Falta de alternativas para suprir deficiências de fornecimento,
- Envelhecimento de condutas e acessórios.
- Falta de equipamentos adequados de elevação de água em alguns imóveis mais antigos (bombas e reservatórios).

# 2.9 Principais Estratégias dos SMAS para Melhorar o Sistema

- Aumentar a capacidade de reservas que se prevê duplicar até ao ano 2010 nas zonas mais carênciadas;
- Pugnar pela concretização do Adutor de Circunvalação, por forma a garantir os caudais e pressões adequados no sistema de distribuição;
- Actualizar os Planos Gerais de Abastecimento de Água, em consonância com o PDM e os instrumentos de apoio à gestão (telegestão, cadastro, outros); e
- Continuar a implementação de um plano de substituição das redes antigas.

#### DRENAGEM DE ÁGUAS RESIDUAIS 3.

Uma vez utilizada, a água entra no sistema de drenagem que tem por finalidade recolher, transportar, tratar e devolver a água ao meio natural receptor sem riscos para a saúde ou para o ambiente em geral.

## 3.1 Taxa de Cobertura

A rede de drenagem de águas residuais do concelho não cobre cerca de 8.000 pessoas (INE, 1994) que recorrem a sistemas individuais, como sejam fossas, ou que drenam directamente para o meio receptor.

#### 2/3 com ETAR

Da população que se encontra servida por rede de drenagem, cerca de 2/3 estão ligadas a Estações de Tratamento de Águas Residuais



(incluem-se aqui as estações que unicamente filtram por meio de grades e tambores os sólidos em suspensão). Trata-se portanto de um valor bastante sobrevalorisado.

# 1/3 sem qualquer Tratamento

Informação referente ao ano de 1994 (ISBN, 94) indica que o restante 1/3 da população, que não dispõe de qualquer tratamento, se reparte da seguinte forma pelas freguesias do concelho:

Freguesia	População só com rede	Observações
Algés	0	Toda a Freguesia ligada a ETAR
Barcarena	9.119	Toda a Freguesia sem ETAR
Carnaxide	13.741	Quase toda a Freguesia sem ETAR
Dafundo Cruz Quebrada	1.286	Quase toda a Freguesia ligada a ETAR
Linda-a-Velha	8.841	1/3 da Freguesia sem ETAR
Oeiras	0	Toda a Freguesia ligada a ETAR
Paço de Arcos	5.744	1/3 da Freguesia Sem ETAR
Porto Salvo	0	Toda a Freguesia ligada a ETAR
Queijas	10.062	Toda a Freguesia sem ETAR
TOTAL	48.793	Sem ETAR

Fonte: SMAS, 1996

Figura VII-5: Principais zonas do Concelho de Oeiras sem ETAR.

# 3.2 Esquema do Sistema de Drenagem de Águas Residuais

O sistema de drenagem da águas domésticas e industriais do Concelho de Oeiras é composto por cinco bacias: Laje, Porto Salvo, Barcarena, Jamor e Algés.

# • Bacia da Ribeira da Laje

O sistema de drenagem é feito através de um emissário paralelo à ribeira, com início no Concelho de Sintra e que se prolonga até Santo Amaro de Oeiras, onde existe uma estação de pré-tratamento e bombagem. Serve cerca de 39.000 habitantes do Concelho de Oeiras. Recebe ainda esgotos de Cascais e de Sintra.

Este emissário possui na povoação da Laje ligação gravítica ao Interceptor da Costa do Estoril. O efluente que chega a Santo Amaro de





Oeiras é bombado para este interceptor, sendo assim também conduzido à ETAR da Guia.

# • Bacia da Ribeira de Porto Salvo

O sistema de drenagem desenvolve-se ao longo da ribeira de Porto Salvo. É a única bacia integralmente existente no interior do Concelho de Oeiras. Serve cerca de 22.000 habitantes repartidos pelas freguesias de Oeiras, Paço de Arcos e Porto Salvo.

Drena em grande parte para o Interceptor da Costa do Estoril e ETAR da Guia. Em menor quantidade, o sistema descarrega para o mar em Paço. de Arcos.

#### Bacia da Ribeira de Barcarena

O sistema de drenagem desta bacia é feito através de um emissário com início no Concelho de Sintra e que se prolonga até Caxias, onde existe uma estação de pré-tratamento e bombagem. Serve cerca de 23.000 habitantes do Concelho de Oeiras, repartidos pelas freguesias de Barcarena, Paço de Arcos e Queijas.

O efluente é lançado no mar através de um emissário submarino, com uma extensão de cerca de 650 metros. O valor médio da carga orgânica descarregada é de 1.272 Kg CBO5 por dia.

#### Bacia da Ribeira do Jamor

Este sistema de drenagem é feito através de um emissário que se desenvolve desde a povoação de Carenque, no Concelho da Amadora. até à Cruz Quebrada. Serve cerca de 30.000 habitantes do Concelho de Oeiras, repartidos pelas freguesias de Barcarena, Carnaxide (ca. 14.000), Cruz Quebrada, Linda-a-Velha (ca. 9.000) e Queijas.

Junto à Cruz Quebrada são as águas lançadas no mar através de um emissário submarino de curta extensão. O valor médio da carga orgânica descarregada é de 1.657 Kg CBO<sub>5</sub> por dia.

## • Bacia da Ribeira de Algés

O sistema de drenagem desta bacia estende-se do Concelho da Amadora, povoação de Alfragide, até Algés. Serve cerca de 50.000 habitantes do Concelho de Oeiras, das freguesias de Algés (ca. 22.000), Cruz Quebrada, Carnaxide e Linda-a-Velha (ca. 17.000).



Os efluentes são conduzidos para um emissário instalado ao longo da Ribeira e integrados graviticamente no sistema de Lisboa. Nas zonas mais baixas de Algés os esgotos são bombados para este sistema. O destino final é a ETAR de Alcântara.

#### 3.3 Qualidade dos Efluentes

Uma das principais causas para a poluição das linhas de água e da água das praias do Concelho são as descargas de efluentes domésticos e industriais nesses meios, quer através de ligações clandestinas de esgotos às ribeiras quer pela inexistência em algumas bacias de um tratamento final adequado antes da descarga no mar.

#### Factores de Riscos

As cargas orgânicas bem como as grandes quantidades de agentes microbiológicos (bactérias e vírus) descarregados com as águas residuais constituem um factor de risco para a saúde das populações (gastroentrites, hepatites, febres tifóides, otites, conjuntivites, etc.).

#### Laboratório de Controlo

O Laboratório de Análises dos SMAS efectua por vezes o controlo de qualidade de águas residuais industriais antes da sua descarga para a rede municipal e analisa pontualmente a água de ribeiras. De forma sistemática, procede à vigilância sanitária da qualidade da água em zonas balneares na época estival.

#### Análises à Água das Praias

As análises da água das praias incidem sobre os seguintes parâmetros: coliformes totais, coliformes fecais, pH, côr, óleos minerais, substâncias tensioactivas, fenóis, transparência e resíduos, detritos ou fragmentos.

#### Grande Problema: Coliformes Totais e Fecais

Destes parâmetros, os grandes problemas de qualidade da água dizem respeito aos dois primeiros. Por exemplo, no dia 5 de Junho de 1996 foram observados os valores indicados na Figura VII-6 que se podem considerar representativos da situação existente das águas balneares.

#### Os Efluentes Industriais

Relativamente aos efluentes industriais não existem análises sistemáticas. No entanto, o padrão dos resultados de análises pontuais em algumas indústrias indica que com alguma frequência não são cumpridos vários dos parâmetros impostos pela legislação.



Limites da Legislação (D.L. 74/94)	Coliformes Totais/100 ml	Coliformes Fecais/100 ml	Observações
VMR (Valor Máximo Recomendado)	500	100	*
VMA (Valor Máximo Admitido)	10.000	2.000	
Praia da Torre	350	79	Bom
Praia do INATEL	3.500	2.400	Aceitável
Praia de S. Amaro, junto ao Motel	5.400	9.200	Não Aceitável
Praia de S. Amaro, a meio	54.000	24.000	Não Aceitável
Praia de S. Amaro, junto ao Saisa	21.000	1.700	Não Aceitável
Praia Fontainhas	54.000	3.500	Não Aceitável
Praia Paço Arcos	35.000	16.000	Não Aceitável
Praia de Caxias 1	33.000	28.000	Não Aceitável
Praia de Caxias 2	540.000	35.000	Não Aceitável
Praia Cruz Quebrada	350.000	240.000	Não Aceitável
Algés INIP	5.400.000	3.500.000	Não Aceitável

Fonte: SMAS, 1996

Figura VII-6: Qualidade das águas balneares nas praias, no dia 5 de Julho de 1996.

Para além das águas residuais domésticas que todas as indústrias apresentam, cerca de 50% das existentes no concelho rejeitam águas residuais de fabrico. Destas, cerca de 40% apresentam na sua composição produtos cujos constituintes, em determinadas concentrações, lhes confere características tóxico-perigosos (GDM, 1994).

Quase 40% das indústrias que apresentam águas residuais de fabrico possuem tratamento das mesmas (pré-tratamento e tratamento primário).

# 3.4 Deficiências do Sistema de Drenagem de Águas Residuais

De entre as principais deficiências do sistema encontram-se:

- Ligações clandestinas para as ribeiras e existência de redes pseudoseparativas que provocam a descarga de águas residuais domésticas nas linhas de água.
- Falta de conhecimento exacto do cadastro da rede, o que dificulta muito a identificação de problemas e a intervenção para a sua correcção.



- Qualidade das águas residuais industriais que por vezes não safisfaz a legislação em vigor antes da sua introdução na rede doméstica.
- Insuficiente capacidade de escoamento da rede em alguns locais e envelhecimento de colectores.
- Grande deficiência no tratamento dos efluentes (ca. de 50.000 habitantes sem qualquer tratamento), o que será possivelmente ultrapassado a curto ou médio prazo com a conclusão do Sistema de Saneamento da Costa do Estoril.

# 3.5 Principais Estratégias dos SMAS para Melhorar o Sistema

- Elaboração de um Plano de Drenagem de Águas Residuais.
- Elaboração de um regulamento de drenagem e tratamento de águas residuais, integrado nas condições dos diferentes sistemas receptores.
- Continuação dos estudos rigorosos das bacias de drenagem (já estudadas as da Laje e Porto Salvo) que permitam o diagnóstico das situações incorrectas, tendo em vista a separação das redes, de modo a que a sua integração no Sistema de Saneamento da Costa do Estoril venha a contribuir efectivamente para a despoluição das praias.
- Continuação da implementação do plano de substituição de colectores antigos por novos de dimensões apropriadas.

# 3.6 Breve Descrição do Sistema de Saneamento da Costa do Estoril

O Sistema de Saneamento da Costa do Estoril destina-se a servir uma grande área geográfica de cerca de 20.000 hectares que abrange a totalidade do Concelho de Cascais, a maior parte de Oeiras, uma importante parte de Sintra e uma pequena parte da Amadora. Residem aí cerca de 600.000 pessoas, prevendo-se que esse valor suba para 1.500.000 no ano horizonte do projecto (2025).

O sistema é constituído por um interceptor geral de grandes dimensões, uma estação de tratamento preliminar situada na Guia e um emissário submarino que lança os efluentes no mar a cerca de 3 Km da costa.



O interceptor desenvolve-se entre Linda-a-Velha e a Guia num percurso com 25 Km. Em Oeiras, o interceptor atravessa as bacias hidrográficas do Jamor, Barcarena, Porto Salvo e Laje. Nos vales recebe por gravidade os efluentes dos emissários instalados ao longo das ribeiras.

Existe no entanto uma pequena percentagem de efluentes (cerca de 15%) que está localizado a cotas mais baixas que o interceptor (zonas entre a costa e o próprio interceptor) que exige bombagem para se integrar neste sistema. Deste modo todos os efluentes produzidos são conduzidos para o interceptor.

Na estação de tratamento da Guia efectua-se a remoção dos sólidos carregados pelas águas residuais. Existe primeiro um conjunto de grades para retirar os sólidos de maiores dimensões, seguem-se dois desarenadores e por fim uns tambores de filtragem com furos de 5 mm de diâmetro. Os resíduos sólidos retirados são transportados para uma estação de tratamento.

O efluente tratado fisicamente deste modo é depois lançado no mar a cerca de 3 Km da Guia por meio de um emissário submarino. É aí efectuada a sua diluição no meio marinho, em zonas de águas profundas (cerca de -40m) e sujeitas a grande renovação.

De acordo com os documentos técnicos deste projecto, a redução de concentração bacteriana conseguida será da ordem das 100.000 vezes, através da tripla acção de difusão inicial, dispersão transversal e mortalidade natural.

O projecto prevê que na zona balnear mais próxima, situada no Concelho de Cascais a mais de 4 Km de distância dos difusores, se obtenham valores abaixo do índice mais rigoroso das directivas da União Europeia, ou seja de 100 Coliformes Fecais por 100 ml.

Está-se assim perante um projecto da máxima importância para a despoluição das praias e ribeiras da região e de Oeiras em particular.

Sublinha-se no entanto que o Sistema de Saneamento da Costa do Estoril foi concebido somente para efluentes de origem doméstica ou equiparáveis não possuindo capacidade para tratamento químico.



Os efluentes industriais ou outros que contenham substâncias tóxicas ou perigosas (metais pesados, solventes orgânicos, etc.) não podem de modo algum ser integrados no sistema sem um pré-tratamento eficiente. Casos haverá em que a solução terá que ser outra.

Caso contrário corre-se o risco destes produtos entrarem na cadeia alimentar que como é sabido tende a concentrar e a aumentar a agressividade dos elementos. Os peixes e moluscos contaminados capturados na zona poderão ser os veículos de transmissão das cargas poluentes ao homem, com todas as consequências para a sua saúde.

# Situação Actual

O sistema encontra-se em funcionamento pleno desde a ribeira da Laje até jusante, ou seja até à estação da Guia e respectivos difusores submarinos.

Em obra encontra-se todo o restante troço para montante, ou seja desde o vale da ribeira da Laje até Linda-a-Velha, existindo 5 frentes de trabalho, da responsabilidade da empresa SANEST.

#### Conclusão em 1998

Preve-se que a conclusão dos trabalhos e a entrada em funcionamento pleno do sistema em toda a extensão ocorra em finais de 1998.

# RESÍDUOS SÓLIDOS

# Agradecimentos

O presente capítulo não poderia ter sido executado sem a pronta disponibilização de informação e a eficiente colaboração da Divisão de Resíduos Sólidos da CMO, nomeadamente do Sr Engº Carlos Raimundo.



# VIII - RESÍDUOS SÓLIDOS

# 1. INTRODUÇÃO

# Porquê um problema?

Os resíduos sólidos constituem um problema ambiental por duas razões principais. Por um lado, a sua quantidade é muito grande e não pára de crescer (gera-se em Oeiras meia tonelada por habitante e por ano).

# Quantidade e Agressividade

Por outro lado os resíduos podem conter elementos muitos agressivos e perigosos que, individualmente ou reagindo entre si formando novos elementos, podem gerar impactes negativos muito graves sobre o meio natural receptor e sobre o homem em geral.

# Todos Responsáveis mas...

A responsabilidade legal para lidar com os resíduos sólidos é partilhada entre várias entidades, conforme o tipo de resíduos. A responsabilidade ambiental e ética cabe a todos.

## Câmara (RSU)

A Câmara Municipal é, de acordo com a legislação (DL nº 310/95 de 20 de Novembro), responsável pelos resíduos sólidos urbanos (RSU) que inclui os resíduos domésticos, os restos de jardins, a limpeza pública e parte dos resíduos comerciais produzidos no concelho.

## Outros (RSE)

Os resíduos sólidos especiais (RSE), tais como os industriais, clínicos e hospitalares, tóxicos e perigosos, entulhos e comerciais são da responsabilidade dos próprios produtores, podendo estes efectuar protocolos de colaboração com a Câmara Municipal ou com empresas privadas especializadas na prestação deste tipo de serviços.

# 2. RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS (RSU)

#### Produção 2.1

Quem Produz?

A produção de RSU é devida essencialmente a cada um dos cerca de 150.000 residentes no Concelho. São eles que diariamente e através do efeito de acumulação produzem enormes quantidades de resíduos.

Quanto?

No ano de 1994 a produção total atingiu 66.000.000 Kg, com uma quantidade per capita de 436 Kg. No ano de 1995 as estimativas



prevêem que cresça para 72.000.000 Kg e no ano seguinte para 78.000.000 Kg. Ou seia, aumentos anuais de cerca de 9%.

# Objectivos do 5º PAA: 330 Kg

O 5º Programa de Acção Ambiental da União Europeia "Rumo à Sustentabilidade" coloca relativamente à quantidade de RSU produzidos per capita a meta de se alcançar a sua redução de modo a que no ano 2005 os níveis de produção sejam idênticos aos verificados em média na UE em 1985, ou seja de 330 Kg per capita.

# Já 100 Kg a mais

Cada Oeirense produz assim já hoje mais de cerca de 100 Kg do que a meta proposta pelo 5º PAA para o ano 2005 e a tendência de evolução que se verifica é claramente no sentido oposto a essa meta.

A manter-se a tendência actual de aumentos anuais de 9%, no ano 2005 cada Oeirense produzirá anualmente cerca de 1.000 Kg, ou seja quase 700 Kg a mais ou três vezes mais do que as metas colocadas pelo 5º Programa.

# Composição dos RSU

Dominam:Papel, Cartão, Orgânicos e Plásticos

A composição média dos RSU em percentagem do seu peso total foi no ano de 1994:

34,6%
3,6%
16,9%
3,1%
24,8%
1,9%
2,7%
12,5%

### "O melhor lixo é aquele que não existe..."

A tendência existente de aumento sistemático da produção de RSU não é ambientalmente sustentável. Cria a montante problemas de exaustão de recursos não renováveis e a jusante enormes cargas sobre o meio natural receptor dos resíduos.

As medidas de redução da produção de RSU são um dos 3 R's (completados pela reutilização e reciclagem) que integram a estratégia do Município nesta área. A estratégia inclui ainda o tratamento e destino adequado para aqueles resíduos que não é possível reduzir reutilizar ou reciclar.



# Medidas para Redução

Atendendo a que o comportamento do cidadão é fundamental, a principal medida que tem sido adoptada em Oeiras para procurar intervir na redução da produção de RSU situa-se ao nível da educação ambiental e campanhas de sensibilização.

# Projecto Educação Ambiental

Trata-se de um projecto que o Município tem desenvolvido desde 1994 iunto das escolas do concelho no sentido de aumentar a sensibilização da população escolar para a preservação do ambiente e a necessidade de intervenção activa, com especial relevo na área dos resíduos sólidos.

No ano lectivo 94-95 aderiram ao projecto cerca de 20 escolas do ensino primário e secundário. No ano lectivo 95-96 o projecto está também em implementação, tendo o seu âmbito sido estendido ao ensino pré-primário.

Basicamente efectuam-se sessões nas escolas destinadas a docentes e alunos e realizam-se visitas de estudo à Estação de Triagem de materiais de Vila Fria, à Central Industrial de Tratamento de Resíduos Sólidos de Trajouce e a outros equipamentos.

Foi ainda distribuído material pedagógico para os alunos levarem para suas casas, procurando-se atingir os vários elementos do seu agregado familiar.

#### Medidas para Reutilizar

Relativamente à promoção de medidas para a reutilização dos RSU (o segundo dos 3R's), a principal iniciativa tem sido o "Projecto de Compostagem no Quintal das Moradias". O Município também efectua a compostagem de restos de podas e jardins.

## Projecto Compostagem

Este projecto foi lançado em fase experimental em 1992 com o objectivo de avaliar da viabilidade da realização da compostagem nos quintais das moradias no contexto socio-cultural e ambiental (clima, etc) de Oeiras. Grande parte dos resíduos sólidos orgânicos de um agregado familiar podem ser reutilizados para produzir fertilizante para os quintais. Atendendo aos resultados positivos, o projecto entrou em aplicação plena no Concelho em 1994.



# Medidas para Reciclar

Pela sua importância e pela extensão da informação disponível opta-se por tratar este assunto num capítulo a ele expressamente destinado (ver Capítulo 2.5). Referem-se aí e quantificam-se os resultados do "Projecto de Queijas" de reciclagem de embalagens, assim como as iniciativas da CMO no âmbito da reciclagem do vidro, papel/cartão e de outros materiais.

# 2.2 Remoção

#### Âmbito

A remoção engloba a deposição e o acondicionamento, a recolha, o transporte e a transferência dos resíduos, e a limpeza do espaço público.

# Depositar e Acondicionar

Trata-se de uma etapa critica porque é aqui que os resíduos passam do produtor para a entidade que os recolhe. Esta passagem é em regra efectuada na via pública, existindo portanto elevado risco de contacto, contaminação e propagação de insalubridade.

O Município possui uma campanha de sensibilização para que os resíduos sejam depositados só entre as 20 e as 22 horas, de modo a evitar que eles permaneçam nos contentores durante longos períodos de tempo.

#### Contentores Colectivos

Os resíduos são depositados geralmente em contentores de uso colectivo de grande capacidade colocados na via pública. O estado de limpeza deste contentores e do espaço envolvente por vezes não é satisfatório. A falta de cuidado da população, os animais, o vento e outras razões contribuem para esta situação.

Para além dos aspectos de insalubridade, os contentores na via pública raramente possuem boa integração visual e estética. Ocupam com frequência também parte do espaço destinado aos peões ou a outras funções da rua.

## Baldes Individuais

O uso de baldes individuais tem sido usado em algumas zonas do Concelho, com diferentes graus de sucesso. Nas zonas de habitação multifamiliar existem bastantes dificuldades sobretudo devido à



carência de espaço no interior das habitações para armazenamento do balde durante o dia. Em zonas de moradias os resultados têm sido magníficos.

#### A Recolha

Os RSU são recolhidos 6 vezes por semana (exceptua-se a madrugada de Domingo). O Município tem organizados os seguintes circuitos de remoção:

- 11 Circuitos de remoção de RSU operando com contentores de diferentes capacidades (50, 120, 240, 360 e 800 litros);
- 2 Circuitos de RS industriais e comerciais passíveis de tratamento idêntico aos RSU, mediante a celebração de contratos com os respectivos produtores;
- 1 Circuito de recolha selectiva de embalagens e RSU porta-a-porta na povoação de Queijas,
- 10 Circuitos de recolha selectiva de resíduos de jardins particulares e públicos;
- 5 Circuitos de recolha selectiva de mobiliário e electrodomésticos para reciclagem;
- 1 Sistema de detecção e remoção de veículos abandonados na via pública;

### O Transporte

O transporte dos RSU ocorre durante a noite, a partir das 23 horas. É em regra efectuado em veículos de caixa fechada e compactadores dos resíduos.

Nos casos dos resíduos de jardins, mobiliário volumoso e veículos abandonados o horário é diurno e os veículos de recolha e transporte são de caixa aberta. No circuito de recolha selectiva de embalagens o veículo não efectua a compactação dos materiais.

#### A Transferência

Quase todos os RSU são transferidos para a Central Industrial de Tratamento de Resíduos Sólidos de Trajouce. No caso da recolha selectiva de embalagens, estas vão para a Estação de Triagem de Vila Fria. Existe também aqui um local para a transferência dos veículos abandonados, antes da Associação de Industriais de Sucata promover a sua reintegração no circuito produtivo.

# A Limpeza das Ruas

Até Outubro de 1995 existiu apenas o tradicional cantoneiro para varredor de ruas. A lavagem era realizada apenas por uma viatura, esporadicamente, consoante as necessidades e a disponibilidade.



A partir de Outubro de 1995 tem-se aplicado novas técnicas e maior mecanização numa zona piloto de Algés. Esta zona é dividida em subzonas que são alvo de diferentes graus de intervenção de acordo com as actividades aí existentes e a frequência do público:

- Área Vermelha: Corresponde às zonas comerciais e de grande movimento, nas quais se faz a limpeza diariamente.
- Área Amarela: Zonas com algum comércio e movimento moderado. A limpeza ocorre 2 ou 3 vezes por semana.
- Área Verde: Corresponde a zonas residenciais pouco movimentadas, onde a limpeza é efectuada 2 a 4 vezes por mês.

Todas as lavagens das ruas são efectuadas com água potável, proveniente da rede de distribuição.

# A Limpeza das Praias

Durante a época balnear e desde 1992 são limpos todos os areais do Concelho por jovens em férias envolvidos em programas de ocupação de tempos livres. A lavagem dos túneis de acesso às praias é realizado semanalmente.

## 2.3 Tratamento

Âmbito

Consiste no conjunto de operações e processos tendentes ao acondicionamento, transformação ou reutilização dos resíduos com ou sem recuperação de materiais.

CITRS:

O Município de Oeiras construiu em 1991, em associação com os Municípios de Cascais e Sintra, a Central Industrial de Tratamento de Resíduos Sólidos (CITRS), vulgarmente conhecida por central de compostagem.

# Compostagem de RSU misturados

Pelo processo de compostagem aeróbica esta central transforma a matéria orgânica contida nos RSU em composto orgânico fertilizante, comercializado sob a designação de "Campo Verde".

Os RSU são recolhidos todos em conjunto e levados para esta central, não existindo portanto recolha separativa da matéria orgânica. Devido a este facto correm-se alguns riscos de contaminação da matéria



orgânica por produtos agressivos contidos nos RSU (pilhas, químicos, medicamentos, etc). Análises recentes mostram no entanto que o composto respeita os parâmetros de qualidade exigidos por lei.

#### O Processo

Na central, antes de se efectuar a compostagem, procede-se à separação dos resíduos em várias etapas. Primeiro existem vários tambores de malhas diferentes onde são retidos o papel e os pláticos. Posteriormente é realizada a separação manual, passando os resíduos em tapetes rolantes.

Esta cental custou cerca de 3,5 milhões de contos e para a sua gestão foi constituida uma empresa de capitais mistos - a TRATOLIXO - sendo 51% dos municípios envolvidos e 49% de privados.

# A Capacidade

A central possui uma capacidade nominal de tratamento de 500 toneladas/dia e o custo de exploração em 1994 foi de 3.580\$00 por tonelada.

#### O Composto

A composição e características do composto "Campo Verde" obtido na central é a seguinte:

Humidade	21%
Matéria orgânica	50%
• Azoto (N)	1,8%
• Fósforo (P2 O5)	1,2%
Potássio (K2O)	1,4%
• Cálcio (CaO)	8,0%
Magnésio (MgO)	0,7%
• pH	7,5
• C/N	

#### Estação deTriagem:

Um outro tipo de tratamento é o realizado na Estação de Triagem de Vila Fria, construída em 1994. São para aqui encaminhados os resíduos recolhidos separadamente no âmbito do projecto de recolha selectiva multi-material de embalagens usadas. Nesta unidade as embalagens são separadas em oito categorias distintas de acordo com as especificações das indústrias recicladoras:

# 8 Tipos de Materias para Reciclar

- Papel e cartão;
- Cartão complexo de líquidos alimentares;





- Garrafas de plástico de PVC:
- Garrafas de plástico de PET;
- Frascos de polietileno de alta densidade (PEAD);
- Filme plástico:
- · Latas ferrosas:
- Latas de alumínio.

Após separação, todos os materiais são compactados em fardos e enviados para as respectivas indústrias recicladoras sempre que a quantidade existente justifiquem o seu transporte.

Todos estes materiais são reciclados em indústrias nacionais, excepto o cartão complexo cuja indústria recicladora mais próxima se situa em Valencia-Espanha e as garrafas de plástico de PET que são recicladas na Holanda.

# Restantes, para Aterro

Os materiais que chegam à estação de separação e que não se inserem no âmbito dos materiais a reciclar são enviados para destino final na CITRS, em Trajouce.

#### 2.4 Destino Final

#### Âmbito

Consiste na localização, utilização ou eliminação final dos resíduos em condições que garantam um mínimo de prejuízos para a saúde pública e o ambiente.

#### Vários Destinos...

Ao longo do tempo os RSU têm tido vários destinos. Antes da lixeira de Vila Fria, já desactivada, vários locais do concelho receberam RSU, não existindo porém informação sistemática sobre esses locais.

Sabe-se por exemplo que antes de Vila Fria existiu em Casal das Chocas uma lixeira e que antes dessa muitas mais se perdem na memória. Estes locais constituem importantes focos potenciais de poluição do solo e das águas assim como podem colocar em risco usos do solo sensíveis (áreas residenciais, infantários, etc) que sobre eles sejam implantados.

#### Lixeira deVila Fria

Situa-se no limite nascente da freguesia de Porto Salvo, a norte do aglomerado de Vila Fria. Foi desactivada em 1993 mas ainda não foi





selada. A sua recuperação futura prevê instalar aqui um parque urbano para recreio, desporto e lazer. O perímetro da lixeira encontra-se vedado em toda a extensão e o acesso é controlado.

#### Lixiviados

Não apresenta impermeabilização lateral. Para recolha e drenagem dos lixiviados existem dois poços de captação equipados com grupos electrobomba ligados ao colector de águas residuais domésticas.

Até ao presente estas águas são descarregadas no mar, sem tratamento, junto a Paço de Arcos. Prevê-se que no futuro sejam conduzidas para o sistema de saneamento da Costa do Estoril.

## Biogás

O biogás resultante do processo de decomposição aneróbico dos resíduos é libertado pela superfície do aterro através de 13 chaminés cuja afluência não cobre a totalidade da área de enchimento.

#### **Uso Actual**

Actualmente o local ainda recebe os resíduos de jardins com vista à constituição de solo natural a utilizar na camada superior de recobrimento.

#### Aterro Sanitário

O aterro sanitário de Laveiras/Caxias foi construído em 1992 aproveitando a enorme cratera produzida por uma antiga pedreira de extracção de calcários e tem por finalidade receber os resíduos inorgânicos que não forem passíveis de tratamento na central de compostagem de Trajouce.

#### Tecnicas Modernas

O local foi completamente impermeabilizado com argilas compactadas e telas de alta densidade de polietileno de 2 mm de espessura. Prevêse a monitorização por meio de furos que permitam testar se há roturas. Pela primeira vez em Portugal são utilizados sistemas de protecção ambiental de acordo com a Directiva Comunitária para esta matéria.

Tem a área de 1,5 hectares, a capacidade de 225.000 m3 e um horizonte de vida de 5 anos. O custo foi de 375.000 contos e foi financiado pelo programa comunitário ENVIREG. Ainda não se encontra em exploração.

#### Local algo Polémico?

O local escolhido para a implantação do aterro foi objecto de alguma polémica. Os críticos do local argumentaram que se tratava de uma





zona que geologicamente não era a mais adequada, nomeadamente devido aos grandes riscos de fissuras e da consequente contaminação dos solos pelos lixiviados.

Os defensores do local argumentaram que se tratava do único sítio ainda disponível no concelho com elevado volume de recepção e que a tecnologia usada na impermeabilização garantia reduzidos riscos de propagação dos poluentes.

# Vazadouro Controlado de Trajouce

O vazadouro controlado de Trajouce localiza-se no Concelho de Cascais e recebe os resíduos inorgânicos rejeitados pela central de compostagem de Trajouce (CITRS).

# Condições deficientes

Não está ainda resolvido o problema dos lixiviados. Um outro problema consiste na inexistência de vedação em torno do vazadouro que, de forma eficaz, evite o acesso de pessoas para "catar" lixo. Já ocorreram acidentes mortais com pessoas a catar o lixo que foram atropeladas por máquinas de compactação e intoxicadas por alimentos ingeridos.

# 2.5 Projectos de Reciclagem de RSU

Basicamente existe o "Projecto Piloto de Recolha Selectiva Multi-Material de Embalagens Usadas" a decorrer em Queijas, a recolha selectiva de vidro e papel/papelão por grandes contentores na via pública e o Projecto de Recolha de Veículos Abandonados na Via Pública.

## Resultados

Nos anos de 1993 e 1994 as quantidades de materiais, em toneladas, recuperados no Concelho por estes projectos são os seguintes.

Resíduos	1993	1994
Papel e Cartão	362	200
Vidro	373	500
Plásticos		18
Metais Ferrosos	950	900
Metais Não Ferrosos		1
Fermentáveis (na origem)		5.000
Fermentáveis (no destino)		27.882
Resíduos Jardins	2.465	5.000



A venda dos materiais para reciclagem produziu uma receita de 9.000 contos em 1994.

Pelo seu carácter pioneiro em Portugal e pelas potencialidades que contém merece especial destaque o projecto de recolha selectiva de embalagens para reciclagem a decorrer em Queijas desde Junho de 1994.

# 2.5.1 Projecto de Recolha Selectiva de Embalagens Usadas (Queijas)

# Objectivos

Enquadrado no âmbito da Legislação Europeia sobre resíduos de embalagens, este projecto piloto, que terá a duração total de 3 anos, tem como principais objectivos analisar a viabilidade técnica, económica e o comportamento dos cidadãos, face à implementação de um sistema de recolha selectiva porta-a-porta, que permita desviar a maior quantidade possível de resíduos sólidos domésticos para reciclagem, em vez da sua deposição total em aterro sanitário.

## Descrição

Foi pedido aos habitantes de Queijas que separassem em casa e colocassem num saco azul, as embalagens de plástico, cartão, metal, e o papel atado em pequenos fardos. Num segundo saco, de cor preta, devem ser colocados os restantes resíduos.

Os sacos são recolhidos porta-a-porta quatro dias por semana, em horário nocturno, por viatura de dois compartimentos, onde são separados os sacos azuis e pretos.

Os sacos pretos são transportados para a estação de compostagem (CITRS) e os sacos azuis para a estação de triagem. Nesta unidade, os materiais recolhidos no interior do saco azul são separados em oito categorias.

Após separação, todos os materiais são compactados em fardos e enviados para as respectivas indústrias recicladoras.

#### Primeiros Resultados

Nos últimos 6 meses foram transportados para a estação de triagem cerca de 200 toneladas de sacos azuis, tendo-se recuperado 35% destes materiais.



Materiais Recuperados	Em 6 meses (em Toneladas)		
Papel e cartão	34,7		
Filme plástico	7,8		
Cartão complexo	6,6		
Plástico (Polietilenos)	4,7		
Plástico (PVC)	3,4		
Plástico (PET)	1,8		
Latas ferrosas	5,8		
Latas alumínio	0,9		

Apesar de uma adesão dos habitantes de Queijas, registada pelos inquéritos de opinião, observa-se ainda uma percentagem considerável de resíduos colocados indevidamente no saco azul evidenciando que na prática é necessário persistir para a correcta participação na tarefa de separação.

#### Que Futuro?

Prevê-se o alargamento progressivo deste projecto a todo o Concelho, a partir já de 1996.

## 2.6 Tarifas de RSU

#### Indexada à Áqua

A tarifa de recolha, transporte e tratamento de resíduos sólidos urbanos é calculada através da adição de duas parcelas. Uma parcela fixa, de valor igual para todos os consumidores de água domésticos. A segunda parcela é obtida através da uma percentagem (14%) sobre a importância do consumo de água.

#### Poluidor Pagador?

Ainda que haja algum paralelismo entre consumo de água e produção de resíduos sólidos, a tarifa de RSU calculada deste modo não é directamente proporcional à quantidade de resíduos produzidos por um agregado familiar.

O princípio do poluidor pagador não é completamente aplicado e as tarifas de RSU não são utilizadas como um instrumento financeiro para incentivar a redução, reciclagem e reutilização de resíduos.

A adopção de uma outra forma de calculo para as tarifas de RSU, proporcionais às quantidades de resíduos efectivamente produzidos,



necessita porém que os contentores sejam individualizados e atribuídos directamente a um agregado familiar.

em Contos

Despesa do Município com RSU no ano de 1994	937.000	
Receitas provenientes dos RSU (Tarifas, Reciclagem, etc.)	369.000	
Despesas não Cobertas pelas Receitas	568.000	
Custo Total por Tonelada de RSU	14	
Custo por Habitante no Concelho (População residente: 151.342)	6,2	

# 3. RESÍDUOS SÓLIDOS ESPECIAIS (RSE)

# Vários Tipos

De acordo com o Regulamento Municipal de Resíduos Sólidos da CMO e em sintonia com o Decreto-Lei nº 488/85 de 25 de Novembro, os RSE englobam os resíduos industriais, os resíduos clínicos ou hospitalares e equiparados, os entulhos, os resíduos comerciais com uma produção diária superior a 2.000 litros e outros resíduos sólidos considerados tóxicos, perigosos ou radioactivos.

A responsabilidade sobre estes resíduos, potencialmente bastante agressivos, cabe ao próprio produtor, nomeadamente no referente à recolha, armazenagem, transporte, eliminação e destino final.

Por vezes alguns destes resíduos são clandestinamente depositados em locais indevidos (bermas de caminhos escondidos, terrenos abandonados, etc) ou integrados sem permissão da CMO no circuito de recolha destinado aos RSU.

#### 3.1 Resíduos Industriais

#### Escassa Informação

A informação disponível sobre os resíduos industriais é relativamente escassa. Um inquérito efectuado, na década de 80 no âmbito da elaboração do PDM, a 56 unidades industriais do Concelho indicou que:

- 22,6% possuem óleos resultantes da sua actividade industrial;
- 22,6% geram resíduos que pela sua constituição podem ser considerados tóxicos e perigosos;





 66.1% entrega os seus resíduos a sucateiros e a empresas de transporte não especializadas, para posterior aproveitamento.

# CMO Oferece Serviços

Para os resíduos industriais passíveis de tratamento idêntico aos RSU, a Câmara Municipal efectua a sua recolha mediante a celebração de contratos com os respectivos produtores.

Encontram-se neste caso 153 unidades industriais. As tarifas cobradas são directamente proporcionais ao volume recolhido e à frequência de prestação de serviço.

# Valorização dos Resíduos

A valorização é semelhante à que ocorre para os RSU pois eles sãolhe equiparados. Há recolhas especiais de papel/cartão, vidros e embalagens sobre os quais não incidem as tarifas de remoção.

# 3.2 Resíduos Sólidos Clínicos ou Hospitalares e Equiparados

# Produção Disseminada

Para além do Hospital de Santa Cruz em Carnaxide, do Hospital da Prisão de Caxias e dos Centros de Saúde localizados em Oeiras, Paco de Arcos, Barcarena, Linda-a-Velha e Carnaxide, existe um conjunto bastante vasto de outros produtores deste tipo de resíduos disseminados pelo território do Concelho.

De entre eles contam-se os centros de enfermagem, as farmácias, os centros médicos, os laboratórios de análises clínicas, os consultórios de estomatologia e as clínicas veterinárias.

## Resíduos Perigosos

Os Resíduos Clínicos e Equiparados (RCE) possuem características bastante diferentes dos RSU. Eles são bastante mais perigosos devido à provável presença de substâncias com forte carga patogénica e de elevada agressividade para a saúde pública e ambiente em geral.

#### Cuidados Especiais

Necessitam por isso de cuidados muito especiais e exigem a adopção de processos apropriados e seguros para o seu correcto manuseamento, recolha, transporte, tratamento e destino final.

#### Situação Actual

Os resíduos clínicos são com frequência depostos nos contentores destinados aos RSU, o que origina a propagação de elementos





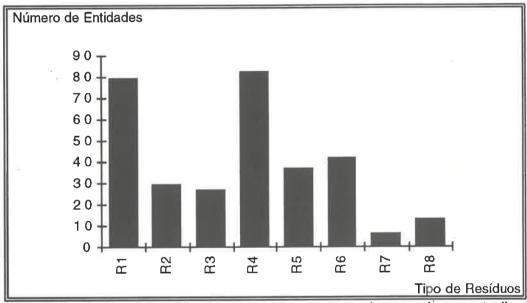
patogénicos, a contaminação dos restantes resíduos com substâncias perigosas, o aumento considerável dos riscos para a saúde pública, em particular dos funcionários do serviço de recolha, e contribui para que haja disfunções na eficiência da Central de Tratamento de Trajouce.

#### CMO vai Intervir

Depois de no ano de 1995 se terem efectuado estudos de caracterização do problema e equacionado estratégias de actuação, a CMO pretende em 1996 intervir na resolução do problema e oferecer um serviço de recolha selectiva dos RCE, por protocolo individual com os produtores que assim o desejem.

#### Identificados 109 Produtores

Até ao momento foram identificados 109 produtores de RCE, cuja produção se distribui da seguinte forma pelos vários tipos de resíduos:



R1= Material de Utilização (ligaduras, pequenos pensos, luvas, máscaras, toalhas descartáveis, talas de gesso, etc); R2= Anatómicos; R3= Infecciosos;

R4= Pontiagudos ou cortantes; R5= Químicos; R6= Farmacêuticos; R7= Citostáticos;

R8= Radioactivos.

# Estratégia da Intervenção

Neste projecto assume importância decisiva a separação completa dos circuitos de recolha destinados aos RSU e aos RCE, obrigando para isso o produtor a separar na fonte os seus RCE e a depositá-los em recipientes adequados, previamente adquiridos à CMO. Esta procederá depois regularmente à sua recolha.

O tipo de recipientes, o tratamento e o destino final a dar aos RCE será adaptado ao grau de perigosidade de cada tipo de resíduos.





O servico a oferecer pela CMO na fase inicial não deverá incluir os Químicos nem os Radioactivos, cuja responsabilidade continua a ser dos produtores.

# 3.3 Entulhos

# Estratégia?

Não existe uma estratégia integrada e concreta por parte do Município para lidar com este tipo de resíduos para além da fiscalização.

#### Actualmente

Os entulhos produzidos por entidades privadas são em regra recolhidos por empresas da especialidade, colocando para isso contentores metálicos de grande capacidade junto do produtor.

Porém, com alguma frequência, os entulhos são clandestinamente lançados nas bermas dos caminhos menos concorridos ou em outros locais escondidos.

# Demolições pela Câmara

A própria CMO não possui local com capacidade suficiente e preparado para receber os entulhos resultantes das demolições ou de outras obras por ela efectuadas.

Neste contexto ganha acuidade o problema da deposição dos entulhos provenientes da demolição de alguns milhares de edifícios abarracados no âmbito do Programa Específico de Realojamentos.

## 3.4 Resíduos Comerciais

Os resíduos comerciais superiores a 2.000 litros por dia possuem uma estratégia semelhante à existente para os resíduos sólidos industriais equiparados a urbanos.

Não existe uma caracterização dos resíduos comerciais, o que poderia constituir uma base de intervenção no sentido da sua redução, reutilização ou reciclagem.

# **ENERGIA**

# Agradecimentos

O presente capítulo beneficiou da pronta disponibilização de informação estatística pela Direcção-Geral de Energia.



# IX - ENERGIA

# 1. INTRODUÇÃO

# Porquê um Problema?

A produção e o consumo de energia possuem em regra importantes impactes ambientais negativos. As emissões de gáses poluentes (CO<sub>2</sub>, NO<sub>x</sub>, SO<sub>2</sub>, etc.) contaminam o ar, o solo e a água e provocam uma série de problemas na saúde humana.

A nível global o planeta é também afectado. As alterações climáticas, a destruição da camada de ozono, as chuvas ácidas e o consumo de recursos não renováveis são algumas das consequências mais conhecidas.

# No 5º Programa da UE

Pelo seu significado, o sector energético é um dos cinco seleccionados no 5º Programa Comunitário "Em Direcção a um Desenvolvimento Sustentável" como sendo um sector-alvo merecedor da maior atenção. Acrescenta-se ainda o facto de a nível da União Europeia existir o compromisso da estabilização das emissões de CO2 até ao ano 2000 ao nível de 1990.

# **Em Portugal**

Em 1990 o sector energético em Portugal foi o grande responsável pela maioria de emissões de poluentes atmosféricos com:

- 93% das emissões totais de SO2;
- 37% das emissões de NOx;
- 78% das emissões de CO2.

(Fonte: Relatório do Estado do Ambiente, 1994)

# Energia é porém Indispensável

Por outro lado, a energia é absolutamente indispensável ao funcionamento da sociedade. O sistema de transportes, a produção industrial, os usos domésticos, a iluminação pública e os usos hospitalares constituem alguns dos exemplos onde a energia é imprescindível.

# Diversificar é preciso

A energia ocorre na natureza em várias formas. Porém é enorme a nossa dependência da energia armazenada nos combustíveis de origem fóssil, como seja no petróleo, carvão e gás natural. Outras fontes de energia associadas ao vento, mar ou radiação solar encontram-se ainda muito pouco exploradas.



Estas fontes de energia renováveis possuem várias vantagens sobre os combustíveis fosseis.

- Primeiro, elas não se esgotarão como acontecerá num futuro mais ou menos próximo com o petróleo, gás natural e carvão.
- Segundo, elas não provocam as emissões de gáses poluentes produzidos pela queima dos combustíveis fósseis.
- Em terceiro lugar, o seu uso aumenta a diversidade das fontes energéticas.

# Energia Primária

Portugal importou em 1992 cerca de 91% da sua energia primária (com 74% de petróleos e 16% de carvão). As fontes de energia nacionais cobriram unicamente 9% das nossas necessidades, cabendo aqui 6,4% às lenhas e 2,4% à energia eléctrica hídrica.

# Energia Final

A estrutura do consumo da energia final a nível nacional revela também uma enorme dependência dos produtos petrolíferos que, como se vê na Figura XIX-1, tem vindo a aumentar.

Consumo de Energia Final em Portugal	1985	1990	1992
Petróleo	6 481	8 898	9 428
Carvão	488	658	663
Electricidade	1 520	2 025	2 206
Outros (lenhas, etc.)	916	1 029	1 018
TOTAL	9 405	12 609	13 315

Fonte: DGE, Balanços Energéticos, citado em Relatório do Estado do Ambiente 1994. Figura IX-1: Consumo de energia final expressa em Ktep (1GWh = 86 Tep).

#### **ENERGIA EM OEIRAS** 2.

# 2.1 Fontes Energéticas Existentes no Concelho

#### Energias Renováveis

As únicas fontes energéticas existentes no Concelho de Oeiras são as associadas à energia eólica e à energia solar. Os abundantes vestígios de velhos moinhos de vento no topo das colinas são prova da sua utilização no passado.



Pode-se ainda acrescentar a existência de bio-gás proveniente da decomposição anaeróbica da matéria orgânica dos resíduos sólidos urbanos na lixeira de Vila Fria.

Não existem depósitos conhecidos no concelho de combustíveis fósseis nem existem condições naturais para a instalação de centrais hidroeléctricas.

Também não existem grandes centrais termoeléctricas. No entanto, neste aspecto, regista-se uma produção em pequena escala de energia eléctrica por particulares (indústria), que em 1990 geraram 985 KWh.

A dimensão e tipo da floresta existente no Concelho de Oeiras não tem qualquer significado para a produção de energia a partir da bio-massa.

# Condições Naturais

No que diz respeito às condições naturais para a utilização da energia solar assinala-se uma insolação (horas de sol descoberto) bastante elevada, das mais altas do país e da Europa.

# Energia Solar

Na estação meteorológica de Oeiras/Sassoeiros registam-se em média cerca de 2.900 a 3.000 horas anuais. A fraca ocorrência de nebulosidade no Concelho reforça as boas condições naturais para a utilização da energia solar.

#### Insolação

O número de horas de sol chega a ser superior a 300 horas mensais, nos meses do verão, conforme se mostra na figura seguinte.

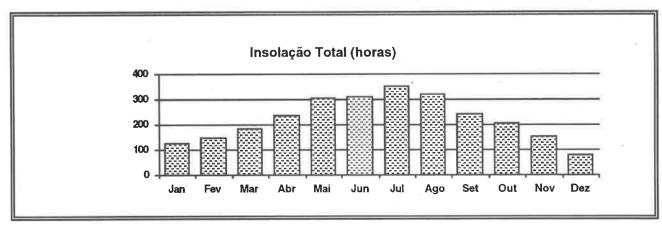


Figura IX-2: Número médio de horas de sol por mês em Oeiras.



#### Energia Eólica

Relativamente às condições naturais para a possível utilização da energia eólica constata-se que os ventos na zona sopram de forma bastante descontínua e irregular, por vezes em rajada forte, o que dificulta a sua utilização. O rumo de ventos que apresenta maior frequência é o de Norte (43,4%), com uma velocidade média de 16,2 Km/h.

#### Parâmetros Térmicos

Atendendo a que uma parte importante da energia (cerca de 20%, a nível nacional) é destinada a ser utilizada nos edifícios, os parâmetros térmicos que se verificam no concelho são relevantes para o conforto climático nas habitações e constituem um referencial obrigatório para a poupança de energia através de projectos ambientalmente mais adaptados.

#### Verão

Trata-se de uma zona com verões relativamente quentes. Em cerca de 100 a 120 dias por ano a temperatura máxima diária é superior a 25ºC e a temperatura média das máximas do mês mais quente situa-se entre os 29ºC e os 32ºC.

# Inverno

Os invernos em Oeiras são dos mais tépidos da Europa. A temperatura média diária das mínimas do mês mais frio é superior a 6ºC. Porém se não houver fortes considerações energéticas no projecto dos edifícios, as temperaturas de inverno provocam desconforto acentuado.

# 2.2 Abastecimento e Consumo Energético no Concelho

## 2.2.1 Electricidade

# Cobertura quase total

O concelho encontra-se praticamente todo servido por energia eléctrica. As estatísticas mais recentes da Direcção Geral de Energia (1990) apontam porém para que cerca de 480 pessoas não estejam ainda ligadas à rede de abastecimento. Supõe-se que esta população não servida resida em habitações precárias e em vias de realojamento.

Toda a energia eléctrica consumida em Oeiras provem da rede pública nacional, com a excepção da pequena quantidade autoproduzida por



particulares. A energia é distribuída pela EDP (Electricidade de Portugal) que utiliza a rede de distribuição local, propriedade da autarquia.

#### Que Consumidores?

O número de consumidores de energia é claramente dominado pelos utilizadores domésticos (91%). O número de consumidores industriais representa unicamente 1% enquanto o número de consumidores associados a usos agrícolas se fica pelos 0,1% do total. O sector terciário e outros não incluídos nos anteriores representam cerca de 7% do número total.

#### Estrutura de Consumo

Relativamente às quantidades consumidas em 1990, os usos domésticos consomem também a maior fatia com uma percentagem de 41,3% da energia eléctrica. Segue-se-lhe o grupo "usos industriais e elevação de água para usos municipais" com cerca de 26% (ver Figura XIX-3).

# Evolução do Consumo

A evolução do consumo total de energia eléctrica no concelho não tem parado de crescer, verificando-se um significativo aumento de 36% no período de tempo de 1985 a 1990.

#### 725 KWh / ano / Oeirense

No sector doméstico o consumo cresceu 25%. Cada pessoa no Concelho de Oeiras consumiu assim neste sector, em 1990, cerca de 725 KWh por ano, o que é bastante superior à média nacional que ronda os 600 KWh.

O grande responsável pelo crescimento global verificado no concelho é o tipo de consumidor "Iluminação e outros usos não domésticos" que inclui o sector terciário. Registou-se agui um aumento de 117% no intervalo de tempo acima referido.

Surpreendentemente os usos agrícolas apresentam o maior aumento relativo, com 175%. Em termos absolutos este aumento é porém pouco significativo pois em 1985 a quantidade de energia eléctrica consumida na agricultura era muito reduzida.



Tipo de Consumidor	Consumo em KWh	% Relativa
Iluminação e outros usos Domésticos	108.780.771	41,3
Iluminação e outros usos Não Domésticos (Sector	63.960.982	24,4
Terciário, etc) Iluminação interior de edifícios do Estado dos Corpos Administrativos ou de outras entidades de utilidade	13.559.006	5,2
pública Cozinha e aquecimento com contador próprio	3.019.237	1,2
Usos Industriais e elevação de água para usos municipais	68.807.388	26,2
	248.673	0,1
Usos agrícolas	4.164.643	1,6
Iluminação das Vias Públicas TOTAL no Concelho de Oeiras	262.530.690	100,0

Fonte: Direcção-Geral de Energia.

Figura IX-3: Consumos absolutos e relativos de energia eléctrica por tipo de consumidor no Concelho de Oeiras, no ano de 1990.

Tipo de Consumidor	Variação do Consumo entre 1985 e 1990 em KWh	% de Variação no Sector entre 1985 e 1990
Iluminação e outros usos Domésticos	+ 20.332.607	+ 23%
Iluminação e outros usos Não Domésticos (Sector Terciário, etc)	+ 34.465.374	+ 117%
Iluminação interior de edifícios do Estado dos Corpos Administrativos ou de outras entidades de utilidade	+ 3.491.041	+ 34%
pública  Cozinha e aquecimento com contador próprio	+ 421.604	+ 16%
Usos Industriais e elevação de água para usos	+ 11.191.474	+ 19%
municipais	+ 158.301	+ 175%
Usos agrícolas	+ 677.978	+ 19%
Iluminação das Vias Públicas  TOTAL no Concelho de Oeiras	+ 70.738.379	+ 36%

Fonte: Direcção-Geral de Energia.

Figura IX- 4: Variação do consumo de energia eléctrica entre 1985 e 1990.

# 2.2.2 Gás

**Dois tipos** 

Presentemente são distribuídos no concelho dois tipos de gás: Butano e Propano. O gás natural irá ser introduzido no futuro próximo.



#### O Butano

O gás butano é vendido em botijas em diversos postos de comercialização, obrigando ao seu transporte, instalação individual e troca posterior, num processo pouco prático.

# O Propano

O propano é fornecido em grande garrafas ou mais frequentemente através de uma rede a partir de depósitos que servem um conjunto de edifícios. Para o consumidor é um sistema bastante mais prático pois a gestão do grande depósito é da responsabilidade de uma empresa.

Ambos os gáses são utilizados para o aquecimento de água, confecção de alimentos e aquecimento do interior dos edifícios. São ambos obtidos a partir do petróleo.

#### Consumos

A utilização de gás butano no concelho encontra-se praticamente estável, sendo os valores de 1994 muito próximos dos níveis de 1985. Por outro lado, o consumo de propano tem aumentado bastante, sendo em 1994 o dobro de 1985.

	Consumo em 1985	Consumo em 1994
Gás Butano	6.410	6.510
Gás Propano	5.441	11.837

Fonte: Direcção-Geral de Energia.

Figura IX-5: Evolução do consumo de gás butano e propano no Concelho entre 1985 e 1994, expresso em toneladas.

#### Gás Natural no Futuro

A introdução do gás natural no Concelho de Oeiras está dependente da sua introdução em Portugal. As previsões apontam para que o inicio ocorra em 1997 e que a médio prazo todo o Concelho esteja abastecido. A rede local de distribuição prevista terá uma extensão total de cerca de 80 Km. Presentemente estão já executados 28,7 Km.

A rede já executada está a ser utilizada até à introdução do gás natural para a distribuição de gás propanado a partir das instalações existentes em Vila Fria.



Desde 1991 todos os edifícios novos ou reconstruidos têm de possuir o chamado "Projecto de Abastecimento de Gás" e instalar a respectiva rede interna ao edifício. Para os edifícios construidos antes de 1991 existem alguns apoios para a instalação da rede interna de gás.

# 2.2.3 Combustíveis Líquidos e Sólidos

Os combustíveis líquidos são derivados do petróleo e utilizados quase exclusivamente no sector dos transportes e, em menor parte, na indústria.

Existe informação compilada pela Direcção Geral de Energia sobre a quantidade de combustíveis líquidos vendidos em postos localizados no interior do Concelho de Oeiras, que a seguir se indica. Uma parte destas quantidades pode porém não ser consumida por munícipes de Oeiras, devendo os números ser interpretados com o devido cuidado.

# Gasolina Super

Desde 19985 a venda de gasolina super com chumbo tem aumentado cerca de 15% ao ano. Em 1994 a quantidade vendida foi cerca de 2,3 vezes superior ao verificado em 1985.

ANO	1980	1985 1990		1994
QUANTIDADE	16.473	14.888	22.238	35.094

Fonte: DGE, 1996.

Figura IX-6: Evolução da venda da Gasolina Super com chumbo, expressa em toneladas.

#### Gasolina Normal

Verificou-se a progressiva redução e a suspensão a partir de 1993 da gasolina normal com chumbo.

ANO	1980	1985 1990		1994
QUANTIDADE	2.232	641	313	0

Fonte: DGE, 1996.

Figura IX-7: Evolução da venda da Gasolina Normal com chumbo, expressa em toneladas.

#### Sem Chumbo 95

Ao contrário da gasolina anterior, a gasolina sem chumbo com 95 IO obteve uma venda exponencial a partir da sua introdução em 1990.



ANO	1980	1985	1990	1994
QUANTIDADE	0	0	158	12.890

Fonte: DGE, 1996.

Figura IX-8: Evolução da venda da Gasolina Sem Chumbo (95 IO), expressa em toneladas.

#### Sem Chumbo 98

A gasolina sem chumbo de 98 IO só foi introduzida em Oeiras em 1993. A evolução da sua venda tem sido igualmente de forma exponencial.

ANO	1980	1985 <u>1993</u>		1994
QUANTIDADE	0	0	1.976	7.217

Fonte: DGE, 1996.

Figura IX-9: Evolução da venda da Gasolina Sem Chumbo (98 IO), expressa em toneladas.

#### Gasóleo

O valor de 1980 é anormalmente elevado comparado com anos próximos. O ano de menor consumo é 1985, verificando-se desde então elevado crescimento até ao presente.

ANO	1980	1985	1985 1990	
QUANTIDADE	58.718	16.644	23.651	35.333

Fonte: DGE, 1996.

Figura IX-10: Evolução da venda do Gasóleo, expresso em toneladas.

#### Fuelóleo

Trata-se de um combustível líquido associado à produção industrial. O consumo decaiu drasticamente em Oeiras entre 1982 e 1983, tendo-se desde então mantido a um nível praticamente constante.

ANO	1980	1985 1990		1994
QUANTIDADE	16.817	4.023	4.528	4.104

Fonte: DGE, 1996.

Figura IX-11: Evolução da venda do Fuelóleo, expresso em toneladas.

#### Petróleo

O petróleo é por exemplo utilizado em motores de rega e para a iluminação através de candeeiros domésticos quando não existe





energia eléctrica. O seu consumo no Concelho tem decrescido drasticamente.

ANO	1980	1985	1990	1994
QUANTIDADE	988	181	27	3

Fonte: DGE, 1996.

Figura IX-13: Evolução da venda do Petróleo, expresso em toneladas.

# Resumo do Consumo de Combustíveis Líquidos

Os valores acima indicados expressam um grande crescimento no consumo dos combustíveis líquidos associados ao sistema de transportes (ao automóvel individual).

Relativamente à produção industrial o consumo tem-se claramente, tornando o significado dos muito combustíveis líquidos neste sector bastante reduzido.

No computo geral dos dois sectores (transporte e indústria) o consumo dos combustíveis líquidos tem-se mantido relativamente estável desde 1980 até ao presente

# 630 Kg / ano / Oeirense

Cada munícipe consome anualmente em média 630 Kg de combustíveis líquidos.

# Combustíveis Sólidos

Enquadram-se neste âmbito as lenhas e o carvão. São utilizados sobretudo no aquecimento doméstico (lareiras e fogões), tendo por isso aplicação sazonal.

Estima-se que a grande parte das moradias existentes em Oeiras usem este tipo de aquecimento nos meses frios de Novembro a Março. As cargas ambientais colocadas por cada unidade são reduzidas.

# Ausência de Informação

No entanto o efeito poluente de conjunto pode ser relevante. A queima em cada unidade ocorre sem qualquer tipo de controle, podendo também ser utilizados produtos que provoquem gáses tóxicos na sua combustão, como sejam os plásticos e outros produtos com elevado poder calorífico.



Não existem dados sobre as quantidades de lenha e de carvão queimadas no Concelho de Oeiras, pois a comercialização ocorre através de pequenas empresas privadas que operam a nível de toda a Linha de Cascais e mesmo da AML.

# 2.3 Energias Alternativas

As energias alternativas possuem fraguíssima utilização no Concelho de Oeiras e reduzem-se quase só à energia solar.

# Energia Solar

Como referido no ponto 2.1, Oeiras possui muito boas condições naturais para a utilização da energia solar, com cerca de 3.000 horas/ano.

#### **Painéis**

A utilização da energia solar para o aquecimento de água ocorre sobretudo em habitações unifamiliares, mas em número bastante reduzido.

A instalação do sistema custa entre 400 a 500 contos, tornando esta alternativa financeiramente pouco atraente relativamente ao aquecimento por gás, apesar de possuir alguns incentivos fiscais.

#### **Edifícios**

Projectos de edifícios energeticamente eficientes apresentam grandes potencialidades para a poupança de energia.

#### Energia Eólica

A energia do vento quase não é utilizada no Concelho. Existem só alguns casos muito pontuais de sistemas de bombagem de poços por meio de ventoinhas.

# 2.4 Efeitos Ambientais

A grande percentagem da energia consumida em Oeiras é de origem fóssil e portanto não renovável, existente em quantidades limitadas e muito dependente de importações.

#### **A Montante**

Trata-se de um exemplo típico em que se está a consumir o 'capital' natural em vez dos seus 'juros' colocando pressões sobre os recursos naturais.

#### A Jusante

As emissões geradas estão sobretudo associadas ao consumo de energia no sistema de transportes individual. A combustão dos





produtos derivados do petróleo gera emissões de CO, CO2, SO2, NOx, partículas em suspensão e metais com efeitos ambientais locais e globais e sobre a saúde humana.

O dioxido de carbono (CO2) é o maior contribuidor para o efeito do aquecimento global do planeta. O dióxido de enxofre (SO2) e os óxidos nítricos (NOx) provocam as chuvas ácidas e, em conjunto com as partículas em suspensão e os metais, geram má qualidade do ar.

#### Sobre o AR

A cadeia de causas e consequências das consequências ambientais geradas pelos combustíveis fósseis pode ser esquematizada da seguinte forma (1):

- Combustão ---> Aumenta os níveis de gáses que provocam o feito de estufa ---> Efeitos climáticos.
- Combustão ---> Emissão de partículas e poeiras, CO, CO2, SO2, NOx, CH4, pequenas quantidades de metais pesados ---> Má qualidade do ar, chuvas ácidas e aquecimento global.
- Armazenamento e transporte dos combustíveis fósseis ---> Risco de derrames, explosões e incêndios.

# Sobre a ÁGUA

Relativamente ao elemento natural água, a cadeia de causas e consequências geradas pelos combustíveis fósseis é a seguinte:

- Produção de energia eléctrica ---> Libertações térmicas que conduzem ao aumento da temperatura da água do meio receptor.
- Emissões de NOx e SO2 ---> Deposição ---> Acidificação e eutrofização de corpos de água.
- Depósitos de carvão a céu aberto ---> Poluição da água.
- Derrames de petróleo ---> Poluição da água.

#### Sobre o SOLO

Os impactes sobre o solo podem ser resumidos do seguinte modo.

<sup>(1)</sup> Fonte: Adaptado de Europes's Environment - The Dobris Assessment, European Environment Agency, pag. 402, Copenhaga, 1995.



- Actividade de extracção dos combustíveis, centrais de produção e transformação de energia e pipelines ---> Intrusão física ---> Pressão sobre o recurso solo.
- Deposição no solo de componentes acidificantes ---> Aumento da acidez do solo.
- Actividade mineira para extracção do carvão ---> Geração de grandes quantidades de resíduos sólidos ---> Contaminação e ocupação do solo.

# Sobre a Paisagem

Sobre a paisagem e sistema natural em geral os impactes são basicamente os seguintes.

- Prospecção e extracção de combustíveis fósseis ---> Perturbação de habitats naturais e de áreas naturais.
- Deposição de elementos acidificantes ---> Acidificação ---> Impactes sobre a fauna e flora.
- Acidentes na produção e comercialização do petróleo ---> Ameaças à vida de espécies selvagem e zonas costeiras.
- Minas, centrais de produção de energia eléctrica, equipamentos de transporte ---> Impactes visuais sobre a paisagem.

#### 3. **ENERGIA EM USOS MUNICIPAIS**

No desempenho das suas actividades, os diversos departamentos e serviços da Câmara consomem recursos energéticos tais como energia eléctrica (iluminação do interior dos edifícios e aquecimento) e combustíveis líquidos (por exemplo na frota municipal).

Por outro lado a Câmara Municipal e os Serviços Municipalizados de Agua e Saneamento prestam serviços públicos que consomem energia (iluminação das vias públicas e elevação de água para distribuição).

#### Dar o Exemplo

As autarquias locais encontram-se perante o desafio de dar o exemplo na poupança e utilização racional dos recursos energéticos. Deve ser um assunto a aprofundar no futuro.

# RUÍDO



As limitações acima referidas são feitas com base no valor médio do nível sonoro do ruído ambiente L50 dB (A), de acordo com a tabela seguinte:

	Locais que satisfaçam os seguintes níveis sonoros:
Locais Pouco Ruidosos	• L50 < 65 dB (A) entre as 7 e as 22h; e
Huldosos	• L50 < 55 dB (A) entre as 22 e as 7h.
Locais	Locais que não estejam contemplados na definição de locais pouco ruidosos e que satisfaçam:
Ruidosos	L50 < 75 dB (A) entre as 7 e as 22h; e
	L50 < 65 dB (A) entre as 22 e as 7h.
Locais Muito Ruidosos	Locais que não estejam contemplados nas definições de locais pouco ruidosos e de locais ruidosos.

Este diploma estabelece ainda requisitos construtivos relativamente ao Índice de Isolamento Sonoro das fachadas dos edifícios em função da classificação da zona em causa.

#### 2. QUALIDADE DO AMBIENTE SONORO EM OEIRAS

Uma das razões por vezes referidas para a escolha de Oeiras como local de residência é o seu ambiente calmo e sossegado, ao contrário da imagem de ambiente ruidoso em regra associado à cidade de Lisboa e a outras zonas da AML.

#### Bom, mas?

Uma forma de avaliação da qualidade do ambiente sonoro um pouco mais concreta que a anterior consiste na observação das queixas apresentadas pela população.

# 2.1 Queixas sobre a Qualidade do Ambiente Sonoro

Os dados registados na Direcção Regional do Ambiente e Recursos Naturais de Lisboa e Vale do Tejo sobre o número de queixas referentes ao ruído apontam para que o Concelho de Oeiras corresponda cada vez menos à imagem de uma zona suburbana predominantemente residencial.

# Elevada % de queixas

De facto, no ano de 1994, as queixas referentes ao ruído ascenderam a quase 25% de todas as queixas na sub-região da Grande Lisboa Norte,



representando tanto a área do Concelho como o número dos seus habitantes, relativamente à sub-região, valores bastante distantes desta percentagem.

	1990	1991	1992	1993	1994	1995
Concelho de Oeiras	17	13	13	13	24	4
Sub-Região Grande Lisboa Norte	180	163	65	86	105	79
Região de Lisboa e Vale do Tejo	225	207	92	119	150	116

Fonte: Direcção Regional do Ambiente e Recursos Naturais de Lisboa e Vale do Tejo, Disponibilização de Dados para o Projecto Oeiras 21, Lisboa 1996.

Figura X-1: Número de reclamações de ruído em Oeiras de 1990 a 1995.

Para além de razões objectivas para a elevada proporcionalidade de queixas no Concelho de Oeiras será que poderá também estar associada uma eventual maior sensibilidade da população para os problemas ambientais?

As fontes emissoras que motivaram em Oeiras as reclamações acima indicadas são geralmente actividades comerciais, tais como bares, cafés, restaurantes, talhos, etc. Nestas estatísticas não está incluído o ruído proveniente do tráfego.

# 2.2 Ruído Associado ao Tráfego

O tráfego rodoviário e ferroviário representam a maior fonte de ruído do Concelho. Como é lógico, as zonas residenciais mais próximas das vias de tráfego mais intenso são as mais afectadas. Encontram-se neste caso, por exemplo:

# Piores Locais:

- As habitações localizadas ao longo da Estrada Marginal, com especial incidência no Dafundo, Cruz Quebrada e Paço de Arcos;
- As zonas residenciais envolventes às principais vias de acesso à Auto-Estrada, nomeadamente da Rua da Figueirinha na Vila de Oeiras, na rua principal de em Porto Salvo e em Linda-a-Velha;
- As habitações dos arruamentos mais movimentados dos núcleos antigos, como seja da Rua Cândido dos Reis em Oeiras, ou das várias ruas do centro de Algés e de acesso à rotunda e à CRIL.



 As habitações mais próximas da Auto-Estrada (A5) inseridas nos aglomerados da Ribeira da Laje, Linda-a-Pastora (faixa junto ao Rio Jamor) e zona sul de Carnaxide.

# Medições de Ruído de Tráfego Rodoviário

No âmbito do presente trabalho efectuaram-se medições dos níveis de ruído diurno e nocturno em alguns pontos do Concelho que confirmaram existirem em determinadas zonas valores de ruído muito elevados. Por exemplo:

Ponto	Local	L50 Diurno (dB)	L50 Nocturno (dB)
1	Junto ao Aquário Vasco da Gama, adjacente à Estrada Marginal	75,2	72,6
2	A cerca de 25 metros da Marginal, próximo do Aquário Vasco da Gama	68,2	63,6
3	Cruzamento da Marginal com a Rua Clemente Vicente (Dafundo)	79,4	77,8
4	Núcleo antigo de Paço de Arcos, em frente do café "Casa dos Cacetes"	64,2	62,4
5	Núcleo antigo de Oeiras, Rua Cândido dos Reis e Largo da Igreja	67,4	65,6
6	Rua de acesso ao nó de Oeiras, no bairro da Figueirinha	68,8	66,8

Figura X-2: Resultado de medições de níveis sonoros no Concelho.

#### Ruído do Comboio

Relativamente ao ruído provocado pelo tráfego ferroviário, julga-se que ele gera menores impactes negativos que o rodoviário. Encontra-se bastante mais delimitado geograficamente, não ocorre durante várias horas no período nocturno e a população atingida é sensivelmente menor. No entanto, há que ter em conta que este pequeno grupo de pessoas pode ser bastante afectado.

#### 2.3 Lacunas de Conhecimentos e Recomendações

Existem poucos dados para se efectuar um diagnóstico mais pormenorizado sobre a qualidade do ambiente sonoro do Concelho de Oeiras.



Na maioria das áreas residenciais os níveis de ruído parecem ser reduzidos, correspondendo a zonas não ruidosas. Existem no entanto zonas habitacionais expostas a níveis elevados, classificáveis de acordo com a legislação em vigor, como sendo zonas ruidosas ou mesmo muito ruidosas.

# Recomendações

Para colmatar a carência de informação e permitir intervenções dirigidas para os locais mais problemáticos julga-se que seria recomendável efectuar:

- A caracterização da qualidade do ambiente sonoro do Concelho, fazendo para isso medições de ruído de acordo com uma grelha de pontos de levantamento.
- Com base nestas medições, deveria efectuar-se um zonamento do Concelho referente à situação existente do ruído, atribuindo três categorias diferentes de acordo com os parâmetros definidos na legislação nacional: zonas não ruidosas, zonas ruidosas e zonas muito ruidosas.

# SISTEMA DE TRANSPORTES

# Agradecimentos

O presente documento teve a preciosa colaboração do Departamento de Planeamento e Gestão Urbanística, e do Gabinete de Desenvolvimento Municipal da C.M.O., nomeadamente dos técnicos Engº. Marçalo Alves, Engª Anabela Alcobia, Drª Maria João Beça, Arqº Eugénio Graça e Arqº Augusto Couto.



metros, e algumas zonas próximo de linhas de autocarros com serviços mais frequentes.

# Em Oeiras zonas de Elevada Acessibilidade em Tl

As zonas com elevada acessibilidade em TI estão sem dúvida junto aos 4 nós da Auto-Estrada A5 (nó de Oeiras, nó do Estádio Nacional, nó de Linda-a-Velha e Carnaxide e nó da CRIL) e das principais vias de acesso a esses nós assim como em alguns locais junto à estrada marginal (E.N.6).

# Duas Opções

Existem basicamente duas opções no referente à correcta articulação entre tipos de acessibilidade e tipos de actividades.

# Opção 1:

Ou se localizam as actividades geradoras de elevada densidade de viagens (universidades, parques de ciência, parques de escritórios, zonas residenciais de alta densidade, centros comerciais, etc) em zonas ainda com espaços intersticiais já servidas por TP de elevado nível de serviço (por exemplo, junto às estações da CP no caso de Oeiras).

# Opção 2:

Ou se instala posteriormente um sistema de transportes públicos de grande qualidade para servir os locais que por opções estratégicas receberam antecipadamente actividades com elevadas exigências de acessibilidade em TP.

#### Presentemente em Oeiras

Em Oeiras presentemente, não tendo sido possível a Opção 1, também ainda não se atingiu a Opção 2, pelo que é de importância estratégica para a mobilidade sustentada que se procure acertar a correspondência entre os dois aspectos. Neste sentido parece imprescindível a instalação de um eficiente sistema de TP para servir grandes geradores de tráfego tais como o Tagus Park, a Universidade Atlântica ou a Quinta da Fonte.

# 2.2 Quadro de Origens e Destinos das Deslocações

# 58% para Fora e 42% Dentro

Cerca de 58% da população de Oeiras (as estatísticas referem-se só aos estudantes e aos activos com profissão) desloca-se diariamente para fora do Concelho. O seu destino é sobretudo Lisboa (45% do



Porém, se a viajem tiver por destino o exterior do Concelho, o que acontece à maioria da população, a duração média da ida e volta passa para quase duas horas (1 hora e 50 minutos). No interior do Concelho, as viagens de ida e volta têm em média a duração de 35 minutos.

#### 6 Horas/Semana

Por semana, um Oeirense perde assim cerca de 6 horas em meios de transporte para ir trabalhar ou estudar. Este valor é muito elevado e equivale quase ao número de horas de um dia de trabalho.

#### LEVANTAMENTO DOS PRINCIPAIS ESTRANGULAMENTOS DA REDE 3. VIÁRIA, TRÁFEGO E ESTACIONAMENTO EM OEIRAS

# Três problemas muito grandes e três bastante grandes

Os principais estrangulamentos da rede viária, tráfego e estacionamento existentes no concelho vão ser agrupados no presente diagnóstico em dois níveis, de acordo com a gravidade da situação, dimensão e urgência de resolução:

- Nível 1: Problemas Muito Graves
- Nível 2: Problemas Graves

No nível 1 estão três locais: A rede urbana de Algés, os acessos ao Nó de Linda-a-Velha/Carnaxide da Auto-Estrada A5 e o atravessamento de Porto Salvo, que se abordam de seguida.

No nível 2 identificam-se também três aspectos: Os núcleos históricos das vilas de Oeiras e Paço de Arcos, a carência da Via Longitudinal Norte e a acessibilidade ao aglomerado de Queijas.

# 3.1 Algés: Problema Muito Grave

#### Rede em Rotura

A rede arterial urbana do núcleo central de Algés está em ruptura devido às grandes cargas de tráfego (motorizado e pedonal) existentes. Isto deve-se ao grande potencial gerador próprio do aglomerado (é um polo de primeira ordem no Concelho), e também ao importante fluxo de atravessamento, fruto de várias insuficiências da rede viária municipal.





A situação é agravada por outros factores importantes tais como a sobrecarga excessiva de estacionamento na via pública (diurno e nocturno), a localização próxima de um grande interface inter-modal (rodo e ferroviário) de transportes colectivos de passageiros e a proximidade e articulação da malha urbana com importantes vias de nível metropolitano (Estrada Marginal e C. R. I. L.).

# 3.2 Possíveis Estratégias de Intervenção para Algés

Está presentemente em fase de conclusão um estudo integrado e sistémico de toda a problemática da circulação urbana (automóvel e pedonal) e estacionamento denominado de "Estudo de Ordenamento da Circulação e do Estacionamento em Algés".

# Do Transporte Individual para o Colectivo

As propostas prévias deste Estudo apontam inequivocamente para a necessidade de se proceder a uma significativa transferência modal dos volumes de passageiros do transporte individual para o transporte colectivo, como única forma de resolver os problemas de circulação diagnosticados.

#### Início de Concretização

Está em curso o início da concretização de algumas medidas que facilitam esta transferência modal, nomeadamente o projecto de reordenamento do eixo viário principal de Algés (Alameda Salvador Allende e Rua Damião de Góis), com a criação de melhores condições de circulação para os transportes públicos.

De entre as medidas que será necessário implementar incluem-se corredores reservados a TP, semaforização das intersecções, novas ilhas de paragem, melhores acessos ao terminal e semaforização actuada automaticamente pelos novos eléctricos articulados.

#### ao Nó de Linda-a-Velha/Carnaxide da Auto-Estrada A5: 3.3 **Problema Muito Grave**

# Grande Congestão nas Vias Urbanas

A rede viária urbana (Av. 25 de Abril, em Linda-a-Velha, e Av. do Forte, em Carnaxide) já há muito que está sem capacidade de escoamento para os elevados volumes de tráfego debitados por este Nó viário, o qual sofreu recentemente uma reformulação no sentido de um



significativo aumento da sua capacidade e segurança, originando assim situações de congestionamento muito frequentes nas artérias referidas.

# Crescimento e Terciarização

O rápido crescimento da ocupação urbanística na área de influência exclusiva deste nó, nomeadamente com acentuada terciarização em Carnaxide, Miraflores e, mais recentemente, também em Linda-a-Velha, sem a correspondente modernização das infraestruturas viárias urbanas contribui para que a capacidade de escoamento destas artérias esteja esgotada.

O alargamento das vias é porém quase impossível devido aos constrangimentos muito fortes da sua inserção em meio urbano consolidado.

# Nó de Monsanto incompleto Agrava Problemas

Pode-se afirmar que o agravamento desta situação é devido a insuficiências estruturais da rede viária de nível supra-municipal, nomeadamente por motivo da falta de nós alternativos próximos e de algumas conexões fundamentais no Nó de Monsanto (entre a C. R. I. L. e a A 5), em especial a não existência das ligações Lisboa--Algés, Cascais--Algés e Algés--Cascais. Isto provoca uma sobrecarga desnecessária da malha urbana de Linda-a-Velha (em particular do cruzamento da Av. 25 de Abril com a Alameda António Sérgio) por parte deste tráfego de atravessamento.

# Situação no Limite

Atingidos os limiares de capacidade das infraestruturas rodoviárias que asseguram a acessibilidade externa dos aglomerados de Carnaxide, Linda-a-Velha e Miraflores torna-se imperioso a ponderação das tendências de expansão urbana actuais e a tomada de medidas correctivas no sector dos transportes.

#### Possíveis Estratégias de Intervenção para os Acessos ao Nó de Linda-3.4 a-Velha/Carnaxide

# Implementar Estudo Aprovado

Recentemente a C.M.O. aprovou o "Estudo de Reordenamento da Circulação na Av. 25 de Abril, em Linda-a-Velha, e na Av. do Forte, em Carnaxide". A sua implementação é desejável, embora só possa





contribuir para minimizar parcialmente os principais problemas existentes.

# Dar Muito Maior Importância ao Transporte Colectivo

É necessário reequacionar todo o actual sistema de deslocações pendulares na zona oriental do Concelho, de forma a racionalizar a utilização das infraestruturas existentes e futuras e a conferir progressivamente uma muito maior importância ao transporte colectivo face ao transporte individual.

# Acessos Alternativos à A5

A população e emprego localizados na área de influência deste nó leva a que se devam considerar novos acessos alternativos à A5, designadamente nas ligações para (e de) Lisboa.

#### Travessia de Porto Salvo: Problema Muito Grave 3.5

# **Grande Congestionamento**

O atravessamento desta localidade por uma rodovia (a E. N. 249-3) muito solicitada em termos de tráfego provoca situações diárias de congestionamentos graves, com perdas de tempo muito significativas e longas filas de espera, por motivo da insuficiência de capacidade da estrada no interior do núcleo urbano (perfil transversal reduzido).

# Estrangulamento no Desenvolvimento Noroeste do Concelho

Esta situação induz uma importante restrição à acessibilidade de toda a zona Noroeste do Concelho (Porto Salvo, Talaíde--Leião, Parque de Ciência e Tecnologia, etc.), constituindo assim um grave estrangulamento ao seu normal desenvolvimento, nos moldes previstos no Plano Director Municipal.

# Problemas Ambientais e de Segurança

Por outro lado, os elevados volumes de tráfego que atravessam a localidade de Porto Salvo, a praticamente todas as horas do dia, provocam uma considerável deterioração da qualidade de vida das populações e também do ambiente natural (poluição aérea e sonora) do local, tendo ainda efeitos negativos em termos de segurança rodoviária.



#### Possíveis Estratégias de Intervenção para a Travessia de Porto Salvo 3.6 Variante a Porto Salvo

A solução para este problema é a construção de uma Variante a Porto Salvo, na E. N. 249-3, permitindo assim desviar do interior deste aglomerado todo o tráfego de passagem, que representa uma percentagem muito elevada do tráfego total neste trecho.

Esta Variante, a cargo da J. A. E. dado tratar-se de uma via integrada na rede nacional (segundo o P. R. N. em vigor), está já em fase de Projecto de Execução, prevendo-se para breve a sua implementação.

# Transportes Colectivos em Sitio Próprio (TCSP)

Uma outra estratégia de intervenção complementar da anterior consiste em equacionar a possibilidade de instalação de um percurso de transportes colectivos moderno e eficiente em sítio próprio (eventualmente do tipo eléctricos rápidos) que faça a ligação entre o complexo do Parque de Ciência e Tecnologia e a linha de Comboios de Cascais e eventualmente de Sintra.

Este percurso de transportes colectivos deveria ser pensado para servir também todo o núcleo de Porto Salvo e áreas urbanas envolventes.

Neste cenário, o centro de Porto Salvo, hoje congestionado pelo automóvel, poderia ser pedonalizado e compatibilizado com os percursos de transportes públicos assim como com as viaturas de serviços e dos moradores.

#### A restante rede viária de Porto Salvo

Dadas as especificidades da rede viária urbana de Porto Salvo, com ruas muito estreitas e uma estrutura deficiente, será igualmente de tomar especiais precauções em termos da estruturação viária de todas as zonas de expansão previstas no P. D. M. para este aglomerado.

#### Núcleo Histórico das Vilas de Oeiras e de Paço de Arcos: Problema 3.7 Grave

# Atingida Saturação

Em ambas as vilas, as malhas urbanas antigas não possuem condições para uma utilização intensiva por parte do tráfego rodoviário e do estacionamento, tendo já sido ultrapassados os níveis de saturação.





# Algumas Consequências

elevado consequência, verificam-se situações de Em congestionamento de trânsito, a acessibilidade é reduzida, há carência de estacionamentos, insegurança rodoviária, poluição atmosférica e sonora e perda de atractividade para a localização de actividades económicas ou de residências.

#### Possíveis Estratégias de Intervenção para os Núcleos Históricos de 3.8 Oeiras e Paco de Arcos

# Elaboração de Estudos

As estratégias aqui referidas para lidar com os problemas existentes possuem quatro vertentes. A primeira refere-se à elaboração, já em curso, do "Estudo de Circulação e Estacionamento em Oeiras e Paço de Arcos" e, também, dos Planos de Pormenor para os dois Núcleos Históricos em causa.

# Pedonização e Restruturação Viária

A segunda abrange a restituição destas zonas ao peão e a funções claramente urbanas e mesmo turísticas, eliminando o seu atravessamento por vias de tráfego importantes. Isto implica uma restruturação viária e a eventual construção de vias periféricas a estas. zonas, do tipo "circular", ou em "anel".

# Transportes Públicos Eficientes

Aposta em transportes públicos eficientes e adequados, menos poluentes e mais atractivos do que os actuais, e em percursos pedonais protegidos, de modo a desincentivar o uso do automóvel particular em pequenos percursos.

# Transformação de Usos do Edificado

Ter atenção às transformações dos usos do edificado e um controle muito apertado sobre o desenvolvimento urbanístico destas zonas, de modo a evitar o agravamento do seu actual excesso de procura de tráfego e também de estacionamento na via pública.

# Carência da Via Longitudinal Norte: Problema Grave

#### Via para Articulação do Norte do Concelho

Com o desenvolvimento urbanístico da faixa interior do Concelho (a Norte da Auto-estrada), potenciado pela recente construção da autoestrada A-5 e assumido pelo P. D. M., torna-se cada vez mais





necessário e urgente dar uma resposta cabal, em termos de mobilidade, às crescentes relações de dependência dos aglomerados interiores do Concelho entre si e com as zonas envolventes.

Não sendo a estrutura actual da rede viária a mais adequada para este fim, dado reflectir ainda uma situação passada em que os eixos viários principais do interior do Concelho eram todos orientados na direcção Norte--Sul, rebatendo as deslocações para a linha férrea ou para a Marginal (e. mais recentemente, também para os Nós de acesso à Auto-estrada), é da máxima conveniência a implementação de uma nova artéria estruturante nesta zona, com um traçado paralelo à A-5.

# Principais Funções

Permite-se assim não só as ligações directas entre os diversos pólos geradores de tráfego situados a Norte da Auto-estrada --Outurela/Portela, Carnaxide, Queijas/Linda-a-Pastora, Barcarena/Leceia, Porto Salvo, Parque de Ciência e Tecnologia ("Taguspark"), etc. --, como igualmente se facilita as ligações dos mesmos ao exterior do Concelho.

Esta nova artéria fundamental da rede viária do Concelho deverá, deste modo, desempenhar na faixa interior do território municipal um papel semelhante ao que a Estrada Marginal desempenha na orla costeira, equilibrando assim a estrutura viária do Concelho face ao eixo de simetria constituído pela A 5.

# 3.10 Possíveis Estratégias de Intervenção para a Via Longitudinal Norte

Está presentemente em elaboração o Estudo Prévio desta infraestrutura que, tal como a Auto-estrada e a Marginal, irá atravessar também o Concelho de Cascais, com funções semelhantes.

Esta via deverá possuir características de traçado e limitações em termos de acessos adequadas às suas importantes funções na rede viária do Concelho.

#### Integração na Rede Existente

A integração desta via na rede existente (conceito e localização dos nós de acesso, condições marginais, etc.) deverá respeitar a hierarquização viária estabelecida pelo P. D. M., impedindo





nomeadamente que esta infraestrutura se transforme num eixo desestruturante, destorcendo os padrões actuais e previstos da ocupação do solo e não assegurando as necessárias condições de mobilidade ao longo do seu tempo de vida útil.

Não obstante, poderá vir a ser necessário reequacionar pontualmente o traçado previsto no P. D. M.. À luz da realidade actual e prevista, muito em particular na zona Nascente do Concelho onde se colocam as majores dificuldades à implantação da V. L. N., deve ser novamente equacionada a integração desta via no previsto trecho de ligação a Miraflores (atravessamento inferior ou superior da Auto-estrada) restabelecendo deste modo as funções distribuidoras da antiga Estrada de Circunvalação muito sacrificadas com a recente construção da CRIL.

# 3.11 Aglomerado de Queijas: Problema Grave

# Vias muito Estreitas

A rede viária de Queijas é muito deficiente em termos geométricos (arruamentos muito estreitos), o que provoca estrangulamentos vários por falta de capacidade.

# Grande Dependência de Único Acesso

O aglomerado está demasiado dependente, em termos de ligações ao exterior, do Nó da Auto-estrada A 5. A existência de um único acesso ao aglomerado provoca consequências negativas em termos do funcionamento da sua rede viária interna.

# 3.12 Possíveis Estratégias de Intervenção em Queijas

#### Ligação à V.L.N.

A solução para a grande dependência de Queijas de um único acesso passa pela construção do trecho médio da V. L. N. (Carnaxide--Porto Salvo) e do respectivo Nó de acesso a Queijas.

# Hierarquização da Rede de Queijas

Complementarmente, deverão ser maximizadas as potencialidades da rede viária interna da localidade, por meio do estabelecimento de uma adequada hierarquização viária, de um esquema de circulação optimizado e de um reordenamento do estacionamento na via pública (o que irá ser devidamente analisado no âmbito do "Estudo de





Circulação e Estacionamento em Queijas", a lançar brevemente pela CMO).

#### TRANSPORTES PÚBLICOS E INTERFACES 4.

# 4.1 Transportes Públicos

# De e para Lisboa Dominam

Como se refere no Plano Director Municipal (Programa Base) a actual rede de transportes públicos assenta num sistema que tem praticamente como única função assegurar a ligação dos diversos pontos dos aglomerados até Lisboa (e vice versa). Das 46 carreiras de autocarros existentes 44 têm como destino Lisboa, quer directo, quer através dos pontos de correspondência com o comboio.

# "Irrigação pela Linha de Cascais"

A linha do comboio de Cascais é a grande irrigadora do Concelho, por transportes públicos. Os autocarros fazem depois o rebatimento para o norte do Concelho, tendo vindo a ganhar importância à medida que aumenta a ocupação urbana do interior.

O PDM refere-se ao sistema de transportes públicos como tendo alguma analogia com o sistema hidráulico e linhas de água que desaguam na costa. Assim são também os TP a alimentar a linha de Cascais.

Para além da C.P. os restantes operadores de transportes são a Rodoviária de Lisboa, a Lisboa Transportes, a Carris e a Praia Mar. A Lisboa Transportes actua praticamente em toda a área do Concelho. A Carris serve a zona de Algés e Miraflores. A Praia Mar efectua a ligação entre Lisboa e Cascais.

#### 4.2 Interfaces

#### Sete Interfaces em Oeiras

Os principais interfaces multimodais no Concelho de Oeiras localizamse junto às sete estações ferroviárias existentes, sendo seis na Linha de Cascais e uma na Linha de Sintra (Tercena).

Por ordem de grandeza do fluxo de passageiros e do número / frequência de carreiras de transportes públicos, os interfaces podem ser ordenados e agrupados em dois níveis de importância.







Algés: Paco de Arcos e Oeiras Nível 1:

• Nível 2: Cruz Quebrada: Caxias: Santo Amaro e Tercena (L. Sintra)

> No primeiro grupo as estações são utilizadas por mais de 5.000 passageiros / dia útil ou servidas por mais de 6 carreiras de transportes públicos de passageiros. No segundo grupo as estações servem menor número de passageiros.

# 4.2.1 Interface de Algés

No Concelho de Oeiras, o interface de Algés é o único que se encontra dimensionado para o actual fluxo de utentes. A recente remodelação de foi alvo a praça D. Manuel permitiu melhorar as condições de transbordo entre os vários modos de transporte, criando infraestruturas de abrigo, de apoio e de informação aos utentes de transportes públicos.

Esta interface dispõe actualmente de uma capacidade de estacionamento de cerca de 1.000 lugares distribuídos por quatro bolsas de estacionamento na envolvente da Praça D. Manuel I, proporcionando deslocações do tipo "park-and-ride". No interface rodoviário de transportes públicos funcionam cerca de 14 carreiras.

# 4.2.2 Interface de Paço de Arcos

Este interface desenvolve-se presentemente ainda na envolvente da estação ferroviária, sem condições adequadas às necessidades de espaco de transbordo de utentes e de manobra de veículos de transportes públicos.

O impacte ambiental do interface é bastante penalizante na zona habitacional envolvente da estação, já que são consideráveis os níveis de poluição sonora e do ar.

# Novo Interface

O Plano de Pormenor da Zona do Interface de Paço de Arcos cria um novo terminal rodoviário a poente da estação, com parqueamento das carreiras de transportes de ligação aos aglomerados do interior do Concelho e à zona Sul de Paço de Arcos.



# Nova Estação

Ainda no âmbito do plano referido, a estação ferroviária será remodelada de modo a assegurar as condições adequadas para uma maior articulação entre os vários transportes intervenientes, públicos e privados, e proporcionar um melhor nível de conforto e segurança aos utentes.

Nesta remodelação prevê-se a criação de 10 paragens terminais para autocarros e um estacionamento público de 250 lugares, que articulados com outros parques de estacionamento poderão diminuir grande parte da procura de estacionamento nos arruamentos da envolvente da estação.

# 4.2.3 Interface de Oeiras

#### Deficiente Qualidade

O interface de Oeiras é um dos mais utilizados, mas possui estrutura funcional e operativa deficiente para apoio dos utentes de transportes públicos e individuais. Verificam-se aqui preocupantes níveis de insegurança quer rodoviária quer pedonal.

#### Estacionamento Escasso

O estacionamento do transporte individual efectua-se ao longo dos arruamentos na envolvente da estação ferroviária, onde apenas existe um pequeno parque de estacionamento ao longo da Alameda Fundição de Oeiras, a sul da estação ferroviária, e cuja capacidade é manifestamente insuficiente para os cerca de pelo menos 1.000 lugares de estacionamento estimados para satisfazer a procura.

# Terminais Desconfortáveis

Os terminais das carreiras de transporte público localizam-se nos passeios em redor do Largo Henrique Paiva Couceiro, não dispondo de condições de conforto e de apoio ao utente para a realização do transbordo rodo-ferroviário.

# Evolução

Em termos futuros, a evolução do funcionamento do interface de Oeiras está bastante relacionado com o plano de investimentos da CP na melhoria da oferta de transporte na Linha de Cascais. A construção da nova estação do Espargal e simultaneamente a prevista desactivação da estação de Santo Amaro assim como a significativa melhoria do



interface de Carcavelos, influenciam a evolução da procura na estação de Oeiras.

#### Concorrência de outros Interfaces

Com a criação do novo interface do Espargal e a melhoria do de Carcavelos será previsível um desvio de utentes para aí, prevendo-se que neste cenário as deslocações no interface de Oeiras serão inferiores às que se verificam actualmente. No conjunto, é previsível um aumento significativo dos utentes do comboio na Linha de Cascais motivado pela extensão do metropolitano ao Cais do Sodré.

# Possíveis Estratégias

No "Estudo dos Interfaces Multimodais de Oeiras e Espargal" perspectivam-se algumas estratégias para Oeiras que passam pela construção de estacionamentos de grande capacidade e pela reorganização do terminal rodoviário.

#### Grande Silo Automóvel

Salienta-se a oportunidade de poder construir um silo automóvel junto ao picadeiro de Oeiras, aproveitando o espaço superior para terminal rodoviário. Esta solução pressupõe acessos pedonais desnivelados entre a estação e o terminal rodoviário.

#### • Silo e Terminal na Quinta de S.António

Nesta solução, alternativa ou complementar da anterior, seria construído um silo automóvel na Quinta de Santo António e eventualmente transferido para aqui o actual terminal rodoviário.

# Espaço da Fundição

Uma outra oportunidade a equacionar refere-se à utilização de parte do espaco existente na Fundição de Oeiras, vizinha da estação ferroviária, para realizar um interface moderno e eficiente, nomeadamente com a criação de instalações de estacionamento de grande dimensão.

#### 4.2.4 Interface da Cruz Quebrada

# Reduzida Importância no Presente

Presentemente este interface possui uma importância relativamente reduzida e um espaço bastante acanhado. A estação da CP da Cruz Quebrada serve sobretudo as localidades de Cruz Quebrada e Queijas.

As três únicas carreiras que efectuam o rebatimento ao caminho de ferro naquela estação destinam-se a Queijas. Não existem carreiras







que efectuem ligação directa entre a estação ferroviária e a Cruz Quebrada, pelo que os utentes fazem este percurso a pé.

# No Futuro, Porta para o Complexo do Jamor

No futuro, com a implementação do plano do Complexo Desportivo do Jamor toda a zona envolvente da estação terá de ser objecto de remodelação de forma a articular com o desenvolvimento funcional da zona envolvente.

# 4.2.5 Interface de Caxias

# Fraca Conectividade aos Aglomerados

Em termos de oferta de transporte ferroviário, este interface assume uma importância semelhante à de Paço de Arcos. Contudo pode considerar-se de menor atractividade por razões que se prendem com a conectividade do aglomerado às restantes zonas do Concelho.

#### Interface Deficiente

O interface desenvolve-se na área envolvente da estação, sendo o palmeiral utilizado como parque de estacionamento de ligeiros. Junto ao edifício da estação localizam-se os dois únicos terminais de carreiras de transportes rodoviários.

#### **Potencialidades**

Embora não existindo ainda projecto aprovado de remodelação do interface, a localização e o espaço disponível na envolvente proporciona alguma capacidade para a melhoria de condições de transbordo dos utentes de transportes públicos e transporte individual, melhorando a funcionalidade do interface.

# 4.2.6 Interface de Santo Amaro

# Prevista Desactivação

De acordo com as intenções da CP está prevista a desactivação desta estação simultaneamente com a construção da nova estação do Espargal.

A estação de Santo Amaro tem uma área de influência bastante reduzida e que se sobrepõe à de Oeiras. Serve sobretudo o aglomerado próximo, Santo Amaro, e dispõe de apenas três carreiras de autocarros. De modo a minimizar os inconvenientes para a população dependente desta estação, está em estudo a instalação de







um caminho pedonal para a estação de Oeiras, localizada a cerca de 500 metros.

# Nova Estação e interface no Espargal

A nova estação do Espargal situa-se para Nascente e inserir-se-à numa zona de elevada densidade habitacional. No âmbito do Plano de Pormenor do Moinho das Antas, está previsto criar junto à estação um terminal rodoviário com capacidade para 6 terminais de carreiras e de uma zona de "park-and-ride" com cerca de 600 lugares para o estacionamento individual.

# 4.2.7 Interface de Tercena

# Reduzida Área de Influência em Oeiras

O interface de Tercena, na Linha de Sintra, possui uma área de influência no Concelho de Oeiras que se limita a pouco mais que as localidades de Tercena e Queluz de Baixo.

O maior fluxo de passageiros nesta estação dirige-se ao Concelho de Sintra (Massamá), daí que o interface se desenvolva sobretudo no lado norte da estação ferroviária, onde também estão os terminais rodoviários das carreiras que servem o Concelho de Oeiras. Do ladosul apenas se verifica algum estacionamento nas ruas envolventes da estação.

#### Potencial no Futuro

Com a implantação da Universidade Atlântica, onde se preveêm a médio prazo 3.000 alunos, localizada a cerca de 1 Km de distância, é previsível que a estação de Tercena aumente bastante a sua importância.

Relativamente ao desenvolvimento futuro da estação e do interface há que ter em conta este aspecto assim como os projectos de remodelação das estações ferroviárias da CP para a Linha de Sintra.

# 4.2.8 Conclusões sobre os Interfaces

# Baixa Qualidade

Os interfaces são em regra de reduzida qualidade, proporcionando aos utentes baixo nível de funcionalidade, segurança e conforto. As duas excepções referem-se ao interface já existente de Algés, ao futuro





interface de Paco de Arcos, em construção, e à futura estação de Espargal.

# Faltam Estacionamentos

Os estacionamentos de qualidade são sempre muito escassos desencorajando fortemente a complementaridade entre modos de transporte. Sistemas eficazes de "park-and-ride" ou de "Kkiss-and-ride" não existem ou são de baixa qualidade. Ir de carro de casa até à estação, deixar aí o carro e apanhar o comboio para Lisboa ou para Cascais é claramente preferível, por razões de sustentabilidade ambiental e económica, do que utilizar o automóvel em todo o percurso, geralmente até Lisboa ou Cascais.

# Não existem Parques para Bicicletas

O parqueamento para bicicletas ou outros velocípedes abrigados das condições meteorológicas e protegidos de actos de vandalismo não existe em nenhum interface do Concelho de Oeiras.

# Ligações com Autocarros podem ser melhores

As ligações em autocarros entre as estações de comboio e os locais de trabalho ou de residência podem ser melhoradas, nomeadamente na frequência, comodidade e fiabilidade do transporte.

#### Congestionamento

Os interfaces apresentam-se em regra congestionados nas horas de ponta.

#### Elevado Potencial a Curto Prazo

Com a articulação a curto prazo no Cais do Sodré da rede de metropolitano à linha de Cascais haverá um significativo acréscimo de atractividade para a utilização desta linha, pelo que é muito importante que os interfaces estejam à altura de satisfazer a nova procura apresentando novos níveis de qualidade e eficiência.

# Importância Estratégica

Neste sentido a melhoria clara dos interfaces representa uma oportunidade de importância estratégica para transferir utentes para o meio de transporte sobre carris e assim melhorar por um lado a acessibilidade de Oeiras a Lisboa (e às restantes zonas servidas pela linha de Cascais) e por outro lado minimizar as cargas ambientais.

# Oeiras e Espargal

De entre a necessidade de clara melhoria dos níveis de serviço dos interfaces apresenta especial urgência a reformulação e recuperação







do interface de Oeiras e a concretização da nova estação e interface do Espargal.

# Interface para o Tagus Park

Numa abordagem preliminar recomenda-se que, por razões funcionais e de disponibilidade de espaço, seja o interface de Oeiras ou do Espargal a efectuar o importante rebatimento para o TP que deverá servir o Tagus Park assim como as variadas actividades já existentes ou em fase de implantação nesse corredor.

#### CAMINHOS PEDONAIS E PISTAS DE BICICLETAS 5.

#### Quase Inexistentes

É muito reduzida a extensão dos caminhos pedonais e não existem pistas de bicicletas no Concelho.

#### Caminhos Pedonais

Os caminhos pedonais limitam-se quase só às pequeníssimas ruas pedonais do centro de Algés, de Oeiras ou de Leião. Junto à linha de costa encontra-se o inicio do passeio marítimo que presentemente liga a zona da praia da Torre à zona da Piscina Oceânica.

# Necessário Expandir

Torna-se necessário expandir a tímida rede pedonal existente, nomeadamente na orla costeira, no centro dos aglomerados urbanos, nos acessos às interfaces de transporte e nos acessos aos equipamentos escolares, formando sempre que possível uma rede articulada.

#### Pistas de Bicicletas

Partes do concelho não apresentam condições topográficas favoráveis à instalação de ciclovias enquanto outras dispõem de óptimas características. A zona costeira, para fins turísticos e de lazer, e a articulação com as estações do comboio, para utilização diária, são dois dos aspectos que merecem a maior atenção.

# Necessário Apoiar

De facto, a bicicleta é um meio de transporte de grande eficiência energética e ambientalmente sustentável, devendo por isso ser apoiado e fomentado sobretudo para as pequenas deslocações. As boas condições climáticas típicas de Oeiras também propiciam a sua utilização.







# 6. CONSEQUÊNCIAS AMBIENTAIS DO SISTEMA DE TRANSPORTES

# 6.1 Acidentes de Tráfego em Oeiras

# 12 Mortos e 114 Feridos Graves em 1995

No ano de 1995 morreram em Oeiras 12 pessoas e 114 ficaram gravemente feridas na sequência de acidentes de tráfego. Entre 1991 e 1995 morreram 40 pessoas, ficaram gravemente feridas 440 e ligeiramente feridas 1.690.

#### Números Demasiado Elevados

Na tabela seguinte resume-se os números dos sinistrados devido a acidentes de tráfego, entre 1991 e 1995, por grupos etários.

Sinistrados Grupo Etário	Feridos Ligeiros	Feridos Graves	Mortos
Menos de 10 anos	102	13	3
De 11 a 17 anos	276	67	4
De 18 a 24 anos	483	121	10
De 25 a 40 anos	381	91	6
De 41 a 64 anos	305	94	7
Mais de 64 anos	143	54	10
TOTAL	1.690	440	4 0

Fonte: Relatório da Acidentologia no Concelho de Oeiras, C.M.O. 1995.

Figura XI-2: Números dos sinistrados em Oeiras devido a acidentes de tráfego, entre 1991 e 1995.

# Necessário Prevenir o Acidente

A qualidade de vida e o desenvolvimento sustentável de Oeiras exige que se reduza fortemente o volume de sinistrados. Propõe-se que a segurança viária seja uma área prioritária de intervenção.

# Corrigir os "Pontos Negros"

Existem na Câmara Municipal (DHI/DEP) estatísticas detalhadas sobre a acidentologia no Concelho que permitem um conhecimento bastante aprofundado dos principais locais dos acidentes, causas e tipos de veículos envolvidos, sendo possível seleccionar medidas de correcção destes "pontos negros".

# Reduzir os Atropelamentos

Em 1995 registáram-se 149 atropelamentos de que resultaram 103 feridos ligeiros, 32 feridos graves e 5 mortos. Pelas suas dimensões e consequências graves trata-se de um aspecto sectorial a tratar com a máxima atenção. Os cinco locais mais perigosos do concelho neste aspecto são:







5

#### Nº de Atrop. em 1995 Os Locais Mais Perigosos para Atropelamentos: 9 Avª dos Bombeiros Voluntários (Algés) 8 Rua Damião de Góis (Algés) 7 Avª de Portugal (Carnaxide) 5 Avª 25 de Abril (Linda-a-Velha)

# Os Arruamentos Mais Perigosos para Acidentes

Rua Direita (Dafundo)

Os dez arruamentos mais perigosos do Concelho, ou seja, onde ocorreram mais acidentes viários em 1995 são os indicados na figura seguinte. O padrão dos locais é bastante semelhante a anos anteriores.

ARRUAMENTO	LOCALIDADE	Número Acidentes em 1995
Av. Bombeiros Voluntários	Algés	82
Av. 25 de Abril	Linda-a-Velha	49
Av. Forte	Carnaxide	39
Rua da Figueirinha	Oeiras	30
Av. Portugal	Carnaxide	29
Av. Marginal	Dafundo	27
Estrada da Outorela	Carnaxide	26
Alameda António Sérgio	Linda-a-Velha	23
Rua Damião de Góis	Algés	21
Av. da República	Oeiras	19

Fonte: Relatório da Acidentologia no Concelho de Oeiras, C.M.O. 1995.

Figura XI-3: Os arruamentos com mais acidentes viários e respectivo número em 1995.

# **6.2 Outros Impactes Ambientais**

O ambiente natural sofre sempre impactes negativos com a introdução de qualquer infraestrutura de transporte assim como com o fluxo de tráfego. Assim, para este sistema, quanto menos infraestruturas e tráfego melhor.

Existem porém diferentes modos de transporte, que em termos relativos se comportam melhor ou pior. A comparação ambiental entre os transportes rodoviários e ferroviários pode-se resumir na figura seguinte para os parâmetros ar, água e solo.





	Transporte Rodoviário	Transporte Ferroviário
Ar	<ul> <li>Combustão de produtos petrolíferos:  —&gt; Emissões de NOx, CO, CO2, COV  —&gt; Impactes no ambiente e na saúde.</li> <li>Emissões de NOx e COV:  —&gt; Origem à formação de O3 na troposfera.  —&gt; Efeitos negativos</li> </ul>	<ul> <li>Produção de energia eléctrica para alimentar os comboios eléctricos:</li> <li>—&gt; Emissões para a atmosfera (CO2)</li> <li>—&gt; Efeito negativo</li> <li>Comboios a diesel</li> <li>—&gt; Emissões para a atmosfera</li> </ul>
	<ul> <li>Uso e libertação de combustíveis e aditivos para a atmosfera:</li> <li>—&gt; Emissões de Chumbo e COV</li> <li>—&gt; Efeitos negativos</li> </ul>	
Água	<ul> <li>Águas de drenagem pluvial das estradas, com solventes, óleos, etc:</li> <li>Poluição das águas superficiais e das águas subterrâneas.</li> </ul>	<ul> <li>Existência da Infraestrutura:         <ul> <li>Modificação dos sistemas hidrológicos.</li> </ul> </li> </ul>
	• Emissões de NOx e SO2:  —> Conduz à acidificação da água.	,
	Existência da Infraestrutura:     Modificação dos sistemas hidrológicos	×
Solo	Construção de estradas:     —> Consumo de solo     —> Fragmentação e perca de recurso	<ul> <li>Transporte de materiais perigosos:</li> <li>—&gt; Risco de acidentes</li> <li>—&gt; Poluição do solo.</li> </ul>
	Emissões de NOx e SO2:     —> Conduz à acidificação do solo.	
The Deb	Eliminação dos veículos e materiais associados:     Problemas de contaminação dos solos pelos resíduos.      Problemas da contaminação dos solos pelos resíduos.      Problemas da contaminação dos solos pelos resíduos.	,.

Fonte: The Dobris Assessment, Pagina 435; European Environmental Agency, 1995.

Figura XI-4: Comparação das consequências ambientais dos transportes rodoviários e ferroviários para ps elementos naturais ar, água e solo.

# Concretizando para o CO2

Concretizando um pouco em relação às emissões de CO2, estima-se que sejam as seguintes as emissões de CO2 por passageiro transportado (em gramas por passageiro Kilometro).

Modo de Transporte	Emissões de CO2 por Passageiro Transportado (gramas / passageiro km)		
Automóvel Ligeiro	133 a 200		
Comboio	39 a 78		

Fonte: The Dobris Assessment, Pagina 437; European Environmental Agency, 1995.

Figura XI-5: Emissões de CO2 por passageiro Km transportado em automóvel e em comboio.





#### CO2 de Oeiras-Lisboa-Oeiras

Assim, uma deslocação de Oeiras a Lisboa e regresso a Oeiras teria aproximadamente as seguintes implicações por modo de transporte:

Automóvel individual

3 Kg de CO2

Comboio

0,8 Kg de CO2

Os custos ambientais são bastante menores no caso do comboio. Estes custos em regra não são suportados pelo utente. Uma estimativa efectuada na Alemanha sobre as externalidades negativas de vários modos de transporte aponta valores da seguinte ordem de grandeza:

Passageiro (Escudos por 1.000 passageiros Km)	Ar	CO2	Ruído	Acidentes	Total
Automóvel	3.000\$00	900\$00	200\$00	2.400\$00	6.500\$00
Comboio Eléctrico	150\$00	400\$00	70\$00	280\$00	900\$00

Fonte: The Dobris Assessment, Pag. 444; European Environmental Agency, 1995. Valores estimados com base nas características da Alemanha, para o ano de 1993.

Figura XI-6: Estimativa de custos ambientais não suportados pelo utente.

Grosso modo, numa viajem de Oeiras a Lisboa e regresso a Oeiras pode dizer-se que os custos transferidos pelo utente para o sistema ambiental e social são os seguintes:

#### Externalidades Oeiras-Lisboa-Oeiras:

- Uma viajem de automóvel e por pessoa cerca de 140\$00
- Uma viajem de comboio e por pessoa cerca de 20\$00

Trata-se de números a considerar com as devidas cautelas, já que se baseiam em cálculos efectuados para uma realidade (RFA) diferente da existente em Oeiras. No entanto eles transmitem uma ordem de grandeza.

# Meio Milhão de Contos em Externalidades/Ano ?

Como ordem de grandeza pode-se dizer que as deslocações efectuadas pelos Oeirenses para Lisboa por automóvel, num ano, geram custos ambientais e sociais, não suportados directamente pelos próprios utentes, que se cifram provavelmente na ordem de grandeza do meio milhão de contos, no qual não se inclui os efeitos do acréscimo de congestionamento em Lisboa.





#### **CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES** 7.

O sistema de transportes está intimamente relacionado com a localização das actividades no território, possui profundas consequências para o funcionamento competitivo das empresas e para a interacção social da população e gera impactes ambientais muito significativos.

# Avaliar Consequências sobre o Sistema de Transportes

Para além das recomendações referidas ao longo dos pontos anteriores, julga-se importante que qualquer proposta de desenvolvimento ou quaisquer outras iniciativas para a transformação do usos do solo sejam avaliadas também pelas consequências que geram sobre o sistema de transportes.

# Consequências Confrontadas com Objectivos Ambientais

As consequências geradas pelas iniciativas devem ser confrontadas com objectivos de mobilidade sustentada e ser aferido o significado dos seus impactes ambientais gerados pela via do sistema de transportes.

# Alguns Objectivos Ambientais

De entre os objectivos ambientais relacionados com o sistema de transportes contam-se por exemplo:

- Redução da necessidade de deslocações.
  - Através da mistura funcional de actividade complementares;
  - Através do reaproveitamento, sempre que possível, dos espaços no interior dos tecidos edificados, evitando a instalação de actividades fortemente geradoras de tráfego fora das áreas construídas;
- Transferência de passageiros para modos de transporte ambientalmente melhores.
  - Para os transportes públicos (cujo nível de serviço terá de ser aumentado);
  - Com interfaces de qualidade e parques de estacionamento;
  - Para as bicicletas, em curtas distâncias;
  - Para as deslocações a pé, em condições de conforto.
- Aumento da segurança e do conforto ambiental no interior das localidades.
  - Redução de riscos de acidentes, nomeadamente de atropelamentos;







- Ausência de trânsito de passagem no interior dos bairros residenciais e existência de vias periféricas;
- Introdução de medidas de redução de velocidade ou de acalmia do tráfego local;
- Redução do ruído;
- Redução de emissões poluentes;





# PRINCIPAL DOCUMENTAÇÃO CONSULTADA

#### Sobre o Clima

- KURT PATERSON (1996); Local Wind Systems. Lecture 9. Na Internet
- ORLANDO RIBEIRO, HERMANN LAUTENSACH e SUZANNE DAVEAU, Geografia de Portugal. O Ritmo Climático e a Paisagem. Edicões Sá da Costa.
- O Clima de Portugal. Normais Climatológicas da Região de "Ribatejo e Oeste", correspondentes a 1951-1980. I.N.M.G.

#### Sobre o Ar

- "Acta da Reunião Preparatória da Elaboração do Plano OEIRAS 21 referente ao Sistema Ambiental"; 12 de Julho de 1996, Oeiras 1996.
- "Relatório da Campanha Especial de Caracterização da Qualidade do Ar na Escola Secundária Aquilino Ribeiro em Oeiras de 21 a 29 de Marco de 1996": Instituto de Meteorologia, Lisboa 1996.

# Sobre a Geologia, Hidrogeologia e Recursos Hídricos

- Carta da Classificação dos Sistemas Aquíferos do Concelho de Oeiras. C.M.O. Serviços de Planeamento. Escala 1/10000.
- · Carta da Permeabilidade das Formações Geológicas do Concelho de Oeiras. C.M.O. Serviços de Planeamento. Escala 1/25000.
- Carta Geológica de Portugal e Notícia Explicativa. Folha 34C. Escala 1/50000

# Sobre os Solos

- BONZEL, A. (1992): Begrenzung der Bodenversiegelung.- em: DIFV Beiträge zur Stadtforschung, N° 8, 444p.; Berlim, RFA.
- · CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS (1992): Plano Director Municipal, Relatório 128 p; Oeiras.
- EUROPEAN ENVIRONMENT AGENCY (1995); Dobris Assessment Europe's Environment; EEA, União Europeia.
- SCHEFFER, F. et. al. (1984): <u>Lehrbuch der Bodenkunde</u>, 442p.; Stuttgart, RFA.
- WILLIAMS, R. (1995): Contaminated Land A Problem for Europe. em: Recycling Derelict Land, Vol. 1, p. 19 - 24; Essen, RFA.





# Sobre a Orla Costeira

- CALIXTO. Fortificações Marítimas do Concelho de Oeiras. Edição da Câmara Municipal de Oeiras.
- CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS; Agenda Cultural de Verão; C. M. O., 1995.
- · CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS; Plano de Salvaguarda do Património Construído e Ambiental (PSPCACO). Departamento de Planeamento e Gestão Urbanística da C. M. O. 1995.
- · CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS; Programa de Referência. Intervenção na Orla Costeira. Ordenamento do Litoral. Protocolo CMO/ APL. Gabinete de Desenvolvimento Municipal. C. M. O., 1995.
- CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS. Retratos de Oeiras. Publicações DSA. Oeiras. 1994.
- CARVALHO & BARCELÓ. Agitação Marítima na Costa Oeste de Portugal Metropolitano. LNEC, Mem nº 290, 1966
- Estudo de Impacte Ambiental. Reenquadramento. Dragagem do Canal de Acesso ao Porto de Lisboa. Administração do Porto de Lisboa.
- Estudo de Impacte Ambiental. Reenquadramento. Obra de Fecho da Golada entre a Cova do Vapor e o Bugio. Administração do Porto de Lisboa.
- FERREIRA, H. AMORIM. O Clima de Portugal Fascículo XIII. Serviço Meteorológico Nacional, 1970.
- MACHADO, V. Estudo Ambiental do Estuário do Tejo. Estimação dos Valores Sociais para o Estuário do Tejo. Secretaria de Estado do Ambiente e Recursos Naturais.
- OLIVEIRA, J. S. Manual do Utilizador/Gestor Autárquico. Direcção Regional de Turismo e Ambiente. Região Autónoma dos Açores.
- OLIVEIRA, RICARDO. Contribuição para o Estudo do Estuário do Tejo Sedimentologia. LNEC, Mem nº 296, 1967.
- RESIO. Aditional Information on Wave Environment at Sines, Portugal, U. S. Army Corps. of Engineers, 1980.
- SHUVAL, N. Telassogenic Infection. Health Effect Associated with Microbial Contamination of Marine Bathing Water and Shellfish Growing Areas. WHO/UNEP Meeting in Sallonica. 1985.

# Sobre Abastecimento de Água e Drenagem de Águas Residuais

• "Anuário Estatístico da Região de Lisboa e Vale do Tejo, 1993 e 1994", INE, 1994 e 1995.



- CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS; <u>Plano Director Municipal de Oeiras -- Programa-Base</u>, CMO, 1989.
- CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS; <u>Problemas Ambientais no Concelho de Oeiras;</u> GDM/CMO, Abril 1994.
- GABINETE DE SANEAMENTO BÁSICO DA COSTA DO ESTORIL, "Saneamento da Costa do Estoril", MARN, 1994.
- "Inventário Nacional de Saneamento Básico ISBN 1994; Fichas de Recolha de Dados; Concelho de Oeiras"; Instituto da Água, Janeiro 1996.
- "Serviços Municipalizados de Água e Saneamento de Oeiras e Amadora", SMAS, 1996.

#### Sobre Ruído

- CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS, "Informação Nº 129/96/G.P.C. da C M O sobre Tipologia de Eventuais Queixas das Populações sobre barulhos ou Ruídos"; CMO, 17.07.1996.
- "Dados sobre Reclamações de Ruído no Concelho de Oeiras"; Direcção Regional do Ambiente e Recursos naturais de Lisboa e Vale do Tejo; Lisboa, 9 de Setembro de 1996.
- Decreto-Lei nº 251/87 de 24 de Junho, com a nova redacção que lhe foi dada pelo Decreto-Lei nº 292/89 de 2 de Setembro.
- "Plano Nacional da Política de Ambiente"; Ministério do Ambiente e Recursos Naturais, Lisboa 1994.